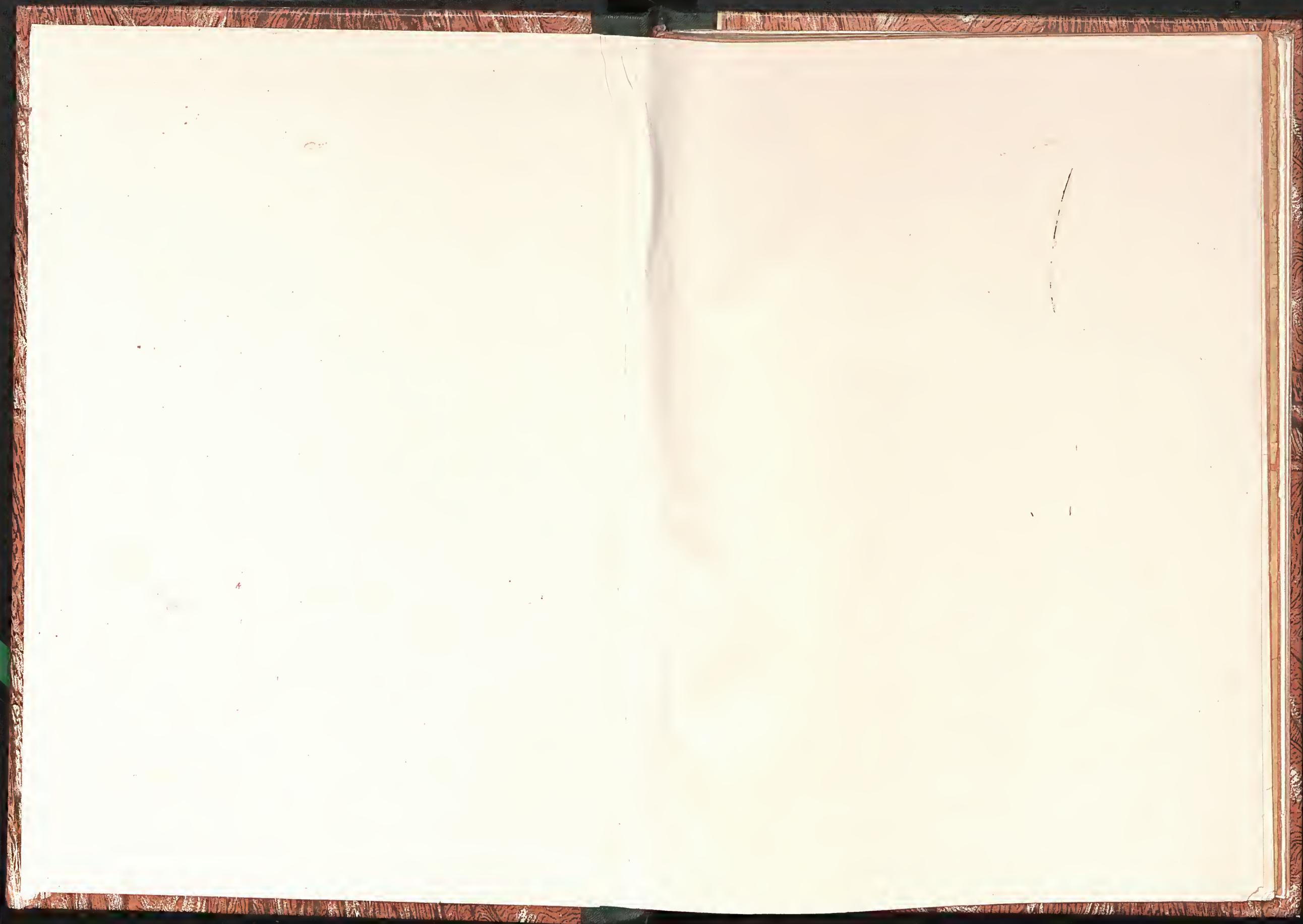


JAGUARÃO ILUSTRADO

1900 - 8 revistas





Pharmacia Popular  
DE  
Candido Villas-Bôas  
Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves  
JAGUARÃO

Armário La Central  
DE  
Armando Gonzalez  
Rua 15 de Novembro N. 24  
JAGUARÃO

JOSE HIPOLYTO GARCIA  
Executa com nitidez e perfeição pelos processos mais modernos todos os trabalhos concernentes a sua arte.  
Especialidade em retratos de crianças por mais irrequeridas que sejam.  
RETRATOS A CRAYON  
Todos os trabalhos são garantidos  
Preços sem competencia  
Rua 15 de Novembro N. 32 - Jaguarão

Jaguarão, 1 de Outubro de 1900.  
JAGUARÃO  
ILLUSTRADO  
Orgão Literario, Scientifico e Artístico  
PUBLICAÇÃO SEMANAL  
Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A  
Preço do num. avulso, 500 rs.  
Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500  
Anno 1 Fasciculo N. 1

CURVESARIA  
DE  
Terencio Ferreira de Freitas  
Nossa acreditada officina apprompta-se com esmero e a preços módicos qualquer trabalho concernente á arte  
Compre-se novo e presta velha, pagando os mais altos preços da praça  
Rua 15 de Novembro N. 29 - Jaguarão

Professor de piano  
Rua Dr. Carlos Barbosa n. 14  
Jaguarão

A METRALHADORA  
DE  
Affonso Barbosa & Comp.  
Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a quo vende a  
PREÇOS SEM COMPETENCIA  
Rua 15 de Novembro n. 77  
Jaguarão

Moreira & Comp  
Casa especial de fumaças  
Deposito permanente de tudo quanto é com  
cimento a fumantes, objetos de escriptorio,  
brevetes e variedades.  
Rua 15 de Novembro n. 32  
JAGUARÃO

# HOTEL DO COMMERCIO

—DE—  
Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cozinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

## LA URUGUAYA

DE  
Adolpho Miralles

N'esta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito o se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha do melhor.

Preços sem competencia  
42 — Rua 15 de Novembro — 42  
Jaguarão

## “Ao Seculo XX”

Loja de fazendas, roupa feita, artigos do basar e miudezas.

— VENDER A' DINHEIRO —  
E' nosso lema: Ganhar pouco para vender muito.

8 — Rua 15 de Novembro — 8  
Jaguarão

## Officina de Calçados SERIGOTES E CORREAMES

DE  
Augusto Wiener

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade e que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia, tanto nos preços como na qualidade dos materiaes empregados na confecção dos artefactos dos seus diversos ramos.

43 — RUA 27 DE JANEIRO — 43  
JAGUARÃO

## CASA DE JOIAS DE

Arroque, Santos & C.

Relojaria e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo habéis artistas executa todo e qualquer concerto de relógios, bem como promptifica obras de ouro e prata por mais delicados que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 — Rua 15 de Novembro — 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO

Rua 15 de Novembro N. 73a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 1º de Outubro de 1900

FASCICULO I

## Commaendador Azevedo

—( : )—

A deficiencia de dados nos inibe de escrever a biographia do illustrado e humanitario medico Commaendador Dr. José Maria de Azevedo, cujo retrato honra hoje as paginas do nosso semanario.

Sabemos apenas que nasceu na Bahia—berço do inspirado cantor dos Escravos, aos 25 de março de 1832.

Que fez em 1852 a campanha de Monte Caceres contra o ditador Rosas, e na qualidade de medico [a do Paraguay, em proveito da qual declinou, dos seus honorarios.

Que é coronel honorario do exercito e devidamente distinguido com as commendas da ordem da Rosa e da de Christo e condecorado com as medalhas desta ultima campanha.

Como medico, foi sempre distinguido por seus collegas e estimado por este povo em cujo seio ha tantos annos vive cercado do respeito e da admiração de todos.

Como escriptor, conhecemos apenas algumas composições poeticas de subido valor e um bello discurso lido na Igreja Matriz desta cidade por occasião do fallecimento do conego Joaquim Lopes Rodrigues e mandado imprimir pelo seu distincto collega Dr. Carlos Barboza Gonçalves.

Eis tudo quanto sabemos. Perdôe-nos o humanitario medi-

co se offendemos a sua modestia com a publicação do seu retrato e d'estas pollidas linhas que o acompanham, e pedimos lhe que não veja nesta indiscreção mais do que uma sincera e justa homenagem á sua probidade medica, ao

as sombras que passam sem te lembrares de mim:

Eu sei... Te cercam o leito as merificas vizzes, e palpita o teu regaço ao beijo das viraçes.

Mas, en, Iná, que te adoro não tentarei te acordar...

En vou fozinho no ermo, em ti saudoso pensar!

Irei contando ás estrellas, contando ao fio luar, as minhas dores occultas, o meu profundo pezar.

Irei espalhando magoas em cada sombra que vejo, pois que não ellas o orvalho que alimenta o meu desejo.

Irei recontando dores, desfiando os prantos meus, que nem valem um sorriso, um só dos sorrisos teus!

E porque? Sabes acaso medir a vasta extensão, que ha entre a—lagrima e o riso.—entre a—feste e a solidão?

Pergunta á treva medonha, indaga aos lumes dos

ceus, porque vivem tão opposto, sugeitos a lei de Deus. Indaga a causa divina desse contraste sem fim; mas, porque de ti n'e affastado, ai! não perguntes a mim!

Fôra impossivel diser-te sem machucar denro d'alma de meu destino uma folha.—de tra c'róa uma palma!...

Eis porque, nas horas mortas quando o arvoredo cieia, e a lua dorme no espaço, como uma lagrima fria; eu venho sentar-me ao ermo, e de olhos fitos nos ceus, meiga Iná,—nos meus amores murmuro o ultimo — adeus.

Lobo da Costa



seu amor patriótico, ao seu caracter immaculado de cidadão.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

A eternidade é um dia sem vespera e sem manhã.

## Luares e sembras

Agora, que a terra é muda e o céu palpita a sonhar, eu vou ao ermo, em ti saudoso pensar.

Eu sei que dormes, envolta em sonhos meigos sem fim, sorrindo

Ao encetar a publicação deste semanario, cumpre-nos traçar a linha de conducta que pretendemos seguir se, como esperamos, não nos faltar a necessaria pro- teção do publico.

Baldado seria nosso intento se confiássemos unicamente nas nossas forças para levar avante a ardua tarefa á que hoje nos impuzemos.

A promessa de cor- roboração de intelligentes e apreciavos escriptores nos animou a fazel-o; e ardentemente nos esforçaremos no sentido de ir tornando o nosso modesto semanario uma publi- cação ca paz de preencher a lacu- na de que se ressen- te o nosso meio pela falta de um jornal illustrado.

Publicando-o pois, não o arvoramos como bandeira de partido, o levantamos, á luz da imparcialidade, como uma tribuna popular, onde poderão falar os sectarios de todas as doutrinas, os partidarios de todas as crencas, fazendo unicamente elisão da politica e das questões pessoais, e exigindo imprescindivelmente de todos que nos quizerem honrar com o concurso da collaboração a justa observancia aos preceitos sublimes da Moral.

As difficuldades que sempre se anteparam aos primeiros passos de qualquer empreza, nos inhi- biram de apresentarmos desde já a secção illustrada de nosso semanario como pretendiamos; mas em breve, se o apoio do publico, como dissemos, não nos faltar, tere- mos alcançado a realisação do nos- so desejo.

Sobeja em nós a força de von- tade: preste-nos o illustrado pu- blico o seu nobre concurso: o Ja- guarão verá em breve preenchido o vacuo de que se ressen- te.

### A VOLTA

A ti, sempre e sempre a ti.

Ó Louva Amada, escuta: — não perrece o primeiro cantar de um puro amor; pode perder o primitivo ardor, mas não morre de todo, não fenece.

Inda bem sinto n' alma que estremece a fibra que encantou, com seu fulgor, o teu magico olhar, m' a flor: inda sinto que vive e não te esquece.

Vive co'o mesmo affecto, mesmo encanto, o despertar primeiro de meu canto, de meu canto de amor por ti, criança!

Vollaste!... tudo vós triste, nublado e só meu coração, não transformado, embala — e vos sonhos da Esperança!

(Dos — Quadros de Bagé.—)

L. Pennafiel.

### QUE SERA'?

Não o conheceis?

E' um exercito.

E sempre em pé de guerra, de ha 4 seculos para cá.

Todavia, um exercito original.

Os soldados são de chumbo e antinomia e combatem imóveis.

O estandarte é feito de trapos. O lemma *Liberdade e Luz*.

O quartel não possui uma arma de fogo, nem um cartucho de pol- vora.

Todo e qualquer pode arvorar- se em general, de um dia para ou- tro, contanto que seja um ce- rebro pensante e saiba dizer.

O acampamento onde se fere a grande batalha de luz, tanto póde ser uma rua, como uma praça, uma casa, como um trem, o oceano como os continentes, uma cabeça como um coração.

Esta luz não se propaga sem sangue, que inunda a soldadesca; mas sangue preto.

Ainda não conheceis a mysterio- sa individualidade?

E' a imprensa. A im- prensa é o exercito.

Os soldados são os ty- pos, o estandarte o jor- nal, cuja missão é luz e liberdade, o quartel a ty- pographia, os generacos os redactores; o campo belligerante a sociedade; o sangue é a tinta bene- fica que dá voz a esses soldados de chumbo. Ha quatro seculos que este exercito combate pela luz. E ás vezes tambem pelas trevas contra a luz.

Padre Senna Freitas.

A imprensa faz praticar o bem, tanto que muitas obras de caridade devem a sua ori- gem ao desejo que muitos nu- trem de ver o seu nome im- presso.

### Uma pagina de Milton

(Poeta Ingles)

Livro IV

(Tradução de Nilo Barboza)

Salve, oh sacro Hymeneu! Fon- te feliz da linhagem humana! Puro então de todo impulso de con- cupiscencia, da mão propria do Omnipotente sahiste e ainda que logo o fumo impuro do peccado, algum tanto tenha escurecido teu lustre, sempre santo, protegido pela lei divina, és manancial fe- cundo, destinado á dar ao mundo deserto, habitantes racionais e á seu Senhor adoradores eternos! Tu d'esta vida curta no caminho és, em geral, destino util da Hu- manidade e, si algum tem graça tal do Senhor, tal fortaleza, que imitando a pureza angelica, de teus consolos licitos abstem, faz á Deus o maior sacrificio!

Salve, pois, oh tu, origem da so- ciedade humana! Antidoto nobre do vicio! Propriedade unica da idade primeira da innocencia, na qual o restante era commum!

Dá ti dimana todo la- ço social e pelo imperio teu o homem, á quem o céu teu jugo sagrado des- tinou exclusivamente, desterrou o adultério en- tre os brutos, como os amores vagos e d'outros vicios a torpeza, com to- dos seus horrores! Só tu união és verdadeira e pu- ra! a Ração ampara-a como approva-a a Natu- resa! Só tu, refreando as paixões, estabeleces as relações doecs, os no- mes caros na Humani- dade, d'esposos, paes, fi- lhos e irmãos laços que á um tempo bem publico lavram e satisfazem a di- ta privada!

Para ti sômente suas frechas d'oiro o amor casto reserva e suas asas de purpura conserva!

Para ti é de seu archote o fogo ardente, não já dos sentidos vis- lumbre passageiro, si não flamma verdadeira e pura das almas. Quão distante está daquelle fogo impu- ro, tão sem razão amor chamado, já do vicio nascido, já comprado e d'aquelle outro affecto deliran- te, que disfarçado com o manto escuro da noite, faz dura sentinela á um baleão e respira freneti- co, tiritando ao compasso de sua harpa ou lyra, a seducção torpe que desvela-o! Longe tambem de ti as caricias enganosas, alimen- to da desordem e prazeres, em- briaguezes d'um instante com que, eevada a juventude louca, victi- ma de mil penas dolorosas, se vê, enfim, sacrificada.

Não eram taes os laços que uniam o par innocente! do rouxi- nol ao canto melodioso arralha- dos, tranquillos, docemente dormi- am no leito seu, a nudez cobria o rocio oloroso da flores, que, ca- hiam do tecto ena fadiga preceden- te abandonando, reparavam forças que assim diariamente re- novavam.

### Mystico e carnal

Ao Alvaro Martins.

Branças santas do luar divino, Alouras doces da celeste altura... Tudo que seja claro e crystalino Que falle dessa meiga Creatura...

Cante o Perfume os ares incensando!... Vibre e Som, vibre a Cór alacremmente... E o Angelus cante sonoramente Em prôl d'Aquella a quem eu rico amando...

Que tudo emfim, religiosamente, Fallando n' Ella se ajoelhe e possa Ouvir cantar a sua carne moça...

Carne que é de marmor e de alabastro, Carne que lembra a luz viva dum astro, Carne que fallu, es:repitosamente...

E. J.

Por amavel, em doce paz des- cansa! Serás ditoso sempre, si com se-lo qual o és, te contentas e saber mais que sabes, jamais ten- tas!

15-9-900-

O lugar que os homens occupam na existencia melo-se pelo vicio que deixam.

### JAGUARÃO ILLUSTRADO

Gutenberg é o homem por ex- cellencia, é o typo excepcional que a humanidade ten, produzido até hoje, na escala das letras. Na humildade e no silencio do mos- teiro cogitava sempre, todas as potencias de sua graciosa alma attingião um unico objectivo, se agrupavão num só ponto, miravão e mais perfeito ideal, a obra mais sublime do saber humano.

Tudo naquelle cabeça revolvia- se, parecia que desde as plantas dos pés até o apice do mais salien- te fio de cabello corria um não sei

que de mysterioso que punha o homem esque- cido do lugar, do mostei- ro do mundo, até de Deus. Um trovão deto- nado naquele momento de ouro, naquelles pre- ciosos minutos, não o fa- ria pestanejar, não o deslocaria um milimetro do espaço occupado por aquelle todo humano.

Qual Archimedes, olvi- dado de si proprio, entre- gue ás altas concepções geometricas, tão abstrac- to que nem mesmo senti- u a lança do soldado que o prostrara para sempre. Guttemberg me- ditava sempre cogitava... seo genio voava fenden- do ares de outras espes- cios de horizontes desco- nhecidos... e quando to- das as forças se reuirião

naquelle supremo momento e as faculdades se colligavão podero- sas, inexpugnaveis, inconcussas, e quando aquella aguia ou melior aquella aguia lynce alteou, alteou, alteou bem longe o seo vôo enxergou, lá, a'em, muito além, um astro de nova categoria que pouco a pouco ia avolumando-se. Então Guttemberg como que sahindo de um profundo lethargo, toca com a mão descarnada aquella fronte sublime e faz saltar de den- tro a magestosa, a incomparavel e a nunca assaz celebrada Im- prensa.

Esta luz desp'endida do seo grande cerebro irradiou em toda a parte produzindo o livro e o jor- nal, fontes inexauriveis de tudo quanto ha de bom e de tudo quanto ha de máo. Cada livro que apparece é o genio de Guttenberg que erradia, cada jornal que se publica é o mesmo genio trilhan- do sempre as sendas intermi- naveis do progresso a aguia es- pancando as trevas da ignorancia e do scepticismo. O Jagua- rão Illustrado é uma irradiação de grande genio e encetando o seo primeiro anno de existencia nas

l. des jornalisticas irá dar aos leitores mais uma ocasião de mudarem de sabor litterario, orientando-os no bello das letras, no sublimedose conceitos, no progresso das sciencias e das artes; finalmente no conhecimento de Deus e do mundo. Todo o meo desejo é que este novo orgão da imprensa jamais se afaste dos principios da sã moral e da civilização fazendo convergir os entendimentos de todos os seus leitores e assignantes para os conceitos moraes, intellectuaes, litterarios, religiosos e scientificos, emanados dos seus illustrados e intelligentes colaboradores. Vida longa e numerosos assignantes deseja-lhe.

Um noviço.

*A duvida é o tumulto da fé e o berço da sciencia.*

## SUICIDIO CURIOSO

Certo sujeito, enfadado de viver, deliberou suicidar-se, e para tornar infallivel a sua morte, tomou as mais minuciosas medidas.

Inabalavel no seu funesto desígnio, encaminhou-se para a praia munido de uma escada de mão, de uma corda, de uma pistola carregada, de um frasco de veneno e de uma caixa de phosphoros.

Deitando a vista em redor de si, enxergou uma estaca, que, enterrada a poucos passos, elevava a extremidade fóra d'agua: a ella encostou a escada, e subindo amarrrou ao topo a corda, com a qual fez um nó á reida do pescoco, tomou o veneno, accendendo um phosphoro, deitou o fogo ao fato; feito isto, applicou a booca da pistola ao ouvido e deu um pontapé na escada.

Porém, n'este momento, supremo, tremeu a mão quando dava ao gatilho; a bala, em lugar de

penetrar-lhe na cabeça, cortou a corda, e o desgraçado cahiu n'agua, apagando-se-lhe assim o fogo que lavrava na sobrecaaca.

A dóse de agua salgada que teve de engulir, obrigou-o a vomitar o veneno, que ainda não tinha produzido effeito.

Perdidas as esperanças de morrer, foi-se para cas convencido de que ainda não era chegada a hora fatal.

(Ext.)

*Se o desinteresse não é a primeira das virtudes, ao menos é de todas a mais rara.*

O  
Jaguarão Illustrado  
Cumprimenta  
SEUS COLLEGAS

Capella da  
Apparecida

EM  
GUARATINGUETÁ

— (:: ) —

«Na distancia de quatro kilometros da cidade de Guaratinguetá, fica o Sanctuario de N. S. da Aparecida, situado em logar elevado, a 670 metros de altura, distante um kilometro da estação da estrada de ferro Central do Brasil e offerecendo um lindissimo panorama.

E' accessivel por duas ladeiras que se sobem, ou a pé, ou por meio de trollys, que conduzem diariamente centenas de devotos, que em romaria á milagrosa Santa, levam offertas, algumas de elevado valor.

A Igreja, que está situada na pequena praça Dr. Lycurgo, com a frente voltada para o rio Parahyba, é um templo grande, de feio aspecto, com duas torres um relógio do lado direito, cinco janel

las de frente e tres portas, sobre duas das quaes leem-se as datas 1846 e 1848, e que dão para um gradil, que fecha o adro.

O interior da Igreja é simples e despido de obras de talhe. Nel-le se vê, no camarim do altar mór, que é de marmore, a imagem de Nossa Senhora da Aparecida, tendo em cima as estatuas da Fé, da Esperança e da Caridade. No presbyterio ha seis tribunas.

No corpo da Igreja ficam dous altares, o da direita com a Imagem de Sant'Anna e o da esquerda com a de S. Francisco. Possui seis nichos com S. João Evangelista, S. José, Santa Isabel, S. Joaquim, S. Bernardo e S. Elias, estes dous ultimos acima dos pulpitos. Tem mais oito tribunas e 14 quadros da Via Sacra.

Do lado do Evangelho fica a Capella do Santissimo Sacramento, com a Imagem do Sagrado Coração de Jesus. Na parte superior, por cima dessa Capella, fica a de Nossa Senhora das Dóres, com uma Imagem doada pelo Dr. Ferreira Vianna.

Nos fundos existe uma sala repleta de retratos de devotos, gratos á Maria Santissima pelos milagres feitos.

Em um sobrado, ao lado da Matriz, fica a casa que serve de convento aos padres redemptoristas.

O arraial é feio, tem 300 casas, quatro hoteis, 20 restaurants, tres typographias, e em construção um vasto edificio destinado a Lyceo de Artes e Officios, edificio gigantesco que, concluido, ficará sendo um dos maiores do Brazil, pois, tem 100 metros de comprimento sobre 80 de largura. Esta obra foi iniciada pelo Bispo de S. Paulo D. Lino Deodato e está sendo concluida á expensas do Sanctuario, cuja renda tem attingido a 300.000\$ annualmente de dadas feitas pelos devotos.

A festa da Padroeira é celebrada a 8 de Dezembro e no mez de Maio, e a de Sant'Anna em Julho.

A dous kilometros do arraial fica a capellinha de Santa Rita.

O arraial é illuminado á luz electrica. Para se calcular o grande numero de devotos que afflue dos pontos mais afastados em piedosa romaria ao Sanctuario, basta citar o rendimento da estação da estrada de ferro, o qual attinge a um conto de réis diariamente.

Dos altos cimos em que está assentado a poetica Igreja desdobra-se um encantador panorama. Ao longe a altiva e azulada Mantiqueira, escondendo nas esbranquiçadas nuvens seus nevados cimos; depois manadas de rebanhos, que pastam aqui e alli; no meio o Parahyba, o antigo rio da escravidão, em caprichosas voltas, espreguicando-se por entre pobres e escuras casinhas de sapé, assentadas em suas margens; e muito perto a bella cidade de Guaratinguetá com as torres de suas Igrejas elevadas para o Céu.

(Cont.)

*Se todo homem perdoasse ao proximo as faltas que a si proprio perdoa, então nós viveríamos num mundo ideal.*

## Liberdade Espiritual

O *Jornal do Estado* deparou-nos a carta abaixo, do talentoso escriptor C. Nunes Nogueira.

Julgando-a de oportunidade, a reproduzimos e no numero seguinte do nosso semanario publicaremos o brilhante discurso pronunciado em Porto Alegre pelo desembargador Antonio A. Ribas na sessão de instalação da grande Associação Beneficente de Senhoras.

Essa magistral peça oratoria consagra alguns topicos abundando nas mesmas ideas externadas pelo autor da carta no sentido de

desvendarem os mysterios em que a Maçonaria envolve seus trabalhos.

Eis a carta:

«O homem se torna cada vez mais religioso»

Na qualidade de vosso assignante li, cidadãos redactores, o artigo *Liberdade Espiritual*, em que dignamente exprimis «a dolorosa impressão que causou em vossa alma o protesto da maçonaria contra o acto do bisporio-granden-se recusando administrar sacramento a um maçõ»

A satisfação que causou-me a vossa coherencia politica nessa defeza da liberdade espirital, tão explicitamente consagrada no sabio estatuto de 14 de Julho, dita-me o dever de vos apresentar meus fraternas parabens. Apreciastes com lucidez e justiça a situação do catholicismo livre na Republica e opprimido no Imperio

Com a vossa permissão agora mostrarei de que lado se devem manifestar as sympathias de todos que professam uma religião, neste opportuno conflicto que está sendo levantado pelo protesto maçõico. Sei que sois maçõs, mas o programma politico de vosso interessante hebdomadario illustrado, confirmado pela vossa coherencia actual, me garantem de que achareis opportuna a livre discussão do assumpto controvertido. Entretanto os vossos votos

«secreto» vos impedirão quiza de dar circulação ao indispensavel confronto entre a efficaacia, ainda actual da acção religiosa da veneranda fé dos S. Paulos e S. Bernardos e a inocuidade manifesta dessa crystallização de um christianismo vago e dissolvente que, tão mal a proposito, promove a maçonaria ás escuras, nestes tempos de luz, na terra da liberdade.

Estando plenamente constatado pela observação philosophica que o sentimento religioso dos povos não se extingue, apenas se transforma, que a sua maior felicidade dá-se nas epochas de enthusiasmo religioso, em que o amor e a

fé cimentam uma forte disciplina moral; sendo assim, é manifesta a grande vantagem social que resultaria da formação de uma grande liga de todos que tem uma religião para a defeza permanente dos grandes principios em que assenta a ordem social.

Nascido a principio das memoraveis conferencias, no começo deste seculo, entre um eminente representante do catholicismo e o futuro Pontifice da Humanidade, este santo projecto foi trinta e um anno mais tarde proposto infructiferamente a Geral dos Ignacianos, em quem já residia então a verdadeira chefia do catholicismo decadente, por um ardoroso discipulo de Augusto Comte.

Pois bem, a maçonaria poderia despir a velha armadura carcomida na qual actualmente envolve sua ephemera e inutil existencia e propor-se secundar, ás claras, á moderna, a formação da grande liga religiosa.

Então ella perderia o character anachronico de sua quichotesca vida apparente para se elevar, talvez, á altura da gradiosa cavallaria medieval nos tempos dos legendarios cruzados.

S. Francisco de Assis, 30 de agosto de 1900.

C. Nunes Nogueira.

*A força de vontade no individuo franco chama-se capricho; no homem forte chama-se caracter.*

## A mulher

Filha ou mãe, amiga ou amante, irman ou esposa, nós nunca lhe disputamos nem o primeiro affecto em nosso coração, nem o primeiro dominio em nossa alma.

Nunca ouvireis em nossas conversações essas contendas sobre a superioridade de um sexo ou a inferioridade de outro; que em tan-

tas circunstancias tem agitado a literatura moderna.

As qualidades exclusivas do homem são necessárias para o trabalho e para a lucta; mas as qualidades da mulher são necessárias para a poesia e para o amor.

Entre nós que creamos as virgens sem mancha, de Murillo, calçadas pela lua e cingidas pelas estrelas, com as plantas sobre a terra e a fronte no ether, o sexo formoso vê reconhecidas por todas as qualidades de inspiração, de virtude, de affecto, de caridade, muito superiores sem duvida às necessárias, mas rudes qualidades do homem.

Entre nós é um dogma a idéa do amor; como em todos os nossos poetas a idéa calderoniana, de que se o homem é um mundo abreviado, a mulher é o ceo desse mundo.

A mulher reservará sempre para si a primeira e a mais fundamental educação do genero humano, a educação do sentimento, porque a mulher recebeu na sociedade o sacerdocio mais divino e mais sublime da natureza, o sacerdocio da mãe.

De mim direi que, quando me contemplo, quando examino, e sobretudo quando contemplo e examino com os olhos da consciencia os meus defeitos, quanto em mim se inclina para terra e seus abysmos, quanto dentro de mim aborrece e combate, quanto é sombra e luta, e egoismo e soberba e orgulho, a mim o devo exclusivamente; emquanto que tudo aquilo que pode haver em mim de bom, as cordas mais delicadas do coração, os affectos mais bellos da minha vida, a compaixão affectuosa, a caridade ardente, o olvíto e o perdío das injurias, o amor do bem e da honra dos meus semelhantes, o culto das idéas, tudo quanto pode elevar-me, engrandecer-me: converter-me, de um ser tão fraco e debil em um desses raros seres privilegiados, cuja passagem deixa uma

esteira luminosa e inextinguível na historia—tudo eu devo a minha mãe.

Para onde quer que volvaes os olhos, onde quer que penetres com o pensamento, no oriente e no ocaso das civilisações, no berço e no sepulchro dos povos, nos paramos do idéal e nas tristezas da realidade, fluctuando como uma estrella sobre os campos de batalha, e apparecendo como uma luz divina sobre os céos da arte, a mulher dá sempre á vida a seu mel mais saboroso, á poesia o seu matiz delicado, ao coração toda a magia do seu encanto, á dor o seu balsamo mais reparador e ao entusiasmo o seu fogo.

Vede-as: Eva, no crepusculo matutino da vida, no berço do genero humano; a Sacerdotisa, chamada estrella dos mares, no cume do Sinai com o cantico da liberdade de Israel dos desertos; Helena sobre o sepulchro de Troia; ou Ephygenia sobre o berço da Grecia; Egeria inspirando aos sacerdotes que fundam a república a idéa da liberdade; Virgínia aos plebeus que fundam a democracia a idéa da igualdade; ao pé da cruz, onde se revela o novo Deus, Magdalena representando a humanidade regenerada pelo arrependimento; e ao pé do sepulchro, onde se dissolvem os antigos deuses, Hipatia repetindo os queixumes da alma da natureza, que se evapora nos ares, entre as sombras da idade media, os olhos de Beatriz que, levam o céo da esperança ao inferno do feudalismo; entre os horrores da guerra universal, o implacavel o amor eterno de Heloisa.

Na renascença junto de Petrarca, Laura; junto de Raphael a Fornarina; junto do grande solitario, parecido no seu isolamento ao deus dos semitas, junto de Miguel Angelo, austero como os prophetas, o amor platónico e ideal de Victoria Colona; e em nossos dias, desde a pobre Margarida do

Fausto, que passa da innocencia ao peccado pelo amor, e do peccado ao céo pela oração, até a pobre senhora que passa dos sonhos da revolução aos horrores da guilhotina, todos representam o idéal que tortura, o amor que desasocega e eleva a perpetuidade de suas dores, a forma eterna de nossas artes, o eóro immortal de nossas idéas, eóro divino daquelles que, com os pés rasgados pelos espinhos collidos nos caminhos escabrosos da vida e com as frentes perdidas nos esplendores do céo, recolhem as lagrimas do genero humano, e lhe enviam, em troca, o fogo da fé e da luz, da inspiração e da esperança.

Emilio Castelar

Em directo internacional, o melhor telescopio para olhar o futuro é o coração.

## A mais bonita das tres

Ha os seus 60 annos morren na alta Hungria um velho original juiz que encontrara um meio, assaz singular, de dar que fallar de si, por muitos annos depois de sua morte.

Tinha tres sobrinhas: R., J., e I., que eram afamadas na terra pela sua esplendida belleza. Todas ellas vinham muitas vezes visital-o e cada uma terminava invariavelmente a sua visita por esta pergunta:

— Não é verdade meu tio, que quando morrer, é a mim que deixas aquella sua casa que tem muitos andares?

— Sim, minha filha, podes contar com isso, respondia não menos invariavelmente o velho juiz a todas ellas, rindo á sucapa d'essas perguntas repetidas, que não conseguiam zangal-o, apezar do seu caracter egoista.

Dir-se-hia mesmo que a idéa da morte lhe sorria tal era a sua satisfação em pregar uma boa poça, de que tencionava, decerto, rir-se no outro mundo.

« Deixo a minha casa de cinco andares á ma's bonita das minhas sobrinhas. »

Vão lá ser testamenteiros com uma clausula d'estas!

A questão de certo era tão espinhosa, quanto extranha.

— Qual era a mais bonita das tres raparigas?

Por testemunhas nem pensar n'isso: cada uma das tres pretendentes podia apresentar centenas de adoradores, de namorados, de trovadores, de poetas e de militares apaixonados.

Toda a gente conhecia o talhe esbelto de H., as suas magnificas tranças negras como a pluma gem do corvo e os seus olhos esplendidos.

Toda a gente conhecia tambem o rosto fresco de J., os caracões doirados dos seus bellos cabellos, as suas mãos brancas e de esculptura preciosa.

Toda a gente conhecia finalmente a opulenta floresta de cabellos castanhos de I., as graciosas covinhas de suas faces, as perolas de seus dentes, o encanto do seu sorriso de fada.

Mas, d'ahi a dar a palma a uma d'ellas havia um abysmo; todas as tres eram tão bonitas, que não havia remedio senão confiar aos advogados o cuidado de batalhar para demonstrar qual era a mais bonita.

Começou, portanto, em lucta de papel sellado, esta nova guerra de Troia. Mas que provas deviam fornecer as concorrentes? sobre que augmentos se podia basear o advogado? Na impossibilidade de encontrar a prova directa, não havia remedio senão rodear a dificuldade, e em vez de provar qual era a mais bonita, provar quaes eram as duas mais feias.

O advogado de H., começou por dizer que J., punha carmin na cara: o accusador foi confundido, pois o exame de peritos, ordenado pelo juiz, demonstrou que J., tinha o rosto naturalmente rosado e que a sua cor não devia nada ás tintas.

H. foi accusada de ter a cintura mal feita e de usar d'um collete especial. o collete foi reconhecido como superfluo. Depois chegou a vez de I., vehemente mente suspeita de coxear d'um pé, e de usar de cabellos postigos.

Tudo isto fazia perder muito tempo, mas os artificios dos advogados prolongavam ainda mais a situação.

Depois dos ataques phisicos vieram os ataques moraes. Uma accusava a outra de ser sarea-tica, a outra accusava-a de ser ingrata, a terceira de ser mal educada.

Depois veio a precisão das testemunhas domesticas, as creadas, as costureiras, vieram depôr sobre os segredos intimos, os mysterios de alcova, procurando com os seus depoimentos fazer triumphar aquella que defendiam, e enterrar as outras duas. O processo continuou assim durante seis annos sem caminhar um passo, e finalmente o juiz não vendo me'o de chegar a uma solução aconselhou as tres irmãs a que vivessem d'ahi por diante em paz, e concluíssem amigavelmente a demanda.

Mas vão lá aconselhar a tres mulheres que decidam amigavelmente qua' d'ellas é mais bonita! A guerra continuou, o processo durou 28 annos, tornando-se cada dia mais difficil provar qual d'ellas era a mais formosa. Durante esse tempo ninguem se importou com a casa. — objecto do litigio, e um bello dia a casa cahiu ficando apenas em pé, do famoso litigio, a eterna questão de qual das tres era a mais bonita. Entretanto as tres raparigas chegavam aos 50 annos, mas não desistiam da questão.

Tedas tres foram ter com o juiz, e pediram para recommear a demanda, já não pela casa que desabára, mas pela sua reputação de belleza.

Decerto, respondeu o juiz, entendendo que o processo deve recommear, mas com a differença de que a questão fundamental deve ser modificada: e em vez de se tratar de saber qual das tres é a mais bonita, tratar-se-ha de uma questão não menos difficil; decidir qual das tres é mais feia! E o processo não continuou

Fordeta Jmerellen.



Não ter amado é não ter vivido.

## Na lyra

(Fragmento)

Não tenho sorrisos! Levou m'os a lucta d'ingrata visão!...  
Quo vezes, nos labios, senti a crenta do triste illusão!...

Meu pranto corria! Ninguem m'acordava do longo gomer!...  
A brisa em lamentos, constante levava: —,Tão cedo morrer!...

E sempre na minha alma o desalento na paz da solidão!  
E sempre o recordar do meu tormento nas vozes da visão:

— „Eu vivo, poeta, nun, leito de resas, vivo entre fulgores!...  
„Senhastes venturas em noites formosas, tens hoje só doros!...  
Deixai-me, na vida, gosar as delicias „que outr' ora sonhei!...

„Não quero, perdoa! teus dons e caricias, „sou d'outro... jurei!...  
Levae, minha lyra, queixumes o penas, á ingrata, levae!  
Mas cala-me o pranto das noites serenas, silencio!... guardae!

J. Pestana.



Para apreciar o valor do silencio basta ouvir com attenção o que os outros dizem.

## Diversões Charadas

A R. Vellozo.

O magistrado tem 30 annos no exercicio do cargo. —2—3

Duas vezes metti o fructo no saquinho de preciosidades. —1—2

Mario.

Ao Dr. Alboino.

A mãe de Mahomet está nas profundidades da terra. —3—1

Cujido, o nosso tormento, incendiou o templo de Diana para que o seu nome passasse á posteridade —2—2

Alguna cousa traz a morte nos pés. —1—2

Josar.

Ao General Soares.

Afirmo que a mulher matou o general. —1—2

Lulu

A José dos Santos Braga

Perto de parenta insaciavel —2—2

nada vale um pão de ló de 60 reis —1—2

Rodolpho

## Logogripho

Ao coronel M. de Deus Dias.

Terra sou, da geographia  
Sou a base, pôde crêr; —1—2—3  
Uma vez no coração  
faz gozar e faz soffrer. —5—6—3—4

Pendo das arvores, verde,  
sombra offereço nos mortaes —1—7—6—5  
e represento da terra  
as formas superficiaes.

Alexandre.

## UM PREMIO

Ao decifrador que no fim de cada serie tiver alcançado maior numero de decifrações destinamos um bonito premio.

As listas de decifrações deverão ser dirigidas á esta redacção até sexta-feira proxima.

## Secção util

### Azeite falsificado

Para se conhecer se o azeite doce contém algum oleo de semente de algodão, basta mergulhar no liquido um fio de cobre limpo e agital-o durante 5 minutos: se o aspecto do cobre não mudar, o azeite é puro; se tomar uma cor rosada, está falsificado.

### Contra as baratas

Torram-se 100 grammas de pão, que se reduz a pó fino; juntam-se 100 grammas de açúcar mascavado e 6 grammas de sublimado corrosivo em pó. Mistura-se tudo num gral ou almofariz e divide-se em cinco ou seis partes. Já se distribuem pelos logares em que as baratas se acumulam.

### Contra a traça

Para evitar que a roupa de lã, pelles, etc., sejam atacadas pela traça, collocam-se no guarda-roupa ou gaveta onde se guardam essas peças um vaso contendo um pouco de espirito de thebeatina, que tem o poder de destruir promptamente qualquer larva da traça.

### Expediente

Rogamos ás pessoas que não queiram favorecer-nos com sua assignatura se dignem devolver á esta administração o presente numero, com o fim de regularisarmos a tiragem.

Aquelles que não fizerem a devolução até quarta-feira, 4 do corrente serão considerados assignantados.

As cobranças se realisarão depois da entrega dos dois primeiros numeros da serie.

Accettamos collaboração nos termos indicados pelo nosso programma.

Os originaes deverão ser entregues á esta redacção até quinta-feira de cada semana, e não serão devolvidos ainda que não sejam publicados.

## Annuncios

E' por demais conhecida a utilidade do annuncio para que tenhamos necessidade de ponderar as suas grandes vantagens.

Quem deseja tornar conhecido um producto, alguma novidade importada tem que recorrer ao annuncio, sem o qual muitas vezes o publico ignora a existencia do artigo e a casa onde elle se vende. O desenvolvimento dos negocios está na razão directa do reclame posto em execução por sua prepaganda.

E' uma verdade incontestavel e bem sabida de todos os negociantes e industrialistas inteligentes e os de nossa cidade não podiam ficar indifferentes á essa demonstração de progresso, assim é que temos a satisfação de apresentar o primeiro numero de nosso hebdomadario com os quatro lados da capa inteiramente cheias.

Se como o esperamos, esta publicação merecer a protecção da illustrada população jaguarense, ella se tornará a de maior circulação d'esta cidade e de facto de alta conveniencia para os Srs. annunciantes.

Além das capas dedicaremos outras paginas independentes das do texto para os annuncios novos, pela publicação dos quaes estabeleceremos preços muito rasoveis.

A Administração.



Typ. do «Commercio»  
Jaguaraõ

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
**Seccos e molhados**  
Vinhos e Azeites  
Legitimosportuguezes

Herva malte "Leivas"

Verdadeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores

Arame de Ferro

Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei

para construcção, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cercas, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
A preços sem competencia

Comprão e vendem

Ouro amodado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DOS VAPORES DA  
Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte, a casa em condições de offerrecer as maiores vantagens possiveis.

Jaguaraõ, 17 de Setembro de 1900

# Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

—DE—

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 o arroba

Os productos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
mo estabelecimento, onde existe sempre competas de frutas, marmelada,  
doce de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de pri-  
meira qualidade.

**Linha Regular de Navegação Fluvial**  
**Vapores Juncal e Mirim**  
 Iluminados a Luz Electrica

Estes vapores, construídos em condições de navegar com segurança e tran por baixos especialmente durante a mais rigorosa seca, estão em combinação com as diligencias que fazem a carreira entre Arribas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo.

**VAPOR JUNCAL**  
**Itinerario Fixo**

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Isabel, nos dias 8, 18 e 28 de cada mez.  
 Sahidas de Jaguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3, 13 e 23 de cada mez.

**VAPOR MIRIM**

**Itinerario Fixo até Dezembro de 1900**

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas, Santa Isabel e Jaguarão.

Anos	MEZES	Dias de sahidas			Observações
		1	2	3	
1900	Janeiro...	2	14	26	No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estritamente necessario; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias.
"	Fevereiro...	10	21	26	
"	Março...	3	14	26	
"	Abril...	10	22	26	Os valores, encomendas e cargas se serão despachadas pelas respectivas agencias.
"	Maió...	2	14	26	
"	Junho...	10	22	26	
"	Julho...	2	14	26	As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.
"	Agosto...	10	22	26	
"	Setembro...	2	11	26	
"	Outubro...	10	22	26	
"	Novembro	2	11	26	
"	Dezembro.	16	22	26	

**AGENTES**

Rio Grande: Leivas, Reis & C.  
 Pelotas: Conceição & C.  
 Jaguarão: Augusto Leivas & C.  
 Santa Victoria: Joaquim Calvete & C.  
 Jaguarão, 1º de Janeiro de 1900.

Os proprietarios

*Augusto Leivas & C.*

Augusto Familiar Soares

ADVOGADO

Alameda Municipal 101

Rua General Osorio n. 50

Jaguarão

ALMEIDA KNUFUCKAPMICO

DE JOSÉ HIPOLITO GARCIA

Exercita com attenção e perfeição todos os trabalhos concernentes a sua arte.

RETRATOS A CRÓMATO

Todos os trabalhos são garantidos

Preços sem competencia

Rua 15 de Novembro N. 32 — Jaguarão

Pharmacia Popular

DE

Candido Villas-Bôas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

JAGUARÃO

Dr. Mario P. Pretaulica

Jaguarão, 8 de Outubro de 1900.

JAGUARÃO

ILLUSTRADO

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 2

A METRALHADORA

Affonso Barbosa & Comp.

acreditada loja de fazendas e a mais bem surtida desta cidade e a que vende a  
**PREÇOS SEM COMPETENCIA**  
 Rua 15 de Novembro n. 77  
**Jaguarão**

Barberia 1a Genral  
 DE Armando Gonzalez  
 Rua 15 de Novembro N. 24  
 Jaguarão

CURIVESARIA  
 DE Terencio Ferreira de Freitas  
 Nesta acreditada officina, appropria-se com estimo e a preços modicos qualquer trabalho concernente a arte  
 Compense ouro e prata velha, pagando os mais altos preços da praça  
 Rua 15 de Novembro N. 29 - Jaguarão

Moriera & C.  
 Casa especial de furos  
 Deposito permanente de tudo quanto é conveniente a fumantes, objectos de esportivo, brinquedos e variedades.  
 Rua 15 de Novembro n. 32  
 JAGUARÃO

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
**Olympio Suzini & Comp.**



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir ás pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cosinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
**Jaguarão**

## LA URUGUAYA

DE  
**Adolpho Miralles**

Nesta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito o se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais interior ao que ha do melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
**Jaguarão**

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos do basar e miudezas.

— VENDER A' DINHEIRO —

E' nosso lema: Ganhar pouco para vender muito.

8 - Rua 15 de Novembro - 8  
**Jaguarão**

Officina de Calçados  
SERIGOTES E CORREAMES

DE  
**Augusto Wiener**

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade o que trabalha com machinas dos systems mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiais empregados na confecção dos artefactos de seus diversos ramos.

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
**JAGUARÃO**

CASA DE JOIAS

DE

**Arroque, Santos & C.**

Relojaria e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo habéis artistas executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptísta obras de ouro e prata por trabalhos delicados que sejam os trabalhos.

Preços moderados

41 - Rua 15 de Novembro  
**Jaguarão**

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO  
Rua 15 de Novembro N. 73a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 8 de Outubro de 1900

FASCICULO II

## Dr. Manoel F. Terra

Dé luto reveste-se hoje esta pagina do «Jaguarão Illustrado» para render seu preito de homenagem á memoria do desventurado medico que a morte vem de arrebatár impiedosa no albór da vida e dos annos, cheio de esperanças e de futuro!

Manoel Francisco Terra, filho legitimo de Jacintho Francisco Terra e D. Adelinda Corrêa Terra, nasceu na cidade de Santa Victoria do Palmar, do Estado do Rio Grande do Sul, a 26 de Março de 1872.

Formou-se em medicina na faculdade do Rio de Janeiro em 27 de Março de 1898, tendo, dado durante o seu brilhante tirocinio academico sobejas provas do seu privilegiado talento.

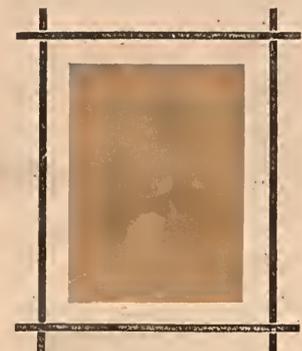
Formado, veio para Jaguarão, donde não ha muito seguiu para Bagé na qualidade de medico adjunto do exercito em cujo posto veio a morte surprehendel-o aos vinte e oito annos de idade!

Parece que a fatalidade pesava sobre a vida do desventurado moço; pois a 26 de Março de 1898, vespera da sua formatura, acommettido de uma congestão cerebral, teve em gravissimo risco a sua existencia.

E' doloroso de mais ver um medico de dois annos apenas de idade, que na academia, onde se formou pelo seu talento, e nas regiões do tumulo, do Azevedo, como Casimiro

de Abreu, como tantas outras glorias patrias, no verdor dos annos, na quadra radiosa da mocidade, na primavera encantadora da vida!

Sobre a lapida fria do seu tumulo, o «Jaguarão Illustrado» esparge, humedecidas pelas lagri-



mas do sentimento, as flôres roxas da sua eterna saudade.

## Dr. Manoel F. Terra

E' ainda sob o peso da mais acerba dor que traço estas pallidas linhas, como uma homenagem á memoria do meu talentoso conterraneo, que a morte impiedosa levou, aos 28 annos de idade, para o silencio mortuario dos tumulos.

Moço illustradissimo e de character lhano, o finado fazia-se rodear da estima e da consideração de todos e por isso foi geral a consternação que a triste noticia do

seu prematuro passamento espalhou.

Formado em medicina na faculdade do Rio de Janeiro onde se impoz pelo seu talento, donde sahiu, esperançado e crente, pela porta larga de um futuro brilhantissimo, o joven medico veio para Jaguarão, donde seguiu pouco tempo depois para Bagé como medico adjunto do exercito.

Ali angariou logo as sympathias geraes, e preparava-se para vir a esta cidade quando a morte o surpreendeu.

Descança, desventurado conterraneo.

No coração amigo deste povo echoará eternamente o teu nome, que a Patria guardará saudosa no eserinio das suas glorias e a Historia levará nas paginas de ouro á admiração e a veneração dos posterios.

Sobre o teu tumulo recem cerrado, onde brilham tristemente as lagrimas da tua inconsolavel familia, dos teus amigos e dos teus admiradores, eu venho, possuido do mais intimo sentimento, sob a pressão da mais profunda magua, depor um singello ramilhete de flôres — sincera homenagem á tua memoria querida.

Eternum vale!

Quasimodo.

Aquelles que nós amamos e perdemos não estão mais onde estavam, mas estão sempre onde nós estamos.

Alexandre Dumas Filho.

## DISCURSO

Vamos em seguida o discurso com que o Sob. Gr. M. do Gr. Or. Rio-Grandense, desembargador Antonio A. Ribas, abriu a sessão para nella ser installada a Grande Associação Beneficente de Senhora.

El-o :

Exmas. Sras.  
Meus Senhores.

Cabe-me o dever e a honra de explicar-vos o fim da presente reunião, e vou desempenhar-me dessa tarefa.

Conheço dizendo que a Maçonaria é uma sociedade de beneficencia, com leis suas e governo proprio.

E' tambem, e essencialmente, uma sociedade de ordem e de progresso.

Como sociedade de ordem, exige a obediencia de seus adeptos, o respeito aos superiores hierarchicos, o cumprimento rigoroso dos deveres contrahidos pela nossa iniciação, a assiduidade nos trabalhos, a descripção nas palavras, a prudencia na conducta.

Ensina mais e aconselha aos seus membros, o respeito e observancia das leis e instituições politicas da sociedade em cujo seio vivem: o acatamento ás autoridades constituídas, agentes e órgãos das mesmas leis; a adaptação a mais completa da vida civil ao regimen do direito — unico meio de ter o cidadão independencia e garantias effectivas.

Como sociedade de progresso, cre na perfectibilidade humana, acompanha as evoluções da civilização e acredita que o mundo marcha — sempre impulsionado pelas victorias das ideias novas.

Como homem d'actualidade, tenho-me acostumado a encarar tudo pelo lado pratico; e educado n'uma escola que proserve a

vaidade, que condemna as presumidas veledades dos espiritos fracos sempre entendi que a Maçonaria, para corresponder aos seus nobres intuitos, devia se approximar das forças vivas da sociedade, mesmo com sacrificio das suas tradições, das suas exterioridades rituales.

Não deve ser a Maçonaria uma pura phantasia de espiritos escravizados ás formas, nem de metaphicos, ideologos, preocupados com as cousas do infinito, mas sim uma aggreiação de operarios do progresso — vizando fins praticos positivos.

Entendo que não deve a Maçonaria ser apertada entre as paredes frias dos seus edificios, mas, guardades seus ritos e symbolos, como bellas tradições do passado, deve viver o mais pssivel ao ar livre.

Entendo que ella deve rasgar o frontespicio de seus templos, para receber o progresso das sciencias, as novas soluções dos problemas sociais, que, expurgadas de preconceitos e fanatismos, levem a vida á sociedade.

Os grandes factores devem ser cuidadosamente procurados.

Assim, reconheço que as forças mais effcazes da época moderna e contemporanea são a mulher e o operario.

O operario, a força intelligente que transforma a materia bruta, adaptando-a á satisfação das necessidades humanas; o trabalhador conciente que fabrica o pão com que se alimentam todos os povos; o combatente esforçado, que com o suor benedicto contraria a influencia dos parasitas; o heróe que trabalha sempre monrejando contra o demonio da indolencia; o colosso que nos seus largos hombros sustenta o peso do globo.

A mulher, qual sol da vida, é a animação de tudo. — assim como o sol quando apparece no ho-

risonte — anima e illuina a natureza, fazendo desabrochar as flores e sazonar os fructos — assim a mulher, em qualquer sociedade em que appareça — a tonifica com a respeitabilidade da sua presença; a anima com o calor do seu entusiasmo, fazendo viver as flores das alegrias puras e sazonar os fructos do bem.

A mulher é a força que cinzelando o coração do homem no berço, derrama na sua alma, pela educação, todos os sentimentos ternos e meigos, que formam mais tarde o seu caracter, fazendo com que seja elle um ente bem util á patria e aos seus semelhantes.

A força da mulher vem do poder da educação, da importância da familia, da santidade do lar, da espiritualidade do amor, da severidade do dever, da propria natureza humana.

Imaginae retirada a mulher da superficie da terra e dizei-me — o que fica sendo o homem?

Nota vazia, dissonante no concerto harmonioso da criação; sombria lutulenta e tetrica até pelas proprias feras repellido; phantasma solitario do infortunio, a propria vida tornar-se-hia uma insupportavel carga.

A força da mulher, o seu poder, todo espiritual, não se descreve, não se define. Bem pôde ser significo pelo seguinte facto historico:

Dois povos guerreiros marchavam irados um contra o outro para vingar injurias; seus exercitos já se haviam estendido em linha de combate, e se approximavam, se enfrentando, apenas separados por uma estreitissima linha de terra, quasi ao alcance de suas curtas espadas. Estavam nesses solennes momentos — nos quaes os soldados electrizados pela lembrança da patria, gem dos amigos, pelo dever, pelos estímulos dos impulsos da coragem, perdendo a consciencia, o sentimento proprio instinc-

para se fazerem machinas destruidoras, quando, de repente, entre as legiões belligerantes se precipitam as mulheres Sabinas — e rapidos como um relampago de piedade, como uma alleluia de amor, os valentes jogaram fóra suas armas e aquella occasião de imminente hecatombe, de inevitavel morticínio, como por encanto, se transformou em uma festa de amizade, em sublime apotheoze inaugural da familia — sobre a qual foram assentadas as bases da nacionalidade dos Romanos.

Os Romanos. Senhores, que até então não passavam de um bando de saltadores refugiados na covadonga das sete collinas, d'ahi em diante, acompanhando o vôo de suas eguias victoriosas, alargavam o seu poder, pelo alargamento das fronteiras de sua patria, tornando-se os dominadores absolutos do mundo antigo, formando pela acção de seus pensadores a corrente dominante que até hoje regula as relações da sociedade civil na civilização do occidente.

Eis o que é e o que pôde ser a força da mulher: por isso, sempre entendi que no dia que a Maçonaria obtivesse as sympathias da mulher, seu valioso auxilio, sua dedicada protecção, teria conseguido um enorme avanço para suas ideias, teria se imposto á maior estima, consideração e respeito das sociedades e dos seus governos.

Ha muito tempo que eu pensava n'isso, aspirando ver na primeira oportunidade a consummação do meu pensamento.

Agora que o grande Oriente do Brazil abriu para nós as suas portas, proclamando a necessidade da federação maçonica brizileira e que nos approximamos, nós os maçons do Grande Oriente Rio-Grandense, aos maçons da Grande Loja Estadual, vimos que essa

mo um só espirito, um só corpo, uma só vontade, deviamos sem perda de tempo pôr em pratica esse pensamento.

Agora que juntos vamos seguir a rota trilhada atravez dos tempos pelos apostolos e martyres tombados nas pugnas santas do progresso — rota esta que é hoje na liberrima patria a estrada franca das victorias do direito, do bem e da verdade, deviamos para tornar essa união inquebrantavel, para fazermos da Maçonaria uma entidade indivisivel no Rio Grande do Sul — realizar uma associação — que eternizasse na memoria publica este dia glorioso para nós.

Os Pharaós, para perpetuarem a memoria da sua grandeza, fizeram as massas ignaras levantar no deserto as pyramides do Egypto — montanhas silenciosas, estereis, contendo apenas em seu vasto bojo mumias de reis guardados em sarcophagos de pedra.

Nós resolvemos construir uma instituição de proporções moraes mais vastas do que a figura estatica das pyramides do deserto e que contivesse em seu seio, não ideias mumias, porém, movimento, animação, vida — irradiando-se da urna diamantina do coração da mulher — da qual queremos ver derivar-se o doce lenitivo aos soffrimentos dos pobres.

A Grande Loja Estadual do Gr. Or. do Brazil e o Grande Oriente Rio-Grandense — resolveram, para sagrar a sua união, fundar uma grande sociedade de beneficencia de senhoras com sua séde nesta capital e ramificada por todas as localidades do Estado pela criação de um club central em Porto Alegre e clubs filiaes nas cidades, villas, aldeas e districtos ruraes.

Para isso reunimos as nossas familias e vamos entregar o cumprimento do nosso primeiro dever, a pratica da beneficencia, aos cuidados da mulher rio-grandense.

E' a occupação a mais digna

da mulher, mais harmonica com seus hábitos, sua indole, sua educação e seu temperamento.

Seja a mulher o anjo tutelar das tristezas heroicas dos miseraes honrados, que sem pão para os filhos, escutam como musicas infernaes as alegrias ruidosas da cidade;

Seja a esperanza da familia, do camponez sem abrigo, que exposta ao rigor das intempéries dos nossos pampas, savanas e minuanos — sente a morte peneirar pelas fendas de sua miseravel choupana para roubar suas lindas criancinhas.

Ella, a mulher, alma generosa, coração affectuoso, como vae divinizar a nossa missão, colhendo recursos e distribuindo aos necessitados juntamente com o producto do tronco de beneficencia das nossas officinas maçonicas!

Ella, intelligente e boa, como vae cultivar carinhosa a planta benefica da caridade — essa planta divina que dá fructos em todas as estações!

E que fructos! — tonificantes para a fraqueza estiolada do opphio desvalido; consoladores para as tristezas e saudades da viuva em desamparo; nutrientes para a miseria que não tem lar e tem fome.

Ella vae exercer com o seu trabalho a mais pura das religiões, a religião digna da civilização adiantada dos nossos tempos.

Foi essa a mesma religião ensinada pelo Nazareno, pelo nanso cordeiro, apostolo da fraternidade universal, que teve entretanto as energias sublimes — de expulsar a vergalho — os vendilhões do templo e perdoar — até aos seus proprios algozes.

Vede, Senhores, como vae ser, como deve ser solida a nossa união. Quem de nós terá a ousadia e temeridade para tentar quebrar um só elo da cadeia de honra fiança da nossa palavra empenhada e que fica garantida pe-

la união das nossas esposas e fi-  
lhas — symbolos do nosso amor e  
dos nossos deveres.

Ellas fundam esta grande asso-  
ciação, que constitue de hoje em  
diante um monolitho impartível —  
tendo por base a Maçonaria, o  
compromisso solemne dos maçons,  
e por objectivo o desejo de acu-  
dir o desgraçado, socorrer os que  
soffrem.

O que estamos fundando é uma  
obra de patriotismo — um esforço  
louvavel em bem do progresso do  
Rio Grande do Sul. Ajudai-nos  
todos.

Eis o fim da presente reunião  
Reunimo-nos para fundar e in-  
stallar a Grande Sociedade Bene-  
ficiente de Senhoras do Estado do  
Rio Grande do Sul.

Está aberta a sessão.

*Ninguém espera que o tolo faça algu-  
ma cousa sensata; mas todos esperam an-  
ciosos o instante em que o homem de juí-  
zo commetta uma tolice.*

## Capella da Apparecida

EM  
GUARATINGUETÁ

**R**esa a tradição que a imagem  
de nossa senhora, que se ve-  
nera nessa Egreja foi encontrada  
por uns pescadores, como melhos se  
verá da seguinte noticia, que tex-  
tualmente reproduzimos de um do-  
cumento que nos foi mostrado na  
ocasião em que visitavamos a  
Egreja:

No anno de 1719, diz o referido  
documento, pouco mais ou menos,  
passando por esta villa para Mi-  
nas o governador dellas e de S.  
Paulo, o conde de Assumar, D.  
Pedro de Almeida, foram notifi-  
cados pela Camara os pescadores

para apresentarem todo o peixe  
que pudessem haver para o dito  
governador. Entre muitos, foram  
a pescar Domingos Martins Gar-  
cia, João Alves e Francisco Pe-  
drosa com suas canoas; e, princi-  
piando a lançar suas redes no por-  
to de João Corrèa Leite, continua-  
ram até o porto de Itaguassú dis-  
tancia bastante, sem tirar peixe  
algum; e lançando nesse porto João  
Alves a sua rede de rastro, tirou  
o corpo da Senhora sem cabeça;  
e, lançando outra vez a rede mais  
abaixo, tirou a cabeça da mesma  
Senhora. não sabendo-se nunca  
quem allia lançasse. Guardou Al-  
ves essa imagem em uns pannos,  
e continuando a pescar, não ten-  
do até então achado peixe algum,  
dalli por diante foi fão copiosa a  
pescaria em poucos lanços, que  
os pescadores, receiosos de naufrá-  
gar pelo muito peixe que tinham  
nas canoas, retiraram-se ás suas  
vivendas, admirando este prodí-  
gio, Philippe Pedroso conservou  
durante seis annos esta imagem em  
sua casa, junto a Lourenço de Sá;  
depois mudou-se para a Ponte Alta  
e dali para o Itaguassú, onde deu  
a imagem a seu filho Athanasio  
Pedroso, o qual fez um oratorio  
para collocar a Senhora, e no  
sabbado iam todos os devotos alli  
resar o terço. Em uma das occa-  
sões em que resavam, apaga-  
ram-se todas as velas repentina-  
mente, estando a noite serena;  
então Silvano da Rocha, leván-  
tando-se para accendel-as, ellas  
por si accenderam-se.

Foi este o primeiro prodigio;  
depois, em outro dia viram tre-  
mer o nicho e o altar da Senhora,  
bem como as luzes.

Em outra occasião (sexta feira  
para sabbado, estando reunidas  
muitas pessoas para cantarem o  
terço), estando a Senhora guar-  
dada em uma caixa, ouviu-se  
dentro da mesma grande estrondo.  
As pessoas que presenciaram es-  
tes prodigios, foram propalando a  
noticia, até que esta chegou aos  
ouvidos do vigario da Vara, José  
Alvarez Villela. Este e outros de-

votos edificaram uma capellinha,  
que depois foi demolida, sendo e-  
dificada em seu lugar a que actu-  
almente existe. *(Livro do Tom-  
bo)*

A fama da milagrosa Imagem  
repercutio em todos os pontos do  
Brazil e ainda hoje vê-se chegar  
das mais longinquoas paragens mi-  
lhares de crentes, que veem de-  
positar nos pés de Maria Santis-  
sima suas piedosas oblatas.

As paredes da capella estão co-  
bertas de troncos, cabeças, bra-  
ços, pernas e mãos ao lado de nu-  
merosos paineis.

Ahi teve occasião de ver umas  
algebras de ferro que manenta-  
vam os pulsos de um misero cap-  
tivo, que, apoz uma dolorosa  
viagem, penetrara no Sanctuario  
e com tanto fervor orara á Nossa  
Senhora que dentro em pouco as  
correntes se desprenderam das  
mãos e dos pes do infeliz.

A pouca distancia da Egreja  
existe, na beira da estrada, uma  
pedra já meio encoberta por vege-  
tação bravia e a que denominam  
*pegala*. Na sua face superior es-  
tá perfeitamente gravada a plan-  
ta de um pé humano.

Contamos antigos moradores do  
lugar que um filho desnaturalado,  
tendo concebido a idea de matar  
sua progenitora, a esperava sobre  
essa pedra, e que no momento  
em que ella passava e elle ia pra-  
cticar o seu monstruoso crime, sen-  
tio o pé agarrado ao lagedo e  
tal foi o seu terror, que poucos  
momentos sobreviveu a esta tre-  
menda punição dos céos!

*Dr. Moreira Pinto*

*Damos um presente, quando queremos  
ter a amizade de alguém; damos uma  
esmola, quando queremos ver-nos livre de  
uma pessoa.*

*As festas do amor são co-  
muns ao mundo: — deve-se  
antes que se ajagam.*

# PELO CEARA'

Versos recitados na Bibliotheca Publica, noite de 30 de Setembro.

*Eis a festa do Amor... Festa da Mocidade,  
Que se ergue, a supplicar, reverente em seu nome,  
Os sorrisos de amor da doce Caridade,  
Para um povo que vive a se estorcer de fome...*

*Eis a festa do Bem... A Mocidade inteira,  
Peregrina da Fé, a vos pedir está...  
Essa gente que soffre é gente brasileira:  
— E' dentro do Brasil, que geme o Ceará!*

*Povo heroico do Sul, povo indomito e forte,  
Povo de coração, de vontade suprema!  
Nos pertence tambem a região do Norte,  
A patria de Alencar — a terra de Iracema!*

*Vede mães! vede avós, de cabelinhos brancos,  
Cujá piedade e amor o tempo não consome,  
Os filhos de outras mães da Morte nos arrancos,  
Na terra do Ceará, sobre oleito da Fome!*

*Como é triste pensar num povo sem esperanças!  
Como é triste pensar num povo sem carinhos!  
Como é triste pensar na sede das crianças!  
Como é triste pensar na fome dos velhinhos!*

*Pelotenses gentis... vós, Amicias Glyceras,  
Que viveis a dourar de amor os nossos dias,  
Que tendes dentro d'alma o sol das primaveras,  
Dentro do coração — sonhos de cotovias...*

*Vós, filhas do paiz de Anita Garibaldi;  
De cujos corações a grande fé se evola,  
Num sorriso dizei: moços! não é de balde  
Que, em nossa terra, estaes a supplicar esmola!*

*... a dizer: em nossos corações,  
... o valor de uma raça,  
... ante o sol dos sertões,  
... a estrada da desgraça...*

*Dar esmola é dizer: ó moços porvirões,  
Filhos deste paiz — nosso paiz tambem,  
De orgulho nos encheis — sendo assim generosos!  
E que gloria nos daes — assim, fazendo o Bem!*

*Dar esmola é dizer: para darmos esmolas  
Só temos um ideal — somos todos irmãos...  
Vamos, em nosso nome, encher essas sacolas,  
Que para o Ceará andam de mãos em mãos.*

*Dar esmola é dizer: o Ceará glorioso  
Geme um grito de dor, que vem ecoar aqui...  
O povo rio-grandense, ó povo generoso,  
Esmola para a terra heroica do Poty!*

*Dar esmola é dizer: ó Jesus! em teu nome,  
Em nossos corações, a piedade reluz!  
Quem um obulo atira a um povo que tem fome  
Enche de santo amor o nome de Jesus!*

*Dar esmola é dizer: o anjo da Caridade  
De seu clarim de Amor arranca infindas notas:  
Elle, ri-se de dor, na fé da Mocidade,  
Elle, chora de fé, na terra de Pelotas!*

*Como é triste pensar num povo sem esperanças!  
Como é triste pensar num povo sem carinhos!  
Como doe recordar a sede das crianças!  
Como doe recordar a fome dos velhinhos!*

*Eis a festa do amor! Bem dita a Mocidade,  
Que se ergue a supplicar, unisona, em seu nome,  
Os sorrisos de amor da eterna Caridade,  
Para um povo que vive a se estorcer de fome!*

Pelotas, 30 de Setembro de 1900.

*João Cavalcanti.*

## Diversões

### Charadas

Ao Rodocello.

Alvo, tenue e brilhante — 2 — 1  
O poeta tem sentimento de estar divorciado — 2 — 1  
Mede o passaro na antiga região da Asia — 1 — 2

Mario.

Charada invertida

Ao General Soares.

Porque deixas de parte o soberano ? -- 3

Rodocello.

### Enigmas

Ao General Soares.

Agua molle em pedra dura tanto bate até que fura.

Onde está a lamina ?

Rodocello.

Ao Dr. Alboino.

O medico deu remedio para o doente.  
Onde está o departamento da Franca ?

Sylvio.

### DECIFRADORES

Appareceram em campo cinco caçadores, mas nenhum matou toda a caça.

Foram elles :

Aprendiz..... 7  
Sylvio..... 4  
Lulú..... 4  
Alexandre..... 3  
Mario..... 3

### Decifrações

Edilidade. Bisalho. Eminada. Erostrato. Alparca. Sisara. Aplestia. Obolo. Georama.

### Correspondencia

Mario — Metta sem dó os acicates no petiço, senão o bichinho não o leva nem ao meio do caminho...

Aconselhe ao Alexandre que faça o mesmo.

Aprendiz. — Sob o modesto pseudonymo reconhecemos com prazer o velho e eximio charadista Manoares.

Não foi engano de Lulú : a decifração é Sisara — nome de um general assyrio.

Esperamos que continue a honrar-nos com a sua visita e que nos traga a sua apreciada collaboração.

Sylvio. — O enigma que nos mandou vai hoje publicado.

Fale aos cotubas lá da Intendencia para que venham á arena e não esperem pelo segundo signal...

As listas de decifrações deverão vir até sexta-feira proxima.

O castigo natural da indolencia é — o aborrecimento.

Voltando, depois de feita a mudança, podereis saber facilmente o numero de taboas mudadas. O processo é o seguinte. Contae até ao numero 13 a começar da primeira taboa á esquerda, e voltando aquella em que ficardes (a decima terceira), ella vos indicará, segundo os valores attribuidos, o numero das que mudaram de valor.

Suppondo mesmo que, para se vos armar um laço, não houve mudança alguma, sabel-o-heis da mesma forma, porque, contando até 13, encontrareis zero.

O amor é o primeiro sorriso e a ultima lagrima de uma mãe.

Lobo da Costa

### Anecdotas

Um tal Francisco Barroso Fortes vio passar um carreteiro com a carreta pela sua porta e dar o nome de Barrozo a um dos bois, por causa da cor do pelo.

— Anda, Barroso ! dizia repetidamente o carreteiro ao hoi metendo-lhe o ferrão.

No outro dia apparecia n'uma folha diaria a seguinte declaração :

«Francisco Barroso Fortes, por haver outro de igual nome, passa d'ora em diante a assignar-se Francisco Fortes».

Entre dois bebedos:

— Aconselho-te a que não bebas mais...

— Aceito o conselho, mas quizera saber a razão...

— E' que a embriaguez é a mãe de todos os vicios...

— Ah! não te assustes, não dou só com a mãe e o resto da familia.

### Adivinhação

Escolhei 12 taboas do domínio, attribuindo mentalmente a cada uma d'ellas o seu valor especial, desde 0 até 12. Assim, por exemplo, o doble branco representará 0; branco e az, 1; branco e duque, 2; branco e terno, 3; branco e quadra, 4; branco e quina, 5; branco e sêna, 6; sêna e az, 7; sêna e duque, 8; sêna e terno, 9; sêna e quadra, 10; sêna e quina, 11 e doble sêna, 12. Collocae estas 12 taboas em linha, com o reverso para cima, a começar pela de maior valor, (doble sêna) e a terminar no zero (doble-branco), e juntando depois as restantes ao acaso, em continuação da mesma linha.

Retirae-vos em seguida da sala, tendo previamente pedido a um dos assistentes que, na vossa ausencia, tire um numero qualquer de taboas da extremidade direita da linha, mudando-as para o lado opposto da mesma.

## AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
Seccos e molhados

Vinhos e Azeites  
Legitimosportuguezes

Herva matte "Leivas"  
Verdadeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores

Arame de Ferro  
Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei  
para construcção, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cercaes, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
A preços sem competencia

Comprão e vendem  
Ouro amoadado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DOS VAPORES DA  
Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte, a casa em condições de offercer as maiores vantagens possíveis.

Jaguaraõ, 17 de Setembro de 1900

## Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

### AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 o arroba

Produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
tamento, onde existe sempre competas de frutas, marmelada,

commercio local preços sem competencia e genero de pri-

**Linha Regular de Navegação Fluvial**  
**Vapores Juncal e Mirim**  
 Iluminados a Luz Electrica

Estes vapores, construidos em condições de navegar com segurança e transpor baixios especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinações com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

**VAPOR JUNCAL**  
**Itinerario Fixo**

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez  
 Sahidas de Jaguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

**VAPOR MIRIM**  
**Itinerario Fixo até Dezembro de 1900**

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

Anos	MEZES	Dias de sahidias			Observações
1900	Janeiro...	2	14	26	No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estrictamente necessario; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias.
"	Fevereiro...	10	21		
"	Março...	3	14	26	
"	Abril....	10	22		Os valores, encomendas e cargas sò serão despachadas pelas respectivas agencias.
"	Maio....	2	14	26	
"	Junho....	10	22		
"	Julho...	2	14	26	As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.
"	Agosto...	10	22		
"	Setembro...	2	14	26	
"	Outubro...	10	22		
"	Novembro	2	14	26	
"	Dezembro.	10	22		

**AGENTES**  
 Rio Grande..... Leivas, Reis & C.  
 Pelotas..... Conceição & C.  
 Jaguarão..... Augustin  
 Santa Victoria... Joaquim  
 Jaguarão, 1º de janeiro de 1900.

Os proprietarios  
*Augusto Leivas*

Augusto Familiar Soares  
 ADVOCADO  
 Rua General Osorio n. 50  
 Jaguarão

AI LILIA Y MUTUAKAYHIOU  
 DE  
 JOSÉ HIPOLITO GARCIA  
 Executa com nitidez e perfeição todos os trabalhos concernentes a sua arte.  
 Especialidade em retratos de crianças por mais irreverencias que sejam.  
 RETRATOS A CRAYON  
 Todos os trabalhos são garantidos  
 Preços sem competencia  
 Rua 15 de Novembro N. 32 — Jaguarão

David M. Goulart  
 Professor de piano  
 Rua Dr. Carlos Barbosa n. 16  
 Jaguarão

Pharmacia Popular  
 DE  
**Candido Villas-Bôas**

Rua 15 de Novembro — esquina da Andrade Neves

**JAGUARÃO**

Jaguarão, 15 de Outubro de 1900.

— JAGUARÃO —

**ILLUSTRADO**

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 3

A METRALHADORA

DE  
**Affonso Barbosa & Comp.**

Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a que vende a

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua 15 de Novembro n. 77

**Jaguarão**

Barbearia 1ª Central  
 Armando Gonzalez  
 Rua 15 de Novembro N. 24  
 Jaguarão

CURIVÉSARIA  
 DE  
**Terencio Ferreira de Freitas**  
 Nesta acreditada officina apropriada-se com celeridade e a preços módicos qualquer trabalho concernente a arte  
 Compre-se ouro e prata velha, pagando os mais altos preços da praça  
 Rua 15 de Novembro N. 29 — Jaguarão

Moreira & C.  
 Casa especial de fumos  
 Depósito permanente de tudo quanto é concernente a fumos, objetos de escriptorio, lanternas e varietades.  
 Rua 15 de Novembro n. 32  
 JAGUARÃO

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
**Olympio Suzini & Comp.**



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir ás pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cozinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
**Jaguarão**

## LA URUGUAYA

DE  
**Adolpho Miralles**

N'esta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito e se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha de melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
**Jaguarão**

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos do basar e miudezas.

— VENDER A' DINHEIRO —

E' nosso lema: Ganhar pouco para vender muito.

8 - Rua 15 de Novembro - 8  
**Jaguarão**

## Officina de Calçados SERIGOTES E CORREAMES

DE  
**Augusto Wiener**

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade e que trabalha com machinas, dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materias empregados na confecção dos artefactos de seus diversos

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
**JAGUARÃO**

## CASA DE JOIAS

DE  
**Arroque, Santos & C.**

Relojaria e Ourivesaria

Esta hereditada casa possuído habéis artistas, executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptifica obras de ouro e prata por mais delicadas que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
**Jaguarão**

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO

Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 22 de Outubro de 1900

FASCICULO III

## Dr. Carlos B. Gonçalves

Não pertencendo a indole d'este hebdomadario occupar-se de biographias cujos pormenores nos levariam certamente a ultrapassarmos os limites de nosso programma, nos restringimos a dar alguns ligeiros traços da vida do conspicio cidadão, do qual estampamos hoje o retrato na pagina de honra.

O Dr. Carlos Barbosa Gonçalves nasceu n'esta cidade de Jaguarão no dia 8 de Abril 1851. Aqui fez seus primeiros estudos, indo depois completal-os na Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

Apresentou these e a sustentou brilhantemente perante a Faculdade de Medicina da Capital do então

Imperio do Brasil, recebendo no anno 1875 o grau de doutor. A these escolhida versou sobre um dos pontos mais difficeis da sciencia cirurgica: — Cadeira de parto.

Apesar do triumpho obtido, o Dr. Carlos B. Gonçalves não julgando-se sufficientemente preparado para o exercicio do seu sacerdocio, resolveu ir praticar em Paris, onde demorou-se perto de dois annos, escolhendo para seus estudos o *Hopital de Val-*

*de-Grace*, um dos mais afamados da Capital Franceza.

A intelligencia e a pericia do novel Doutor não tardaram em chamar a attenção dos illustres professores d'essa casa de caridade

gação, nunca desmentidos até hoje, durante o longo periodo de 22 annos, conseguiu erguer esse pio estabelecimento a altura em que hoje o contemplamos, tornando-se credor ás benções dos desamparados e ao respeito da população jaguarenses.

Os irmãos da Santa Casa, querendo testemunhar ao philantropico medico a sua alta estima e consideração, bem como deixar as gerações vindouras um distinctivo que recordasse o nome do benemerito cidadão, resolveram mandar fazer o seu retrato á oleo e collocal-o na sala de honra do estabelecimento.

A maior popularidade presidiu essa solemnidade que revistiu-se d'uma extraordinaria imponencia, irrompendo da multidão freneticos applausos quando o presidente da commissão, levantando o veu que co-



que por diversas vezes tributaram-lhe grandes elogios que figuram nos annaes da *Gazette des Hopitaux* e na *Revue de Médecine et Chirurgie* d'essa epocha.

Sagrado por essas eminencias da sciencia, o Dr. Carlos B. Gonçalves voltou a seu torrão natal, onde, pouco depois de sua enegada, devotado entregou-se de corpo e alma a levantar a Santa Casa de Caridade que jazia no mais deploravel abandono. Devido a seus esforços, a sua abne-

bria o retrato deixou apparecer de corpo inteiro a imagem d'aquelle a quem com justiça podemos chamar o fundador da nossa Santa Casa de Caridade.

Nestas pallidas linhas o «Jaguarão Illustrado» rende sincera homenagem ao illustre medico jaguarenses.

Deve-se apreciar a liberalidade da alma e não a das mãos.

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE  
George Ohnet

I

No seu gabinete severamente mobiliado de carvalho esculpido, com as paredes forradas de sarja verde com cereadura violeta, sentado junto da janella cuja luz exterior lhe purha nas faces uma claridade magnifica, Monsenhor Espérandieu, bispo de Beaumont, escutava, com uma attenção um pouco contrariada, as lamentações do Sr. Lefrançois, *maire* da communa de Favières. Era um homenzinho calvo, de barba

rala e grisalha, de aspecto ameaçador e mesquinho, aquelle magistrado municipal. Os seus grossos sapatos de camponez tinham maculado o tapete cuidadosamente escovado do gabinete do bispo. Apertava nas pernas um pesado varapau, destes com que guiam os bois, e o seu chapéu de côco que tinha poisado sobre a meza, sem cerimonia, re-luzia com as nodos gordurosas do suor. As mãos que cruzava e torcia alternativamente ao falar, tinham dedos curtos, nodosos, espatulados nas extremidades, como os dos avaros. O pollegar, revelador de vontade, era pela sua grossura digno de um assassino. O traje do Sr. Lefrançois era o de um burguez remediado, mas reles, que usa os seus fatos coçados só para os não dar ao seu criado. N'aquelle momento, olhava para Monsenhor Espérandieu com um ar feroz, e a sua bocca cumprimida parecia morder as palavras na passagem:

— Já lhe disse, Monsenhor,

## DOR DE CABEÇA

Inedito

*Do-me a cabeça; mas se apalpo o craneo  
Não sinto dor; nem sinto dor tão pouco.  
No cerebro estaido, vacuo e oco  
Como cora cavada em subterraneo.*

*Não é o golpe rapido, instantaneo,  
Mas a tristeza lenta do cacouco;  
Germem de dor do encephalo de um louco  
Desabrochando ingenito, erponlenco.*

*Que mal é este, oh Deus, a que condemnas  
Todo o meu ser?—Porla que receias?  
Não és tu que a pensar a dor accenas!*

*Prometheu que a ti proprio te encadeias,  
Como no coração doem as penas  
Doem dentro do cerebro as ideias.*

Silva Ramos.

que o cura Daniel não pôde continuar em Favières, comprometel-o-ha e ver-se-ha então obrigado a fazer por necessidade o que lhe peço hoje que me conceda de boa vontade.

O prelado sorriu docemente, e sacudindo delicadamente a sotaina roxa:

— Mas, meu caro senhor eu não tenho nenhuma razão para consentir no que me pede, só para lhe dar gosto. Desejava muito fazer-lhe a vontade, mas poupe á minha consciencia uma injustiça. O abba de Daniel é um padre exemplar.

— E' meu inimigo, interrompeu o *maire* com força, erguendo bruscamente a cabeça e fazendo pezar sobre o bispo o inquietante olhar dos seus olhos amarellos.

— Ah! Sr. *maire*, isso é que não é de um verdadeiro christão! Pois quê! persegue com o seu odio um padre cuja missão é toda de concordia e que tem por dever responder-lhe ao mal com o bem! Isso não é generoso.

— Eh! Monsenhor, eu pago apenas ao abba de Daniel o que lhe devo, e é na mesma moeda de que elle se serve...

— Nunca uma queixa a seu respeito saiu de seus labios...

— Quero crê-lo, porque eu é que sou sua victima...

— Por mais que m'o diga, objectou subtilmente o bispo, não acredito... O Sr. não tem o ar, para-lhe falar francamente, de um homem que se deixa martirizar... E se me fosse dado escocer, estar em Favières no presbyterio ou namairie, parece-me que, para não ser um martyr, seria obrigado a optar pelas funcções leigas. O

que seria para mim uma admiravel occasião de reconciliar o cura com o seu *maire*...

Lefrançois baixou de novo a cabeça, não por humildade, mas por prudencia. Sentiu necessidade de dissimular a Monsenhor Espérandieu a contradicção atroz das suas maxillas que se apertaram como as de um lobo. Os dedos enclavinhados fizeram estalar as phalanges e: com uma voz atravessada de colera, disse:

— Já vejo, Monsenhor, que o seu partido está tomado; pois o meu tambem está. Não deixarei que me façam a guerra sem me defender. Voossa reverendissima é que vai desencadear o escandaloso. O cura de Favières lançou-se imprudentemente nos encargos da construcção de uma escola livre, que o levarão longe se não fôr poderosamente auxiliado pelo Bispado... Porque com a municipalidade escusa de contar. Nós somos os responsaveis pelos dinheiros dos nossos municipes e não os empregaremos em subven-

cionar empregos hostis ao governo... Nós somos republicanos em Favières...

— Oh! Sr. *maire*, tambem o somos no Bispado... Bem sabe que não fazemos opposição. — Eu sei que Monsenhor é muito sagaz e que conduz muito habilmente o seu barco...

— E' o de S. Pedro, que era um pobre pescador, e, como todos os apóstolos, um homem do povo.

Sr. *maire*, o clero tem por dever o ser humilde e approximar-se dos humildes. Os felizes da terra não tem necessidade d'elle, enquanto os desherdados, os que soffrem, os desesperados

são os seus clientes habituaes. Quem se occupará das creancinhas e quem as instruirá, se os curas não se encarregarem d'isso?

— Nós Monsenhor.

— Sim, mas os senhores não lhes ensinam a resar a sua oração. A cultura do espirito é excellente, mas a da alma é indispensavel. E que dôr para nós ver que persiste o eterno mal entendido e que os senhores e os meus amigos estão convencidos de que é impossivel ser bom republicano e ouvir missa! Vamos meu caro sr. Lefrançois, o sr. que tem uma verdadeira superioridade intellectual não dará o exemplo da moderação e da conciliação? Seria um bello papel a desempenhar e digno de o tentar.

— Que diriam os meus eleitores?

— E' pois unicamente para satisfazer o seu partido que o sr. quer ser conselheiro geral e deputado... E é o meu pobre cura de Favières que o sr. medita offerecer em holocausto aos seus

## Estudo anatomico

A' Aluizio Azeredo

*Entre no amphitheatro da sciencia,  
Atrahido por mèra phantasia,  
E aprouce-me estudar anatomia  
Por dar um novo pasto á intelligencia.*

*Discorria com toda a sapiencia  
O lente, n'uma meza, aonde jazia  
Uma immovel materia, humida e fria,  
A que out'ora animou a humana essencia.*

*Fôra uma mertriz: o rosto bello  
Pude, tímido, olha-o com respeito  
Por entre a negras ondas de cabelo.*

*A convite do lente, contrafeito,  
Rasguei-a com a ponta do escapello,  
E... não vi coração dentro do peito!*

Fontoura Xavier.

sectarios... para com a cabeça d'elle na mão, pedir esse salario!... Não! Não a terá!

O bispo ria, mas uma emoção perfeitamente dissimulada fazia-lhe tremor a voz. Ergueu a sua fria mão, ornada do anel pastoral, e ameaçando o *maire* com um gesto gracioso:

— Cuidado! Recrutarei alliados contra si, em sua propria casa. A encantadora madama Lefrançois não fará causa commum com todos os seus terriveis radicaes. Envolvei-a-hei nos meus interesses, e julgo-a bastante poderosa...

— Minha mulher não será tão tola que se metta n'estes negocios, regougou o *maire*. Ella conhece bem os meus sentimentos para com o cura, e tudo o que podia tentar em seu favor já o tentou. Ella conhece-o ha muito tempo... Sabe que elle me odeia. Se conta com o seu apoio, Monsenhor, enganase rodondamente. Parece-me até que ella não ficaria muito penalizada se o abba de Daniel fosse tirado de lá...

— Como! até as proprias mulheres lapidam o pobre rapaz? Diga-me lá, Sr. Lefrançois, quanto deve elle? O Sr. deve conhecer a cifra, visto que tem interesse n'isso.

— Monsenhor, o cura de Favières está responsável por quarenta e dois mil francos, dos quaes não tem nem um sou. Se conhece algum banqueiro que lhe empreste dando apenas a sua sotaina de penhor, indique-lhe-o, porque é tempo...

— Quarenta e dois mil francos! E a quem os deve elle?

— A operarios: pedreiros, marceneiros, pintores...

— Essa boa gente esperará...

— Ha já dois annos que esperam... Monsenhor quer ver penhorar o seu cura? Deve ser um espectáculo edificante!

— Sr. *maire*, disse Monsenhor Espérandieu com gravidade, se eu tivesse a somma necessaria, o abba de Daniel receberia-a-hia amanhã para fazer face aos seus compromissos, mas sou pobre. Esse dinheiro foi gasto para gloria de Deus; esteja certo que Deus dará algum remedio a isso.

— Amen! disse o *maire*, com um risinho de mofa.

Levantou-se, pegou no chapéu, bateu com o varapau no tapete, e curvando-se ironicamente diante do bispo:

— Monsenhor, ha de lembrar-se um dia de que eu vinha offerrecer-lhe a paz e que m'a recusou.

— Porque o Sr. m'a offercia pelo preço de uma injustiça.

— Quando se arrepender da sua recusa já será tarde.

— Sr. *maire*, a minha consciencia estará sempre tranquilla. Desejo que aconteça o mesmo á sua.

(Continúa)

# PELO CEARÁ

I

Lança o olhar em torno :  
Arde a terra abrasada

Debaixo da candente abobada d'um forno.  
Já não chora sobre ella o orvalho a madrugada ;  
Secaram-se de todo as lagrimas das fontes ;  
E na fulva aridez asperrima dos montes,  
Entre as cintillações narcoticas da luz,  
As arvores antigas  
Levantam para o ar — athleticas mendigas,  
Fantasmas espectraes, os grandes braços nus.  
Na deserta amplidão dos campos luminosos  
Mugem sinistramente os grandes bois sequissos  
As aves cahem já, sem se sustentar nas azas.  
E, exchaurindo-lhe a força enorme que ella encerra,  
O sol applica a terra  
Um caustico de braza.  
O incendio destruidor a galopar com furia,  
Como um Attila, arrasta a tunica purpurea  
Nos bosques seculares ;  
E, Lacoontes tenis, os troncos viridentes  
Torcem-se, crepitando entre as rubras serpentes  
Com as caudas de fogo em convulsões nos ares.  
O sol bebeu d'um trago as limpidas correntes ;  
E os seus leitos sem agua e sem herbagens frescas,  
Co'as bordas solitarias,  
Têm o aspecto cruel de valles gigantescos  
Onde podem caber muitos milhões de parias.  
E entre todo este horror existe um povo exangue,  
Filho do nosso sangue,  
Um povo nosso irmão,  
Que nas ancias da fome, em contorções hediondas,  
Nos estende através das supplicas das ondas  
Com o ultimo grão a descarnada mão.  
E por sobre e ta immensa, atroz calamidade,  
Sobre a fome, o extermínio, a viuvez, a orfandade,  
Sobre os filhos sem mãe e os berços sem amor,  
Paíram sinistramente em bandos agorciros  
Os abutres, que são as covas e os coveiros  
Dos que nem terra tem para dormir, Senhor !  
E sabci — monstruoso, horrivel pesadelo !  
Sabci que ali — meu Deus, confrunjo-me ao dizel-o !  
Vêem-se os mortos nus lambidos pelos cães,  
E os abutres cruéis com as garras de lanças,  
Rasgando, devorando os corpos das creanças  
Nas entranhas das mães !

II

Quando inda ha pouco o vendaval batiu  
Dos grandes Montes nos robustos flancos ;  
E as nuvens, como enormes urgos brancos,  
Em tropel pela abobada sombria  
Dos canhões dos titans, aos solavancos,  
Arrastavam a rouca artilheria ;  
Quando os rios, indomitos, escuros,  
Iam como ladrões saltando os miroes  
Para roubar ao camponez o pão ;  
E cruzando-se os raios flamejantes  
Abriam como esplendidos montantes  
De meio a meio a funila escuridão ;  
Quando os ventos asperrimos, freneticos,  
Como cyclopes doídos, epilepticos,  
Com raivas convulsivas  
Perseguiam, bramindo, ás chicoitadas,  
Das retumbantes ondas explosivas  
As tropegas manadas ;  
Quando entre os gritos roucos da procella,  
A fome — a toba — escancarava a quella  
Uruando ás nossas portas ;  
E andavam sobre as aguas deshumanas  
Com os despojos tristes das choupinas  
Berços vazios de creanças mortas ;  
Oh ! nesse instante, ao ver o povo extenuado,  
Pulsou da patria o coração urumino,  
Um coração de mãe piedosa e boa...  
E das immensas lagrimas choradas  
Muitissimas então foram guardadas  
Entre as joias da c'ria.  
Mas é certo tambem que alem dos mares  
Alguem ouviu, alguém, cortando os ares  
Essa terrivel dor ;  
E esse alguem é quem hoje, é quem agora  
Morto de fome a soluçar implora  
Mais do que o nosso auxilio — o nosso amor.  
Vamos ! abri os corações, abri-os !  
Transborda a caridade como os rios  
Transbordaram dos leitos em Janeiro !  
Nem pôde haver de certo mão avara  
Que o pão recuse a quem lhe deu a reará,  
Que esmola negue a quem Pha deu primeiro.  
A miseria é um horrivel sorvedouro ;  
Vamos ! enchei-o com punhados d'ouro,  
Mostrando assim aos olhos das nações  
Que é impossivel já hoje (isto consola)  
Morrer de fome alguém, pedindo esmola  
Na mesma lingua a que a pediu Camões !

Suerra Junqueiro

(D'A Musa em Férias, edição de 1879.)

# NO CEARÁ

(Excerpto)

O inverno continuou  
sem fazer interrupções  
até começo de Junho.

O Ceará desde as praias  
ao sertão estava em  
plena primavera. Uma  
alcatifa verdeoenga sara-  
pintada de flores de to-  
dos os matizes cobria o  
solo, ensombrado pela  
floresta que uma pletho-  
ra de vida ostentava o  
vigor equatorial em sua  
luxuriante vegetação.

O sub-solo regorgitava  
d'agua, e tanto que os  
logares baixos estavam  
alagados. Desde o me-  
do de Abril que a chu-  
va que cahia não era  
mais bebida pelo chão;  
ou ficava brejando a  
terra ou descia para os

rios, que movimentados por in-  
gremes declives, iam ter ao mar  
com uma rapidez inerivel.

Os roçados estavam a maior  
parte seguros. Em alguns logares  
a praga da lagarta tinha destruido  
a primeira plantação, e a segun-  
da planta agora é que começava a  
florir.

O roçado de João das Neves  
era um dester.

O milho pendoado começava a  
boncelar. O feijão de corda alastrava  
o chão e a sua verde rama  
mosqueavam exquisitas corollas  
rôxas e brancas. Nem uma va-  
gem ainda fructificava.

O arrozal occupava mais de cem  
passos de terra em ambas as mar-  
gens do riacho e havia crescido  
fóra do commun. Agora é que  
começava embuçar. Se fosse ver-  
melho já teria partido, mas era Ca-  
rolina, em menos de quatro me-  
zes não soltaria o cacho.

A mandioca que havia plantada  
era muito pouca, talvez não che-  
gasse a 500 covas, mas estava tão  
grande e viçosa que parecia ter  
mais de um inverno.

A lavoura estava neste pé quan-  
do se acabaram as chuvas. Vie-

# PERDÃO ! ..

A' J...

O' santa que eu adoro loucamente,  
tu que tens em tua alma só bondade,  
perdoa o desvario de quem ha de  
amar-te sempre, sempre... eternamente !

Sim ! Perdão para quem na divindade  
dos teus affectos crê e por ti sente  
sua existencia alegre e florescente,  
sentindo que o prazer seu peito invade...

Foi loucura pensar em desprezar-te  
quando longe de ti então estava,  
Foi loucura !... devia idolatrar-te.

Assim, hoje, supplico o teu perdão,  
para quem mesmo louco inda te amava,  
pois que louco não tinha o coração !

Mario M. Costa.

ram as manhãs frias de Junho com  
um terral que cahia pela madru-  
ga da e doía nos ossos.

Os rios com a mesma presteza  
com que encheram, vasaram. Cor-  
riam nos leitos muito socegadamen-  
te. O excesso d'agua, que se via  
inundando as baixas desaparecia  
de um dia para o outro, levado  
pela evaporação, que a queentura  
do sol activava cahindo em cheio  
sobre a terra.

João das Neves comprehendeu  
com grande desgosto que o inver-  
no se havia acalado. Esta certe-  
za não o abateu de vez, porque  
as terras estavam fartas d'agua e  
qualquer chuveiro mais seguraria  
os legumes. Não seria provavel  
que Junho se acabasse sem dar  
ao menos algumas neblinas, pen-  
sava, para afastar de seu espirito  
uma idécia que evitava, que dester-  
rava da imaginação como pertur-  
badora de sua paz e até de sua  
razão. E Junho continuava com um  
céo tão limpo que não parecia  
aquelle que se tinha conservado  
embuçado em escuros nimbo tal-  
vez durante tres mezes.

João das Neves, depois da en-

trada do verão, ia todos  
os dias ao roçado.

As primeiras visitas  
não o inquietaram ; pelo  
contrario, animaram-n'o :  
as plantações estavam  
mais viçosas com o sol.

A sede que tinham de  
luz saciou-se em breve,  
e agora o calor já come-  
çava a estiolar os órgãos  
mais delicados dellas.  
Dentro do roçado não  
havia mais uma gotta.  
A soalheira cortou o ria-  
cho em tres dias e uma  
semana depois as piabas  
que elle criava morreram  
no secco.

O arrozal tinha pari-  
do e coroavam as suas  
flexiveis hastes ciciosas  
fatos cachos de flores  
louras.

Quando João das Ne-  
ves chegou ao roçado pela

manhã e viu que o arroz tinha sol-  
tado o cacho e o céo não prometia  
ao tuenos um chuveiro, ficou des-  
alentado. O seu esmorecimento foi  
ainda maior quando se approxi-  
mou das flores, e, depois de lhes  
ver o vigor e o tamanho enorme  
dos cachos viu que as folhas, de  
verdes que eram, iam se tornan-  
do avermelhadas.

Já os bordos dos limbos come-  
çavam a crestar-se e uma cór de  
ferrugem os coloria de um mor-  
tuario. João das Neves acocorou-  
se e escárvou o chão. Nem pare-  
cia a terra brejada de quinze dias  
atrás ! A agua tinha-se sumido  
para as profundezas da terra. Es-  
tava tudo perdido, só uma chuva  
podia salvar a seara. Que pena  
fazia ver as flores louras de pol-  
len se inclinarem umas sobre as  
outras, fecundando-se, mas impro-  
ficamente, sem esperanza de se-  
mente !

O milho já tinha florecido, mas  
ao sol.

As flores masculinas se expan-  
diam em conicas paniculas e dei-  
xavam cahir dos estames o doura-  
do pollen sobre a crespa cabellei-  
ra fulva das flores femininas, que,

ocultas em uma túnica de folhas verdes-gaio, expunham somente os fios delgados de seus cabellos louros. E pelas fartas madeixas desatadas aos bafejos da aragem, em amorosas carícias era levado o noivo á camara nupcial e tinham lugar as bodas.

Foi uma união sem fructo aquella. Mal se havia operado a fecundação, o leito conjugal, que se transformaria em sementes de côr de ouro, fana-se á miugua d'agua, e o embryão se atrophia, como mirrado feto nas entranhas uterinas.

A seccura da terra no periodo mais importante da reproducção fazia aquellos amores sem fructos.

O feijão, cujos ramos verdes bracejavam de terra a fóra, murcho começava a enrolar coberto de vagemzinhas bem fecundadas, mas que iam morrer porque a sua vida era de fecto, e a planta mãe não tardava a finar-se.

João das Neves estava profundamente commovido com a sorte dos pobres vegetaes. Não que tivesse uma noção sequer de sua biologia, que soubesse que elles eram seres vivos e que até alguns pareciam sentir, mas pela certeza de que se acabariam prematuramente. Assim sentindo por todos elles uma angustia que lho dilacerava a alma, angustia que tocou ao paroxismo depois que a aridez do solo o convenceu de que só a agua do céu poderia salvar a vida a se extinguir naquellas plantas, instinctivamente procurou com o olhar nas alturas o creador do homem e da larva, o senhor do raio e da chuva, e uma prece talvez entoasse o seu espirito, mas que não foi articulada.

A figura daquelle homem rude, de pé, descoberto, em meio de milhares de viventes que morriam de sede, sem poderem soltar uma queixa, um ai, era de uma grande e profunda magestade. Mudo interprete daquelles mudos seres, con-

centrou na vastidão do olhar toda a piedade que o commovia, e fitava o céu procurando assim chamar para aquelle miseravel campo a vista do Deus dos desamparados e a sua misericordia.

Para tocar a Divindade e atrahir a sua graça, cahiu de joelhos e levantando as mãos supplicantes, evocava a bondade divina, pedindo mentalmente uma sede de agua para as pobres plantas que se mirravam aos raios de um sol abrazador.

Os olhos do camponio pouco tempo estiveram levantados; baixaram-se ao peso das lagrimas, que corriam celeres e se embeciam na terra arida que tanto suor já tinha tragado durante o seu pesado amanho e agora lhe bebia o pranto...

E chorava o pobre homem em um desconsolo que fazia dó. Para maior desillusão sua, o sol faiscava no céu e nem uma nuvem pairava na vastidão do espaço.

Abatido com o desastre que não evitaria o esforço humano, nem tão pouco as maiores potestades terrenas, deixou aquelles tristes logares e voltou á casa. Segria pelo caminho como um leudo.

A idéa fixa que o absorvia inteiro era o aniquilamento da lavoura.

Etanto que de quando em vez parava, olhava os horizontes para ver se Deus o havia attendido, se já assomava no oriente algum escuro nimbo.

Nada, nem um traço de nuvem se via na linha que parece unir a terra ao céu. João Neves, embora essas repetidas decepções, não estava de todo desilludido; á proporção que se afastava do roçado, cobrava animo, sentia nascer uma esperança. Todo aquelle desconforto que lhe abatia o espirito era suggerido pelo tristinho espectáculo que tinha diante dos olhos. Longe d'elle, já não achava o desastre tão falto de remedio, tão inevitavel. O roçado ainda

não estava perdido, podia esperar oito dias sem morrer de todo. Seria possivel que durante todo este tempo não cahisse uma chuva, que Junho fosse completamente secco? E intencionalmente olhava para o céu a ver se o tempo mudava.

O sol era o mesmo, fusilante e quente. Com a vinda da noite bem podia ser que se condensassem os vapores e cahisse algum aguaceiro.

João Neves, cheio de esperanças, chegou a casa e cheio de esperanças viveu oito dias. As noites passava acordado, esperando a chuva estalasse no telhado.

Não veio de noite, virá de dia; e antes de amanhecer de todo, sahia de casa a investigar com seus olhares sequiosos de promessas o espaço inteiro. Não era só no céu que procurava bons prognosticos, era tambem em diversas manifestações do instincto dos brutos. Um grillo de inverno havia cantado á noite; a maritacaia tinha mudado os fillos do leito de um riacho para as ribanciras, o carão folheara ao pôr do sol na corda do rio. — um sem numero de signaes de chuva que nunca tinham fallado e eram fructos da observação de muitas gerações extinta...

Tudo fallou; não houve previsão boa que servisse, para maior desgraça de João Neves.

No fim de oito dias o roçado só tinha verdes as mandiocas e algumas gíranas, que, formando caramanchel, estavam cobertas de flores de um roxo claro, côr de lilaz. Tudo mais estava secco, torrado!

O vento do sudoeste, que sopra pela manhã, arrancava dos cachos as flores das gramineas e ia espalhando de terra a fora as mirradas e cinzentas corollas que dias antes eram o encanto, o adorno do roçado.

Era o prenuncio terrivel do terrivel flagello que ia pesar, intenso e inevitavel, sobre aquella terra infeliz entre os infelizes!...

Rodolpho Theophilo

## SCIENCIAS e ARTES

### Novo Combustivel

#### O ar liquido nos navios

O ar liquido, sendo obtido em uma temperatura de 35° abaixo de zero, applicado á locomoção, virá a ter um custo diminutissimo.

Os navios poderão fazer a travessia sem machina nem caldeiras e sem parar para tomar carvão. O paquete «Elean» da Companhia «Hamburg-Südamerikanische» percorreu a distancia de entre Suez e Singapura empregando unicamente o ar liquido como força motriz e obteve 9 1/2 nós de velocidade.

Quatro homens bastam para o serviço do ar liquido.

A economia que traz á industria de transportes esta innovação dará um colossal desenvolvimento ao commercio do mundo inteiro.

### A NAVEGAÇÃO AÉREA

Em Baltimore acabam de realisar-se experiencias de navegação aérea que, no dizer dos entendidos, podem passar pelas mais completas que se tem conseguido em aerostatica e parecem ter resolvido de uma vez o problema, que tanto trabalho tem custado e que passava por não poder ser resolvido de um modo feliz. O maior inconveniente que se oppunha á realisção do problema era que todas as machinas productoras de força eram demasiadamente pesadas para vencer a resistencia do ar, pois eram de aço, ferro, nickel ou aluminio. Augmentar o volume do globo para alcançar mais força era preciso augmentar o tamanho d'este e, por consequencia, o da machina.

Era isto, pois, um problema insolvel.

O Sr. Josias Durnham, constructor de machinas, homem de engenho e fortuna, perito, tenaz e paciente, conseguiu dar o primeiro passo, senão resolver completamente o problema.

Uma machina levissima de sua invenção produz uma força enorme, capaz de dirigir contra o vento, não um mas dez balões.

Como obteve Durnham este resultado? De um modo muito simples; empregando os explosivos, que com o tempo hão de produzir uma revolução industrial tão grande como a que fizeram os motores a vapor.

O ar liquido foi que deu ao inventor americano o poder para o seu balão se elevar aos ares, apesar do pezo da machina, e é elle que imprime a direcção ao aparelho, fazendo-o caminhar contra o vento, como um navio.

No primeiro dia os ensaios não deram o resultado definitivo, devido á falta de pratica e a uma grande ventania; apesar de perder alguma coisa da força ascensional, o aparelho se elevou aos ares, caminhou contra o vento, subindo e descendo á vontade.

No segundo dia a experiencia deu melhor resultado. O balão se elevou a uns 1.200 metros e encontrando uma forte corrente de N. O, seguiu-a durante uns 40 minutos, evolucionou em sentido contrario, subiu, mudou de direcções e desceu no mesmo ponto de partida, entre applausos, executando as manobras com facilidade e rapidez.

O aparelho propulsor se move por disparos successivos do explosivo e desenvolve enorme força sem offercer perigo.

O unico inconveniente do motor é o custo excessivo do aparelho e da materia empregada, mas é de crer que, começando-se a usar o systema, o preço se tornará menor.

Em pouco tempo as viagens aéreas deixarão de ser um sonho, e é facil de imaginar a verdadeira revolução que se ha de operar nos meios de transporte.

Tambem modificará a tactica militar não só pelo uso dos balões como das medidas de protecção que será preciso adoptar.

Dizem alguns jornaes que se o governo dos Estados Unidos do Norte souber aproveitar a descoberta de Josias Durnham, esta Republica terá firmado a sua preponderancia sobre todas as nações.

Basta comprar o segredo ao seu inventor e poderá declarar a guerra a qualque paiz, com as maiores vantagens.

Não deixa de ser verdadeiro isto em theoria; resta, porém, saber se o será na pratica.

Só o futuro o poderá diser.

~~~~~

A vida é uma comedia para os que pensam e uma tragedia para os que sentem.

### REFLEXÕES

Vi um condor preso n'uma gaiola. — « É um chimango! » dizia um rapasola a seus companheiros, deixando-os assombrados da sua erudição ornitologica.

Entre nós, quantos condores são confundidos com vis chimangos e quantos chimangos são tidos por condores!

Quando vejo um homem superior, brinquedo da plebe, depois de descer até ella impellido pela miséria ou pela desgraça, parece-me contemplar um d'esses rochedos corpulentos que do alto da montanha roda até o valle, e que, mesmo dentro do fango que suja sua base, lovantam ao céu o seu vulto gigantesco, como sentindo a nostalgia dos cumes.

(De La Alborada)

## Diversões Charadas

Ao R. Vellozo

Veste o homem de cor azul —  
— 2 — 2.

Este pontífice deu um fructo a  
este passaro — 2 — 2.

Com esta bebida se faz outra,  
bebida para matar esta ave  
— 2 — 2.

Esta medida em Africa se ves-  
te? — 2 — 2.

## Logogriphe

Ao Tenente Barcellos

Da aurora ás luzes primicias  
3-21-6-23-18.

Cruzando os bosques eu ando,  
19-2-18-13-15.

as braucas flores beijando, — 22 —  
12-18-12-23-21.

abrindo as azas ligeiras — 16-23 —  
18-16-23-11-10-14-15

Miro o azul sereno e puro — 19-5-4 —  
e moço, a sorrir eu passo; — 1-23 —

mas conôrto em todo o espaço  
6-20-8

é embalde que procuro, — 17-16-18-12-9-2 —

## CONCEITO

Leitor, vou dar-te o conceito,  
pois sou a isso forçado:  
militar disciplinado,  
caracter nobre e eleito.

Aprendizinho.

## DECIFRADORES

D'esta vez escassearam os de-  
cifradores e nenhum d'elles che-  
gou a meta.

Notamos a ausencia do Aprendiz.  
— Porque? Se se descuida seus  
contendores o levarão de vencida.

Eis a lista:

Mario..... 3  
Lulã..... 3  
Alexandre..... 2

## Decifrações

Canopo — Quitado — Lycia —  
Satrapa — Molle — Eure.

A ordem é a belleza moral das cousas  
O. Fouillet.

## DIA FELIZ

(Improvisão)

A' Castro Junior

Ao alvorecer

O cuco da varanda,  
Em accento de crystal,  
Saúda cinco vezes  
A aurora matinal.

A' tarde

Com graça, á saltitar,  
Requebra, docemente,  
Um canarinho lindo,  
Trinando alegremente.

Ao anoitecer

A' luz crepuscular,  
Cantando mavioso,  
Suspira, meigamente,  
Um rouxinol saudoso.

O perfume d'um jardim,  
Vem a briza embalsamar  
Aspira-o, bardo mimoso,  
Estando lyra á dedilhar.

SYNTHESE

Do mundo triste o poeta  
Que mais pôde desejar?  
Sorrir co'a Natureza,  
Viver alegre, cantar.

N. Barbosa.

As festas do amor são como as festas  
do mundo:—deve a gente retirar-se antes  
que se apaguem as luzes.

## Expediente

SÃO AGENTES D'ESTE SEMANARIO:  
Rio Grande

Sr. Arthur Loureiro de Souza.

Pelotas

Sr. Pedro Puchulá.

Arroio Grande

Sr. Mario M. Costa.

Herval

Sr. Pedro Loubeira.

Para annuncios e outros as-  
sumptos concernentes a esta em-  
presa os interessados deverão en-  
tender-se com esses distinctos cida-  
dãos.

Não nos foi possível distribuir  
este numero no dia determinado.  
Essa falta foi devido a não ter-  
mos recebido em tempo os clichés  
encomendados, que, sem duvida  
por força maior, a casa incum-  
bida da execução deixou de en-  
viar os com a devida anteceden-  
cia. Pedimos desculpa por essa  
falta involuntaria.

A secção «Artes e Sciencias»  
foi transcripta da Revista Scienti-  
fica que se publica no Rio de Ja-  
neiro.

## Uma illusão

Em um dos dias de maior ne-  
voeiro em Paris, travou-se o se-  
guinte dialogo:

— Minha senhora, permite-me  
que a acompanhe a casa?

— É inutil, senhor, estou quasi  
ao pé da minha.

— Tenho muito pesar, minha  
senhora.

— E vou com pressa porque meu  
marido deve estar com cuidado,  
se já chegou.

— Ah! é casada?

— Infelizmente!

— Tambem eu! Tenho essa  
infelicidade.

Suspiraram. Tendo dado alguns  
passos, ciciou a terna esposa:

— Peço-lhe que se vá embora.

Eis-me chegada a casa.

— Tambem eu.

— A minha é esta.

— Não; esta é a minha!

— Ora essa!...

— É esquisito!...

Entrame á luz do gaz da escada  
reconhecem-se! O marido havia  
acompanhado a casa sua propria  
mulher.

(Anonymo Parnahiba)

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
Seccos e molhados

Vinhos e Azeites

Legitimosportuguezes

Herva matte "Leivas"

Verdadeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores

Arame de Ferro

Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei

para construcção, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cereaes, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz

A preços sem competencia

Comprão e vendem

Ouro amocdado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes

DOS VAPORES DA

Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos do nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte,  
a casa em condições de offerecer as maiores vantagens possiveis.

Jaguarão, 17 de Setembro de 1900

# Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

DE

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 a arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
mo estabelecimento, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada,  
doce de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de pri-  
meira qualidade.

# Linha Regular de Navegação Fluvial

## Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Elctrica

Estos vapores, construidos em condições de navegar com segurança e transpor baixios especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinações com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

### VAPOR JUNCAL

## Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez  
 Sahidas de Jaguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

### VAPOR MIRIM

## Itinerario Fixo até Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

| Anos | MEZES      | Dias de saídas |    |    | Observações                                                                                                                    |
|------|------------|----------------|----|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      |            | 1              | 2  | 3  |                                                                                                                                |
| 1900 | Janeiro... | 2              | 14 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estritamente necessario; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias. |
| "    | Fevereiro. | 10             | 21 |    |                                                                                                                                |
| "    | Março....  | 3              | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Abril....  | 10             | 22 |    | —«—                                                                                                                            |
| "    | Maio....   | 2              | 14 | 26 | Os valores, encommendas e cargas só serão despachadas pelas respectivas agencias.                                              |
| "    | Junho....  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                |
| "    | Julho....  | 2              | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Agosto...  | 10             | 22 |    | —«—                                                                                                                            |
| "    | Setembro.  | 2              | 14 | 26 | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                               |
| "    | Outubro..  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                |
| "    | Novembro   | 2              | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Dezembro.  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                |

**AGENTES**

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.      Jaguarão..... Augusto Leivas & C.  
 Pelotas..... Conceição & C.      Santa Victoria... Joaquim Calvete & C.  
 Jaguarão, 1º de janeiro de 1900.

Os proprietarios  
*Augusto-Leivas S. C.*

AUGUSTO LEIVAS DUARTE  
 ADVOCADO  
 Rua General Osorio n. 50  
 Jaguarão

JOSÉ HIPOLITO GARCIA  
 Especialidade em tratadas de seguros para mais informações, preço, capital  
 RETENÇÃO V. CHAYON  
 Todos os trabalhos são garantidos  
 Preços sem competencia  
 Rua 15 de Novembro N. 32 - Jaguarão

Pharmacia Popular

—DE—  
 Candido Villas-Bôas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

**JAGUARÃO**

Jaguarão, 29 de Outubro de 1900.

—JAGUARÃO—  
**ILLUSTRADO**

Orgão Literário, Científico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num.<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 4

**A METRALHADORA**

DE  
 Affonso Barbosa & Comp.

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua 15 de Novembro n. 77

**Jaguarão**

Barberia La Central  
 Armando Gonzalez  
 Rua 15 de Novembro N. 24  
 Jaguarão

Terencio Ferreira de Freitas  
 Nesta actividade officina, promptaria, com sempre e a preços módicos qualque trabalho concernente a arte  
 Compre-se aqui e presta-se a  
 Rua 15 de Novembro N. 29 Jaguarão

CURIVESARIA

Moreira & C.  
 Casa especial de fumos  
 Deposito permanente de tudo quanto é necessário a fumaça, obsequio de es-  
 critorio, limpadas e variedades  
 Rua 15 de Novembro n. 32  
 Jaguarão

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cozinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

## LA URUGUAYA

DE  
Adolpho Miralles

Nesta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito o se faz sobre moldes e calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha de melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
Jaguarão

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos de basar e miudezas.

- VENDER A DINHEIRO -  
E' nosso logar: ganhar pouco para vender muito.  
8 - Rua 15 de Novembro - 8  
Jaguarão

## Officina de Calçados SERIGOTES E CORREAMES

DE  
Augusto Wiener

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade e que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiaes empregados na confecção dos artefactos de seus diversos ramos.

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
JAGUARÃO

## CASA DE JOIAS

DE  
Arroque, Santos & C.

Relojaria e Ourivesaria

Esta hereditada casa possuido habilitação para executar toda e qualquer concerto de relógios e como promptilheas obras de ouro e prata e de outros metaes preciosos e trabalhos de ourivesaria.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO  
Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 29 de Outubro de 1900

FASCICULO IV

## Dr. J. Alboino de Figueiredo

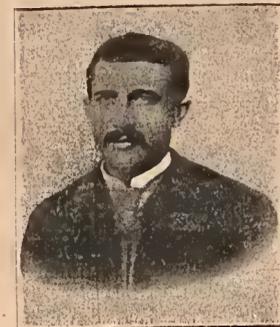
Coincidindo a publicação em nosso semanario dos retratos dos illustrados medicos Drs. Carlos B. Gonçalves e José Alboino de Figueiredo com o periodo mais fervoroso da questão que em redor dos seus nomes se agita, parecerá a muitos uma demonstração de sympathia por nossa parte á causa d'esses dois conspícuos cidadãos.

Mas não é assim. Ao iniciarmos a publicação deste jornal, assentamos illustrar as suas columnas, iniciando com os retratos dos distinctos membros do corpo medico, por ordem de antiguidade de residencia nesta cidade.

Eis o motivo porque o « Jaguarão Illustrado » publicou segunda-feira o retrato do benemerito jaguareense Dr. Carlos B. Gonçalves e publica hoje o do illustrado cearense Dr. José Alboino de Figueiredo.

O nosso programma está traçado e delle não nos afastaremos.

Dr. José Alboino de Figueiredo, heróico de Iracema, o primeiro do Brasil, para quem se conservam ainda voltados os olhos cheios de doce piedade, e que, ainda, carcerarias, sob a alacriação da sua alacriação, amancillar,



as nuvens espessas e pavrosas da desgraça e do exterminio; lána patria de Alencar, no Ceará glorioso, onde pa'ran continuo e sinistramente os horrores da socca, arras-

na academia de medicina da Bahia, onde formou-se a 4 de julho de 1887, sendo aprovado com distincção por occasião de deffender these.

Veiu em 1889 para esta cidade, onde conquistou logo um logar saliente entre os discipulos de Esculapio.

Pouco tempo depois casou-se com uma distincta jaguareense, filha do general Antonio Bernardo de Figueiredo.

Elcito Intendente Municipal em 1896, soube no desempenho desse cargo conquistar os applausos e a gratidão deste povo, que, agradecido, o relegeu em 1900.

Aos seus patrióticos e ingentes esforços exclusivamente se deve os grandes melhoramentos materiaes desta cidade.

Eis pallidamente e a largos traços esboçado a biographia do illustrado e humanitario medico, cujo retrato occupa hoje a pagina de honra do nosso modesto semanario.

Mario.

Perante os outros fazes alarde de ser um alheu convicto; mas tu mesmo, se de facto o és, só na hora da morte o poderás saber.

tando ás portas da miseria e da fome os seus desditosos filhos, cujos gritos de dor e desespero ainda nos vêm, através do espaço, ecoar triste e dolorosamente em nossos corações e em nossas almas, nasceu no dia 27 de agosto de 1860 o Dr. José Alboino de Figueiredo, filho legitimo do fazendeiro Tenente Coronel José Antonio de Figueiredo e de D. Ignacia de Figueiredo.

Depois de haver exercido o cargo de secretario da Camara Municipal do Crato, sua cidade natal, matriculou-se, no anno de 1881,

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE

George Ohnet

I

Ergueu-se, fez ao seu interlocutor um signal de cabeça, para indicar que a audiencia estava terminada; e envolto no seu traje roxo, deslizando docemente por cima dos tapetes, reconduziu-o até a porta. Ali, como o *maire* radical lhe lançasse um ultimo olhar de desafio, elle sorriu, e com os dedos evangelicamente juntos, enviou-lhe a sua benção.

Lefrançois sacudiu-se, como se lhe atirassem a má sorte, mastigou algumas palavras que não eram nem benevolentes nem reverenciosas, desceu a escada do Bispado e mettet-se no cabriolet que o esperava no pateo.

Monsenhor Espérandieu era um prelado corajoso, mas prudente. Queria defender o seu clero, mas queria tambem saber porque e como era atacado. Abria a porta do seu salão e passando para a sala contigua, que servia de bibliotheca e de archivo, procnrou com o olhar o seu secretario. De pé diante da janella aberta, o moço abbafe occupava-se em dar migalhas de pão aos numerosos pardaes que tinham os seus ninhos nos buracos das velhas paredes do bispado. Um ar tepido e perfumado subia do jardim, e das tilias em flôr exhalava-se um aroma penetrante; nos ramos pipilava a passarada irrequieta. E o padre, illuminado por um raio do sol, continuava a sua distribuição com toda a placidez, sem imaginar que o seu bispo, sorrindo á suave e pura harmonia d'aquelle retrato, estava por traz d'elle.

— Bravo! meu caro filho, disse o bispo approximando-se, já vejo

### INTROITO

*Não leias o meu livro!... O teu olhar sereno  
Deve pousar somente nos períodos puros.  
Este meu livro é mau; ha nelle mais veneno  
Mais peste e fêl do que nos ficos dos monturos...*

*Ruge nas suas folhas, deshonestamente,  
A carne aberta em flôr ao vicio requintado;  
Cada verso aquarella e encerra hercemente  
A cantharida, o amor e o virus do peccado...*

*Como n'um céu aberto em novilunio de ouro  
As vezes brilha e canta nesse monstro escuro  
Um pensamento honesto e bom e forte e puro!...*

*Mas repentinamente a treva immensa, em coro,  
Desce e o vicio, subindo ao cimo do meu verso,  
Ruge, e mostra o que eu sou: — um coração perverso!...*

Erico dos Santos

para o abbafe Daniel, que eu o mandasse para outra freguezia. Esse Lefrançois prega-lhe um dia uma partida abominavel, e comprometter-nos-ha a todos com elle.

O abbafe Ricardo, pertencente pelo seu nascimento á nobre familia de Prêfont, achava-se muito naturalmente disposto a mostrar-se hostil ás pretensões do *maire*, cujo tom, manieiras e tendencias chocavam os seus habitos, os seus gostos e as suas opinões.

Teve um sorriso de desdem, e pondo na fórmula da sua resposta tanto mais respeito quanto o fundo era mais ousado:

— Admiro-me de que Vossa Grandeza pense em ceder, o terreno ec-

clesiastico, a esse sectario malcreado. Na situação em que o Bispo está para com o governo, pode bem offerecer-se o luxo da resistencia. Um bispo deve ter o direito de fazer frente a um tyrannete communal como Lefrançois. Não ignora, Monsenhor, que esse personagem goza da mais detestavel reputação, apesar de ser, pela sua fortuna, o homem mais importante da região. Deixou em Beaumont pessimas recordações. Meu primo do La Morandière affirmo que o *maire* de Favières tem feito mais usura que boas obras, e todos os filhos-familias da cidade lhe deixaram a pelle nas mãos. Até ao seu casamento vivia na mais baixa crapula. A bella hospedeira da Aguia d'Oiro foi criada d'elle e a chronica escandalosa que buca a Lefrançois os seus libes que ella teve da sua amada, é gualard...

O bispo interrompeu o abbafe, e um pouco se aplainou.

— Parece-me, meu caro, que está muito ao facto da situação na cidade.

— Não se trata de uma cidade, mas de um momento

tario rindo, nasci aqui, e fui creado no meio d'esta gente. Bastamo ter ouvido falar os criados de meu pae, para saber o que hei de pensar do valor material e moral de todos os habitantes da cidade. Tenho uma memoria esplendida, de modo que estas coisas estão classificadas. Não tenho senão a abrir um casulo no meu cerebro, para que trasborde a onda dos esclarecimentos. Mas se desaprova a minha linguagem, calo-me...

O prelado, sem responder, deu alguns passos na bibliotheca, reflectindo; depois, sem dissimular o seu enfado:

— O cura de Favières é ardente de mais, isso não admitte duvida, e no entanto eu não lhe posso censurar o zelo, porque elle não se exerce senão em proveito da Religião. Ah! o tacto! o tacto! Na situação em que o clero se encontra, é a primeira das qualidades, a unica talvez que se deve exigir de um padre. É ahí está esse abbafe Daniel a sublevar uma freguezia, no momento mesmo em que temos precisão de temporisar, quasi de nos occultar. Vê o que se passa no mundo politico. Os moderados andam a tombos com os violentos. O socialismo, pela sua audacia, tenta dar a illusão da força. Sessenta insurrectos pretendem opprimir o paiz inteiro e destruir os alicerces seculares da sociedade franceza. Não decorrerão dois annos sem que o governo se veja obrigado a se defender, a recorrer á illusão da Egreja, que não lhe dá mais que os seus officios para uma guerra!

— Mas, Monsenhor, não é elle que a desencadeia, é esse Lefrançois. O abbafe Daniel faz, na sua aldeia, o que Vossa Grandeza faz na sua diocese. Com a differença de que, em vez de lidar com indifferentes, elle tem de lutar com inimigos. A religião, tenha a certeza, não tem nada que ver na hostilidade do *maire*. Se quer que lhe diga as verdadeiras razões d'essa animosidade, comprehenderá que, a não ser que queira entregar uma victima ao seu carrasco. Vossa Grandeza não pôde abandonar o seu abbafe ao seu *maire*. Mas vacue censurar-me ainda o relatar escandalos e por isso abstenho-me...

O bispo sentou-se ao pé da mesa, e olhando para o seu joven secretario com uma espirituosa bonhomia:

### DESGRAÇADA !..

A Castro Junior.

*Doente estava a velha prostituta,  
cunhada das orgias, do prazer;  
tinha o peito arquejante a padecer  
o remorso de vida tão corrupta...*

*Seu olhar era bello e resoluta  
a expressão de seus labio, que, a tremer,  
balbuciavam queixumes, sem dever,  
pois que sempre o destino vence a luta...*

*Ella estava sosinha e compungida,  
recordando tristonha e commovida  
seu passado nefando, negro e louco!*

*Depois, convulsionada, em branco leito,  
chorava, apertando o magro peito  
e chorando morria a pouco e pouco...*

M. M. Costa.

Arroio Grande — 1900

que o cura escolhe para atear a guerra!

— Mas, Monsenhor, não é elle que a desencadeia, é esse Lefrançois. O abbafe Daniel faz, na sua aldeia, o que Vossa Grandeza faz na sua diocese. Com a differença de que, em vez de lidar com indifferentes, elle tem de lutar com inimigos. A religião, tenha a certeza, não tem nada que ver na hostilidade do *maire*. Se quer que lhe diga as verdadeiras razões d'essa animosidade, comprehenderá que, a não ser que queira entregar uma victima ao seu carrasco. Vossa Grandeza não pôde abandonar o seu abbafe ao seu *maire*. Mas vacue censurar-me ainda o relatar escandalos e por isso abstenho-me...

O bispo sentou-se ao pé da mesa, e olhando para o seu joven secretario com uma espirituosa bonhomia:

— Agora não tenho remedio senão ouvir-o, sob pena de parecer que não quero averiguar nada. Vamos, fale, já que tem tanta coisa a dizer. Mas seja o menos escandaloso possivel.

— Monsenhor, disse o abbafe de Prêfont rindo, nada acrescenc

tarei aos factos, elles por si bastam. Mas o rosso abbafe Daniel, como o seu glorioso patrono, foi victima dos leões devedores e domou-os pela pureza do seu olhar. Mergulhou na fornalha e atravessou-a sem risco, *incautus per ignes*, e não se queixou.

— Vamos! Agoia não está a prégar. Poupe-me as citações, interrompeu alegremente Monsenhor Espérandieu.

— Eu começo então, Monsenhor. O abbafe Daniel raseou em Beaumont. Seu pae era engenheiro de pontes e calçadas. Morreu muito novo, quando o filho acabava de fazer a primeira communhã, não deixando fortuna nenhuma

á viuva. Madama Daniel tomou resoluções muito promptas e muito firmes. Metteu o pequeno Paulo interno no collegio de Beauvois, e retirou-se para Berthencourt, indo habitar uma modesta casa que os paes lhe tinham deixado e onde vivia com seus paes recuosos. Enquanto madame Daniel cultivava o seu jardim e se distrahia na arrenda das batatas e no enxerto das roseiras, seu filho fazia brilhantes estudos. Era um cerebro bem conformado que o trabalho enthusiasmava sem o cansar. Era tambem um temperamento ardente e apaixonado, incapaz de indifferença. Amava ou detestava, sem meio termo. Já se vê, Monsenhor, que no principio elle se mostrava como devia ser mais tarde, com os seus grandes enthusiasmos, as suas repugnancias obstinadas, e é seguramente deslocado no seculo d'opportunismo em que vivemos. Colloque este temperamento de apostolo e de martyr lutando com as convulsões religiosas e politicas do seculo XV, e terá um Savonarola, talvez um Lutero.

(Continúa.)

## JUSTIÇA!

Fomos recentemente o detalhe substancial da pena imposta ao anarchista Bresci.

Com dificuldade achamos phrases para explicar a dôr suprema a indignação também suprema que essa leitura infame ocasionou-nos, porque, em ondas arrebatadas, sentimos subir ao coração n'um atropello frenetico, ideias de um sentimento que desconheciamos, ideias de odio, porem de um odio ardente contra as miserias e as covardias da infame justiça da terra.

Sim! Hontem choravamos sobre o tumulto do bom rei, injustamente assassinado, condemnando o crime feroz, anathematisando o nome do assassino e hoje esse assassino merecc-nos piedade; toda a maior piedade, perante a pena selvagem que lhe impõe as leis dos homens.

Desejaríamos protejel-o ainda mesmo a custo de nossa propria vida, a pesar do seu horrendo crime, apesar de sua falta atroz unicamente em nome da humanidade!

Desejaríamos fazer algo para arrancar-o a inaudita ferocidade dos seus verdugos, algo para livral-o d'esse castigo intensamente criminoso, á essa vingança de cannibae enão de civilizados com que a justiça dos homem vai manchar-se mais uma vez, torturando com um luxo positivamente barbaro a um ser indefeso, ineme! filho de Deus e que apesar de ser indiscutivelmente muito criminoso, é filho de Deus, é nosso irmão em Christô!

Na impotencia, de nosso desejos só podemos dizer, e isso o manifestamos com toda energia e altivez, que a pena imposta ao assassino do Rei Humberto é um opprobrio para o nobre povo Italia-

no. é uma necoa á cultura de nosso seculo, é um estilletaço a humanidade; por que não ha lei, não ha justiça, não ha autoridade, nem direito em aniquilar a vida de um criminoso por mais perverso que elle seja, gozando-se dia a dia, hora a hora, minuto a minuto, na horrenda agonia do condemnado, no estertor d'esse infeliz, a quem vão enterrar vivo n'um tumulto pela perversa sentença dos humanos. Com absoluta sequedade d'alma vel-o-hemos chegar paulatinamente ao repugnante idiotismo e no entanto? — Que beneficios terá conseguido a humanidade ferida pela assassinato do rei Humberto? — Que obra de regeneração moral terá se cimentado? — Que exemplo edificante resultará para a seita já tristemente celebre do anarchismo? — E que progresso, que passo teremos adiantado no caminho da perfectibilidade?

Curvamos a fronte com vergonha perante essas perguntas, por que só podemos responder: abrimos uma valvula de escape ao mais negro e rachitico sentimento de vingança!

Pobre sociedade sossobrante atravez do tumulto dos seus grandes erros.

Se agita perante nossos olhos a mais sombria aquarela do futuro, quando pensamos horrorizados que, depois do consagrar como necessarias as mentiras convencionaes, principia-se a render homenagem á maldade acobertada pela lei e que to'era-se que a razão seja postergada pela estupidez!

Não ha direito e não deveria haver lei que autorisasse a destruição de um ser humano, como se fará com esse infeliz, misera victima de rancores inconfessaveis! a quem secar-se-lhe-a a alma, privando-lhe que ao tempo marcado a devolve ao autor da alma e a quem sugar-se-a a seiva de uma vida que se tem por dever purificar encarrilhando-a pelo caminho do arrependimento, unico

oriente rasoavel e humano nas condemnações de criminosos.

Bresci, será enterrado vivo, sem nenhum fim educador e salutar; sem o menor proposito de regeneração para restituil-o á sociedade que não pede vingança, que pede unicamente justiça!

Veremos impassiveis, covardes e gelados, abrir-se esse tumulto, opprobrio de nossa civilização em atrever-nos a protestar em nome da humanidade, em nome de Christo Redemptor do Mundo, confessando somente que essa condemnação não é um castigo á Bresci, que é uma affronta para os homens de todas as raças e de todos os povos cultos da terra porque importa o atrofiamento de todos os delicados sentimentos do coração.

Assim, com refinamento de castigos que são crimes, é como se semeia o odio, esse veneno que afflige a sociedade actual, precipitando-a cada dia mais no immenso pantano de angustias e temores cujas aguas aphinxiantes angentam fatalmente os desacertos moeraes de muitas almas debeis ou culpaveis. O castigo é indubitavelmente necessario, porem deve ser severo e nobre, educador e generoso na sua mesma inflexibilidade; que esse castigo indespensavel tenha por fundamento curar chagas sociaes e não avival-as; illuminar as trevas do vicio e não apagar para o culpado todas as luzes da esperanza; levantar enfim a symbolica cruz da piedade e do perdão ali nos antros espantosos da corrupção e do crime, como meio unico de resgatar aos miseros criminosos.

A lei, que hipocritamente invocam os juizes, não pode espelhar os sentimentos de verdade deira e honra da moral; não pode erguer-se acima da consciencia e a quem offendida! A consciencia não sal-se não está pre para a pena imposta a quem ella não

tada sangrenta á civilização, um ultrage atroz á caridade christã, que, como taboa de salvação, é necessario fazer fluctuar incolu-me por cima do oceano embravecido de todas as paixões.

A Bresci não se lhe castiga como criminal, se lhe martyrisa como homem a quem se converterá n'uma besta e o martyrio aleventa, purifica e torna immortal...

Resulta pois, que o assassino do rei Humberto, a quem devou castigar-se porque o merecia, conquistou a sympathia e piedade de todos aquellos que saibam sentir com nobreza.

Será isso edificante? Quo fructos trará para o destino dos povos ameaçados pelo anarchismo essa pena imposta ao resgatado da morte?

Exacerbções de formidaveis raivas que far-se-ão sentir com a repetição de crimes na pessoa dos poderosos, e que serão justas, rasoaveis... até muito humanos.

Muito humanos, sim! Cubra-se de horrenda vergonha a fronte luminosa d'este seculo, que contempla em plena civilização actos de barbaria jamais suspeitados nos mais tristes dias da ignorancia e do erro!

Comoretrocedemos na ordem moral!... Meu Deus! somos umas feras! «Que tigre excede o homem na crueldade? Que crocodilo na alevosia? Que vibora na co'era?»

Nem que monstro esconde os emmaranhados bosques que possa igualar-se com quem transformado em serpente, leão pelo seus vicios, ameaça com as sete horri-veis cabeças dos seus irritados affectos?»

Esse pensamento d'um erudito monge beneditino, expressa como nós não o poderíamos fazer, a emoção d'esse dia que nos pareceu, em que com olhossem

ceadas por uma lingua sobre do coração, le- pelo opprobrio da descripção da pe- logicida Gaetano

invenção da lyra e a clepsidra.

## Dados interessantes

Começamos hoje a publicação de alguns dados interessantes compilados pela "Revista scientifica encyclopedica" e extrahidos do importante *Diccionario das Invenções, Descobertas e Datas celebres*.

As artes de edificar, fiar, tecer, trabalhar em pedra e metaes são anteriores ao diluvio, segundo Moysès. Citam-se livros de Enoch e columnas sobre as quaes os descendentes de Set, antes do diluvio, escreveram cousas a isto referentes.

### Anno 3000 antes Christo

— Os Chinezes conhecem a astronomia, as lettras, as telhas, a moeda, o orgão, os sinos, pesos e medidas.

### Anno 2160. A. C.

— Já se usa o ouro em moedas e enfeites. Eleazar offerece a Rebecca brinco de dois *sicles* e braceletes de dez. Abimelech dá a Abrahão mil *sicles* para comprar um veço a Sara. Nas pyramides se acham trabalhos de ouro. Primeiros poços artesianos entre os Egypcios.

### Anno 2026. A. C.

— Abrahão institue a circuncisão.

### Anno 2017. A. C.

— Melchisedech funda Jerusalém.

### Anno 1830. A. C.

— As caravanas encontradas pelos irmãos de José mostram como estava adiantado o commercio.

### Anno 1850. A. C.

— Os Sidonios inventam as lettras alphabeticas, a arithmetica, o vidro e a tintura de purpura.

### Anno 1846. A. C.

— Hermes (Mercurio Grego) inventa o alaude ou lyra e a clepsidra.

### Anno 1749. A. C.

— Atlante inventa a esphera; applicação da geographia e astronomia.

Dizem que n'esta epocha os Chinezes já conheciam o uso da Bussola e já existiam os seus livros religiosos e moraes e os monumentos dos Indianos e Egypcios, o que faz suppor n'elles conhecimento de desenho, architectura, esculptura, pintura, geometria, astronomia, philosophia, poesia e musica; assim como os canaes de irrigação que derivam a agua do Nilo e o embalsamento provam nos Egypcios conhecimentos de hydraulica e chimica. Delles aprenderam estas artes os Hebreus. Rezebel da tribu de Judá e Ooliab da tribu de Dan sabiam fazer todas as obras em prata, ouro, bronze, marmore, gemmas, madeira, etc., e, no deserto prepararam o tabernaculo.

### Anno 1650. A. C.

— Primeiros livros de Moysès, que era instruido em toda a sciencia dos Egypcios.

### Anno 1580. A. C.

— Cadmo da Phenicia transporta para a Grecia as lettras do alphabeto.

### Anno 1565. A. C.

— E' fabricado no Egypto o obelisco que se acha actualmente na praça del Popolo, em Roma.

### Anno 1550. A. C.

— Epocha historica das artes na Grecia.

### Anno 1500. A. C.

— Prometheo, primeiro obreiro da civilização grega.

(Continua.)

A felicidade não está no goso de ter as cousas, mas no prazer de as alcançar.

Ramalho Ortigão

## SCIENCIAS e ARTES

### Concepção da vida

#### Evolução d'essa concepção

I

A concepção positiva da vida não vai além do conhecimento dos phenomenos que caracterizam-na, das leis que regem-nos. Toda tentativa para passar além, é contraria ao espirito positivo e conduz para o terreno em que se têm debatido as escolas philosophicas, que procederam a philosophia positiva, sem nada alcançar-se da essencia intima da vida.

Bichat, com a descoberta incalculavelmente valiosa dos tecidos, mostrando, na critica feita dos trabalhos de Pinel, no começo deste seculo, que todos os orgãos são constituídos por um pequeno numero de materias, que formam os tecidos, e tornando evidente a relação que existe entre os tecidos e os orgãos, entre os orgãos e as funções—foi o primeiro que tentou estabelecer uma concepção da vida sobre base positiva, afastando-se da doutrina animista de Stahl, que até então dominára.

E sinão conseguiu seu intento, foi devido á fatalidade do meio puramente metaphysico, em que surgiu e que o fez descobrir, entre o organismo e o meio, um antagonismo incompatível com a vida.

Esta ideia não só exige uma organização capaz de comportar o estado vital, mas ainda um conjuncto de circumstancias proprias a garantil-o.

Si a vida, em toda a escala biologica, está sujeita á acção do meio, é preciso convir que tal acção nem sempre lhe é desfavoravel: ora póde diminuir-lhe a intensidade, ora também póde reanormal-a. Si a morte póde ser uma consequencia de alterações desfavoraveis do meio, póde ser também o resultado de alterações do organismo.

Não se verifica portanto o antagonismo que levou Bichat a conceber a vida como o conjuncto das funções que resistem á morte, concepção que não assignala nenhum phenomeno geral caracteristico da vida.

Essa concepção estabelece ainda lamentavel confusão, em uma das differenças capitales, que separam fatalmente os seres vivos, dos inertes: os phenomenos inorganicos effectuam-se, continuam a se produzir quasi que em todas as circumstancias exteriores, em que possam ser collocados os corpos que os apresentam. E essa independencia, em relação ao meio, é tanto maior por parte desses corpos e dos phenomenos que os caracterizam, quanto maior é a distancia que guardam em relação áquelles que traduzem a vida.

De tão vasta independencia não gosam porem os corpos vivos. Os phenomenos peculiares, indicativos da vida, só se podem realisar dentro de limites mais estreitos, limites que variam, é facil de prever-o, conforme o grau de organização do ser vivo. Quanto mais adiantamos na hierarchia biologica, tanto maior é a subordinação do organismo ao meio; quanto mais se desce, tanto menor é essa dependencia. Mas, quer no 1º. caso, quer no 2º., ha uma compensação, um certo equilibrio, isto é: os organismos mais differenciados e portanto menos independentes, em relação ao meio, são justamente aquelles que dispõem de melhores, mais vantajosos recursos para modificá-lo em seu beneficio; os organismos mais rudimentares, mais independentes, não dispõem desses recursos de modificabilidade, têm por si a circumstancia de não carecerem de um mundo exterior tão complexo para sua existencia.

Não ha pois, conforme a falsa interpretação de Bichat, independencia entre os seres vivos e o meio, a vida estando realmen-

te sempre na dependencia da acção reciproca desses dois elementos.

As propriedades do meio não são extranhas ás manifestações vitales, nem lhe são oppostas.

Alfredo Révillcau

Continúa.

Uma palavra de espirito em occasião apropriada equivale muitas vezes á uma façanha.

## HUMORISMO

— Que malcriado este Borges! Entra em minha casa sem me dar os bons dias.

— E' porque é sovina!

— Sovina!

— Certamente. Não dá nada a ninguém

— Num restaurant:

— Rapaz, a soppa está muito salgada.

— O Senhor não tem razão de se queixar.

— Haverá alguma cousa mais salgada ainda?

— Ha sim senhor.

— Que é? o peixe? os legumes?

— O creado com bonhomia.

— Não senhor, a conta.

Um individuo recebe um pontapé n'um lugar destinado a outro fim; quando esperam a explosão de sua colera, elle exclama com um sangue frio imperturbavel.

Pouco me importa; não me occupo do que se passa atraz de mim.

Entre dois protegidos:

— Quanto te custou esse negocio?

— Seis mezes de trabalho e ta correspondencia.

Entre duas amigas:

— A morte do teu marido foi uma grande perda para ti, pobresinho!

— Oh! a perda foi perfectamente coberta pela companhia de seguros.

Uma menina obrigada a bordar um par de chinellos para o anniversario do avô, diz a companheira, netá de um ex-soldado a quem ha tempos amputaram a perna:

— Tú és bem feliz! Teu avô só tem uma perna!

A' sobremesa:

— Aceite alguns murangos, insiste a dona da casa; são excellentes para a gôta.

O convidado derramando no prato meio copo de cognac:

E a gota então, minha senhora, se soubesse como é boa para os murangos!

Simplicio lê n'um jornal que um boi vive, quando muito, 30 annos.

— Coitado! exclama penalisado:

Eu não queria ser boi.

A mulher judiciosamente:

— Isto de boi, meu filho, não o é quem quer!

O bom advogado deve saber falar com convicção, contra aquillo de que está convencido.

## DIALOGO

### O Café e o Chá

— O café quiz um dia fazer a China, para viver.

— O chá quiz um dia fazer o café, para viver.

— Seis mezes de trabalho e ta correspondencia.

Para a Flôr do Chá, com effeito, o café não era senão uma flôr barbara com a qual consentia travar relações, apezar da distancia que separa uma chineza civilizada de uma estrangeira ainda mergulhada nas trevas da ignorancia.

Mas a Flôr do Café tinha muita finura e penetração para não aperceber-se deste acolhimento e ao mesmo tempo demasiado orgulho para supportal-o.

Minha cara, disse ella á Flôr do Chá, quando ficaram sós, tomemos commigo certos ares que não me agradam de modo algum: sabe, não preciso ser protegida e que vos valho de toda a maneira.

A Flôr do Chá levantou os hombros desdenhosamente.

Minha nobreza, respondeu-lhe ella, é seis mil annos mais antiga do que a vossa: data da fundação do reino da China, que é o mais antigo dos reinos conhecidos.

— E que prova isto?

— Que me deveis respeito.

E' preciso dizer-lhe que esta conversa tinha lugar ao redor de uma mesinha de charão, sobre a qual estavam collocados uma cafeteira e um bule.

As duas flôres recorriam frequentemente ao exitante depositado nesses recipientes para animar a ceia.

— Vós so's tão insipida, exclamou o Café, que os proprios chins foram obrigados a abandonar-vos pelo opio. Não sois mais para elles um excitante, pai de doces sonhos, porém uma simples bebida de meza, como em nossa terra a cidra ou cerveja.

— Conquistei, replicou o Chá, com vivacidade, um povo que venceu os chins.

Reino na Inglaterra.

— Eu em França.

— Inspirei Walter. Scott e Lord Byron.

— Animei a veia de Moliere e Voltaire.

— Sois um veneno lento.

— E vós um digestivo vulgar.

— A flôr do Chá retrucou; no harmonioso murmurio da kabira

parece ouvir-se cantar espiritos no recanto do fogão; minha cor assemelha-se aos cabellos do uma loura; sou a poesia do Norte, me lancolica e terna.

— Eu tenho a cor negra das filhas do tropico, respondeu a Flôr do Café; sou ardente como ellas, introduzo-me nas veias como uma chamma subtil: sou o amor do Sul.

— Tu queimas, eu consolo.

— Eu fortifico, tu fazes definhar.

— A mim o coração.

— A mim a cabeça.

As duas flôres exasperadas iam agarrar-se ás folhas, quando combinaram recorrer a um tribunal composto de apreciadores de chá e café.

Ha seculos que este tribunal funciona e não póde até hoje dar uma sentença.

Affonso Karr.

## Meu Canario

D'esta minha narrativa (Obscura quero crer...) Admiro reverente, Da Natureza o Saber!...

Tenho um canario Hamburguez, Tão bonitô assim não vi! E' vivente e tem belleza Qual formozo colibri!

E' canario encantador! Tem linda cor amarella, Pode inspirado pincel Exibil-o em fina tela...

Tambem tive uma canaria De igual belleza e raça... Mas, um ardiloso gato Traçoicamente a caça!

Do canario—a coitadinha Nunca, oh! nunca se apartou... E esse gato faminto: —Sem compaixão a matou!

Quanto ao trino do canario... Não mais ouvi canto seu! Elle soffre!... sente falta Da canaria que morreu.

Virgilio Braga — Jaguarão

# Diversões

## Charadas

### Tiburcianas

Este animal generoso pode matar — 2 — 1. *Facada*  
 No lar e no bilhar, encontra-se esta lorpa — 1 — 2. *Solaco*  
 Esta embarcação no rio! E' desaforo — 3 — 2. *Patfaria*

### Hervalenses

*Doce-coto* Da arvore e da vella . . . . 4  
*João capu* Ave e fructa. . . . . 4  
*ruoca* Embarcação e animal. . . . . 4  
*Sawa* Medida e fornalha de cachimbo 4

### Principiando

O Summo sacerdote de Aco-bamba tem o nome do astro, cujo nascimento e occaso coincide com o do sol-2-2-  
 —E' peta! Que esta vasilha *Helia*  
*20* Pala-tua serve de adorno as senhoras-2-2.  
 —Frutas persistente que serve *sta dora*  
 para asferidas-2-2.

### Aprendiz

Era, cinzento o dente e agora *Guirand*  
 è acinzentado—1—2  
 Em Napoles compraram este *Napoles*  
 animal por 20 francos—2—2  
 A embarcação suspende o mar-  
 rinheiro—1—1. *Navita*  
*Lulu.*

### Enigmas

— Joãosinho, Josésinho, Pedri-  
 nho!  
 Onde está o capote?  
 — Es cadeado o fechadura?  
 Onde está o cacho-  
 =  
 Noiva sempre, noiva, sempre  
 não te casas!...  
 Onde a planta?

### Mario.

Agua molle em pedra dura tan-  
 to bate até que fura.  
 Onde esta a gamella?  
*Bate*

### Principiando.

## Logogripho CAMPO - SANTO

Ao Tenente Barcellos

Desgraça! Eis tudo que resta  
 da raça dos Prometheus 1-1-7-11-4-2  
 Um mundo sem liberdade,  
 um infinito sem Deus 1-1-10-6  
 No dorso das cordilheiras  
 batem rijas, agoureiras,  
 as marteladas do algóz 1-2-5-5-7-3-1-6  
 —E' o carrasco negro, imundo,  
 no seu sudario de hevos 9-2-8-6-5  
*Carro Preto*

### CONCEITO

—São os raios descorados,  
 os alvos raios da lua,  
 que la do azul, meu poeta,  
 vêm banhar a face tua.

### Aprendizinho.

### Decifrações

Opalino. Papafigo. Poto-poto.  
 Anagôa. João Evangelista Bar-  
 cellos.

### DECIFRADORES

Mario . . . . . 4  
 Aprendiz . . . . . 3  
 Lulu . . . . . 3  
 Zaira . . . . . 3

### Correspondencia

Mario—Sim.  
 Aprendiz.—Já estavamos com  
 saudades suas. A sua collobora-  
 ção è sempre muito apreciada.  
 Lulu—Fica para o outro nume-  
 ro.

Mananjoel.—Enigmas pittores-  
 cos como o seu por ora não è  
 possível publicar, pois não temos  
 gravador.

*Para que os tolos e presumpçosos pu-  
 dessem sentir tambem prazer, paz Deus  
 no mundo os engrassadores.*

Não tarda muito o dia de finados,  
 Dia em que os vivos vão, em romaria,  
 Visitar os que jazem enterrados  
 Na cova escura e fria

Tambem mais tarde hão de ir nossos  
 vindouros  
 Ver nossas campas, n'esse mesmo dia,  
 Sem ver na lama os teus cabellos lou-  
 ros....  
 Na cova escura e fria!

Eu sou d'aquelles que se vão o bemcedo  
 Assim, bem cedo irás, triste sombrin,  
 Visitar o meu ultimo degredo,  
 A cova escura e fria!

Queres ir á necrópole?...E te canças  
 Em ir?...Não è preciso...olha Maria,  
 Meu peito è um cemiterio--de es-  
 peranças.  
 Meu coração--è cova escura e fria!  
 Mucio Teixeira

### Armando Gonzalez

Temos infelizmente de registrar  
 o sentido passamento do infeliz  
 moço cujo nome encabeça estas  
 linhas.

Na flôr da idade, contando ape-  
 nas vinte e quatro primaveras,  
 exhalou ante-hontem de noite o  
 ltimo suspiro.

Baldados foram os esforços da  
 sciencia, o amor d'uma extremo-  
 sa esposa, os carinhos da amizade  
 sincera que o cercou desde o come-  
 ço de sua terrivel enfermidade, pa-  
 ra tratar de salvar das garras da  
 morte um esposo idolatrado, um  
 amigo querido, um cidadão pres-  
 timoso.

Armando Gonzalez, de nacio-  
 nalidade oriental, nos poucos an-  
 nos de convivencia em nossa so-  
 ciedade tinha sabido captar as  
 geraes sympathias de todos  
 com elle tiveram relações

Inclinando nos perant  
 tável destino depositou  
 tumulo uma flôr  
 vianços compung  
 zame, e desolado  
 parentes do  
 Desejo em

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
 DE  
**Seccos e molhados**  
 Vinhos e Azeites  
 Legitimos portuguezes

Herva mate "Leivas"  
 Verdadeira especialidade: outras  
 marcas tambem superiores

Arame de Ferro  
 Galvanizados e farpado. Telhas de  
 ferro galvanizado de todas as  
 medidas.

Madeiras de lei  
 para construção, taboado de todas  
 as classes, moirões, lages,  
 cereaes, telhas de barro, etc., etc.,  
 Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
 A preços sem competencia

Comprão e vendem  
 Ouro amoadado. Saccam sobre di-  
 versas praças

Proprietarios e agentes  
 DOS VAPORES DA  
 Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte,  
 a casa em condições de offerecer as maiores vantagens possíveis.

Jaguarão, 17 de Setembro de 1900

## Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

—DE—

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 a arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
 mo edificio, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada,  
 geleias, etc.

Commercio local preços sem competencia e gênero de pri-

EL

# Linha Regular de Navegação Fluvial Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Electrica

Estes vapores, construídos em condições de navegar com segurança e transportar baixos especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinação com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Pérez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montecideo

## VAPOR JUNCAL

### Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8-18 e 28 de cada mez

Sahidas de Jaguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3-13 e 23 de cada mez

## VAPOR MIRIM

### Itinerario Fixo até Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotás Santa Izabel e Jaguarão

| Anos | MEZES        | Dias de sahidas |    |    | Observações                                                                                                                    |
|------|--------------|-----------------|----|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      |              | 1               | 2  | 3  |                                                                                                                                |
| 1900 | Janeiro...   | 2               | 11 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estritamente necessario; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias. |
| "    | Fevereiro... | 10              | 21 |    |                                                                                                                                |
| "    | Março...     | 3               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Abril...     | 10              | 22 |    | Os vapores, encomendas e cargas só serão despachadas pelas respectivas agencias.                                               |
| "    | Maió...      | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Junho...     | 10              | 22 |    |                                                                                                                                |
| "    | Julho...     | 2               | 14 | 26 | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                               |
| "    | Agosto...    | 10              | 22 |    |                                                                                                                                |
| "    | Setembro...  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Outubro...   | 10              | 22 |    |                                                                                                                                |
| "    | Novembro...  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "    | Dezembro...  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                |

## AGENTES

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.  
Pelotas..... Conceição & C.

Jaguarão..... Augusto  
Santa Victoria... Joaquim

Jaguarão, 1º de Janeiro de 1900.

Os proprietarios

Augusto Leivas

Augusto Familiar Soares  
ADVOGADO

Abel de Aguiar  
Rua General Osorio n. 50  
Jaguarão

ALIELIK - FRIUTOGRAFICO

DE JOSÉ HIPOLITO GARCIA

Excenta em nitidez e perfeição pelos processos mais modernos todos os trabalhos concernentes a sua arte.

RETRATOS A CRAYON

Todos os trabalhos são garantidos

Preços sem competencia

Rua 15 de Novembro N. 32 - Jaguarão

David M. Goulart

Professor de piano

Rua Dr. Carlos Barbosa n. 15  
Jaguarão

Pharmacia Popular

DE

Candido Villas-Bôas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

JAGUARÃO

Jaguarão, 9 de Novembro de 1900.

JAGUARÃO

ILLUSTRADO

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 5

A METRALHADORA

Affonso Barbosa & Comp.

Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a que vende

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua 15 de Novembro n. 77

Jaguarão

Deposito permanente de tudo quanto é conveniente a tinturarias, objectos de estoffaria, jarrins, e variedades.

Rua 15 de Novembro n. 32

JAGUARÃO

Móreira & C.

Uma especialidade de finos

comprase ouro e prata velha, pagando os mais altos preços da praça

Nesta acreditada officina promptissimo com estylo e a preços módicos qualquer trabalho concernente a arte

Rua 15 de Novembro N. 29 - Jaguarão

Terencio Ferreira de Freitas

CURIVESARIA

DISPONIVEL

# HOTEL DO COMMERCIO

DE

## Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cosinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asscio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

### LA URUGUAYA

DE  
**Adolpho Miralles**

Nesta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito o se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha de melhor.

Preços sem competência  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
Jaguarão

### "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos de basar e miudezas.

— VENDER A' DINHEIRO —

— Nosso lema: Ganhar pouco para vender muito

8 - Rua 15 de Novembro - 8  
Jaguarão

### Officina de Calçados SERIGOTES E CORREAMES

DE  
**Augusto Wiener**

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade o que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiais empregados na confecção dos artefactos de seus diversos ramos.

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
JAGUARÃO

### CASA DE JOIAS

DE  
**Arroque, Santos & C.**

Relojaria e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo habéis artistas executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptifica obras de ouro e prata por mais delicados que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO

Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 9 de Novembro de 1900

FASCICULO V

Dr. Pedro L. de Abreu e Silva

A intelligencia, a modestia, a bondade, a philantropia são os predicados que aureolam o nome do Dr. Pedro Luiz de Abreu e Silva, cujo retrato occupa hoje a pagina de honra do 'Jaguarão Illustrado.'

A Bahia foi seu berço; nasceu a 29 de Junho de 1858. Foram seus pais Luiz de Abreu e Silva e Ja. Leonor M. de Abreu e Silva, ha pouco fallecida.

Após um brilhante tirocinio academico foi, na defeza de these, approvado unanimemente, recebendo o grão de Doutor em medicina a 16 de Setembro de 1882.

Em 25 de Julho de 1883 ingressou no exército como 2º tenente a 15 de Outubro de 1885, e a 28 de Março de 1890 á Capitão medico de 4ª classe.

Veiu para Jaguarão no anno de 1887 e aqui durante o largo periodo de 13 annos tem

sabido exercer a nobre e espinhosa profissão que abraçara, com a maior dedicacão, em maximo desinteresse, tornando-se digno e merecedor

Caridos, não trepidou, apesar do estado de sua saúde alterada, em ir lá prestar os seus serviços em cumprimento do dever.

Ocupa actualmente a chefia da enfermaria militar d'esta cidade, e a nobre classe militar unanime lhe devota as mesmas considerações e estima de que é alvo da classe civil

Taes são os principaes traços biographicos do humanitario e illustrado medico.

Mario

Quando goso saúde, ambiciono mil cousas; quando estou doente tenho um desejo unico.



da sympathia e gratidão deste povo.

Na qualidade de medico militar prestou seus serviços nas guarnições do Alto Uruguay, Quarahy, S. Victoria, S. Maria, São Gabriel, Porto Alegre e Rio Grande.

As ordens dos seus superiores o acharam sempre prompto; assim é que, chamado a formar parte da expedição na luctuosa epopeia de

### Anecdota

Na noite da primeira representação da «Dama das Camélias», com ceito colosal, Dumas pai, cheio de orgulho, vendo as acclamações que o publico fazia ao seu filho, appareceu de pé á frente de seu camarote para as agradecer.

Accusaram-n'o de roubar as glorias do auctor, e elle respondeu: Mas eu sou auctor do auctor!

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE  
George Ohnet

I

Tinha-se affeigado a um dos seus companheiros de collegio, Bernardo Letourneur.

— O filho do antigo presidente do Conselho geral do Oise ?

— Sim, Monsenhor, o grande creador de cavallos de S a r m o n v i l l e, aquelle que possuia tratadores tão extraordinarios e que mandava cavallos ás corridas.

Bernardo era um rapagão, forte e bello, estatura elegante, muito preguiçoso, sempre com os bolsos cheios de dinheiro, porque o pae era um mãos rotas para elle.

Perfeitamente o contrario de Paulo Daniel. E talvez que este contraste tão completo entre a insufficiencia physica de um e a fraqueza intellectual do outro fosse a razão determinante da affeição que uniu os dois estudantes.

Em todas circumstancias os encontravam unidos.

Quando se tratava de alguma questão era sempre Letourneur quem arregaçava as mangas.

Quando era preciso traduzir uma passagem ou resolver um problema, era Daniel quem folhava o dictionario.

Acabaram assim os seus estudos.

Quando se tratou de ir a exame, cada um teve de se apresentar por sua conta, e Daniel não pôde auxiliar Letourneur.

O bello rapaz não saiu da capa torta, enquanto o seu camarada triumphava.

Mas não se zangou com esta differença. A sua força poderosa e

## FINIS.....

*Deixemo-nos de embustes!... Tristemente  
Iremos nós de accordo... e então bem juntos,  
Sobre este amor finado de repente  
Cantaremos a nenya dos defuntos....*

*Tu vestirás de preto e irás chorosa,  
Fingindo a Magdalena arrependida,  
Pois, alem de ficares mais formosa,  
O acto requer que vás assim vestida...*

*Eu irei tão noturno e compungido  
Philosophando sobre esse passado,  
Que qualquer transeunte, distraído,  
Olhará para nós, maravilhado!...*

*Esabrá que vamos como uns doudos  
Barregando para a ultima morada,  
As grandes illuzões e os sonhos todos  
Duma paixão já fria, inanimada...*

*Erics dos Santos*

a sua elevada estatura consolaram-o dos successos escolares de Paulo.

E, se lhe tivessem dado a escolher entre os conhecimentos adquiridos pelo seu amigo e o solido areaboço com que a natureza o tinha dotado, é mais que provavel que teria preferido ficar um homem solerbo do que tornar-se um sabio notavel.

Mas a existencia que se offerencia aos dois amigos devia ser tão differente em razão das suas tendencias e das suas aptidões que a intimidade quasi fraternal que os tinha unido até esse dia cessou bruscamente.

Daniel entrou na Escola Normal e Letourneur foi viver para o pé do pae, na larga e planturosa vida que o rico proprietario de Sarmonville levava.

Enquanto Paulo continuava o seu trabalho de beneditino e se preparava para a admissão ao grau de aggregado de philosophia,

Bernardo caçava, gastava muito dinheiro, e obtinha brilhantes successos junto das mulheres.

São conhecidas as suas fortunas.

Elle não era muito discreto. Pouparei essa enumeração a Vossa Grandeza para chegar mais depressa ao ponto capital da minha narração. isto é, á entrada de Daniel nas ordens e ás suas questões com o sr. Lefrançois.

Este não previa então que poderia ter ambições politicas.

Vendia cereaes, como o pae tinha feito, e percorria os casacos do departamento para aproveitar os momentos de entalagação durante os quaes sabia que os cultivadores seriam obriga-

dos a vender ao desbarato.

Ganhava dinheiro n'este mister porem não ganhava estima.

Chamavam-lhe o «comilão dos homems».

Elle pouco se importava, porque lá, na sua mocidade, era pouco sensivel ao que os outros diziam e não se occupava senão de si.

Era um rapazola de 30 annos secco, baixo, com olhos amarellos e maxillares ferozes.

Mas estava em caminho de fazer fortuna.

Um bello dia pensou que se o commercio dos cereaes apresentava bellas vantagens, o commercio do dinheiro ainda as apresentava mais serias, e em vez de comprar as colheitas encelleiradas, poz-se a emprestar sobre as colheitas ainda por fazer.

O resultado não se fez esperar.

Os seus capitacs, que até então lhe tinham dado dez por cento de lucro, começaram a render-lhe vinte.

Estabeleceu-se em Beaumont,

fundou o Banco Lefrançois, que funciona sob a firma social Bertrand-Féron & C<sup>o</sup>, e contribuiu, na mais larga proporção, para a ruina da agricultura no departamento do Oise.

Procura-se o meio de fazer cessar a crise agricola, o occupam-se em votar tarifas prohibitivas, que apertam todo o paiz nos laços de uma protecção que suprime todo o commercio com o estrangeiro.

E' uma loucura!

Ha apenas um processo para dar coragem aos cultivadores: é pô-los em circumstancias de prescindirem dos contadores de gados, que os roubam, e dos banqueiros, que os sugam. E para isso, não ha se não o crear Bancos regionaes de empréstimos á agricultura...

— Meu caro Ricardo, admiro a sua competencia, disse Monsenhor Espérandieuriando, e estou entusiasmado com o seu ardor.

— Ai monsenhor, é que todos os meus parentes são grandes proprietarios, e que, desde que eu cheguei á idade de comprehender o que se diz em volta de mim, ouço discutir a questão, e tenho-a visto resolver pela iniciativa particular...

Meu tio de Préfont salvou a sua propriedade do Cure, ajudando os seus caseiros em vez de os apertar, quando elles foram atingidos pela crise...

O que elle fez, por attenção para com aquella boa gente, deveria o Estado fazel-o no interesse nacional.

Se, nos momentos difficeis, os cultivadores achassem dinheiro a tres por cento e a longo prazo, em vez de serem obrigados a vender os seus generos, ou a pedir emprestado a doze e quinze, a prosperidade renasceria nos campos e com ella a confiança.

Mas eis-nos bem longo de Lefrançois, apesar de estarmos no coração dos seus negocios.

## SONETO

*Entre as rosas d'aurora e o sol nascente,  
A voar... a voar na umbrosa matta,  
Em nervosos preludios, que do ata  
Da garganta emphumada, á relva sente;*

*Deixando, a esvoaçar, o ninho quente,  
O meigo passarinho á grama cata,  
De pistillo em pistillo, e o vôo recata  
Ao lar, de penas foufo, sorridente:*

*A sim podesse eu ser! Em noite calma,  
Voltar, morrente o sol, cantando um hymno,  
A entregar-te as saudades de minh'alma!*

*Voar, pela manhã, por entre arminho  
E, a tarde, p'ra o teu lar morno, divino  
Regressar, como á matta—o passarinho!*

*Febrônio de Brito*

Esse patife fazia o inverso do que eu recommendo, e em vez de baixar o juro do interesse á medida que as difficuldades se tornavam maiores para os seus clientes, augmentava-o a pretexto de que o dinheiro era raro.

Engordava assim á custa de todas as ruinas, e escolhia para si as mais bellas e as mais productivas terras da região.

Foi assim que chegou a possuir a propriedade de Fresqueville perto de Favières, o que se tornou um dos mais importantes proprietarios ruraes do Oise.

Tinha quarenta annos quando veio installar-se em Beaumont.

Havia dois annos que Paulo Daniel, aggregado e doutor, era professor no lyceu da nossa cidade.

Tinha mandado vir sua mãe para lhe tomar conta da casa, e a sua vida, toda de trabalho, teria sido a mais feliz do mundo, se não tivesse encontrado a menina Florencia Guépin.

Era seguramente a rapariga mais bonita que se podia admirar em dez leguas de redondeza e

Vossa Grandeza não ignora que o nosso departamento é afamado pela belleza das suas mulheres...

— Ricardo, interrompeu o bispo, acho-o um pouco arriscado nos seus commentarios...

— Monsenhor, não pôde haver nada de escandaloso n'uma apreciação historica.

E' notorio que o territorio dos antigos Bellovacos offerce puros typos da raça gaulleza admiravelmente conservados atravez das idades, como a Bretanha mostra especimens kimris muito accentuados.

Esta Florencia era a mais deliciosa loira de olhos negros que nos se-

ja dado contemplar.

E a bella madame Lefrançois não dá senão uma idéa muito apagada do que foi a encantadora menina Guépin. Era a rosa em botão...

— Acalme-se, não cante o Canto dos canticos!

— Eu não a conheci, Monsenhor. Era muito novo ainda.

Madame Lefrançois é mais velha do que eu...

Mas meus tios falam ainda d'ella com um entusiasmo tão vibrante que certamente a rosa de Beaumont, como chamavam a Florencia, era uma pessoa extraordinaria.

O velho Guépin, seu pae, era marceneiro, ao canto da praça da Cathedral.

A loja existe ainda, é o seu primeiro operario que tomou a successão dos negocios, quando Lefrançois, humilhado de ver o nome do seu sogro n'uma taboleta, e o proprio sogro em mangas de camisa, levou o bom homem para Oreimant, outra das suas propriedades, entregando-lhe a vigilancia dos seus trabalhadores.

(Continúa)

## Humorismo

O Fulgencio é sempre cortez e bem educado, mesmo nas mais apaixonadas discussões.

Ha dias teve uma grande questão com o Borba, que, muito atrevido, perdeu as estribeiras e exclamou:

— Cale-se! Não me deixo nunca vencer por um idiota.

Fulgencio volveu sempre cortez:

— Deixo-me eu. Estou calado.

Simplicio prepara-se para ir acompanhar o entéro de um amigo, mas á hora de sair, arrepende-se e considera:

— Sempre sou muito tolo! Vou gastar dinheiro por um ingrato que de certo não fará a mesma coisa por mim.

De um romance:

A formosa dama, toda vestida de preto, escrevia, escrevia rapidamente, febrilmente, ao cruel marido, que a tinha abandonado, e com uma mão apertava ao coração o filho adorado, enquanto que com a outra acariciava-lhe os louros cabellos.

Ella—Não joga?

Elle—Não.

— Não fuma?

— Não.

— Não tem máo genio?

— Não.

— Não tem máos costumes?

— Não.

— Então procure outra. Não posso casar-me com um homem que não tem um só pretexto para que eu possa intentar divorcio.

O coração da viuva assemelha-se a certos aposentos mobilados,

## DOR

A Juvenal Mendisco

*Tristemente pensava nesta vida e, na vida pensando, não podia perceber porque soffro, si sentia n'outro tempo a existencia tão florida!*

*Consultei a minh'alma, que, tardia, procurava tornar-se despreñida dos banaes pensamentos; e, offendida, a minh'alma chorava e mais soffria.*

*Já que o virus maldito da desgraça o meu peito, doente, assim transpassa eu soffrerei, chorando amargamente.*

*Já que eu sou da desdita preferido, passarei os meus dias, esquecido, nesta vida pensando tristemente!*

M. M. Costa

Arroio Grande—1900

onde se encontra sempre alguma cousa esquecida pelo inquilino que os occupava antes.

A prova da subtração:

— Rapaz, traga-me a nota!

— Aqui a tem. Dez mil réis!

— Dez mil réis! Mas isto é um roubo!

— Verifique a addição!

O freguez, depois de ter verificado esculpulosamente a somma, paga, dizendo:

— E' justo! A addição é a prova da subtração.

— Onde vai correndo?

— Ao meu alfaiate.

— Co'a breca! tens um alfaiate... e pagas-lhe?

— Idiota! se o pagasse, seria elle que viria correndo ter comigo.

Um delegado interroga a um preso.

— Que fazia em 18 de Março?

— Se bem me lembro, abri uma casa de joias.

O delegado, distraído:

— Mas, com que capital?

—?!... com uma gazua!

Um missionario recentemente chegado de Matto-Grosso vai jantar a casa de um amigo, cuja mulher se apresenta á mesa muito decotada.

O dono da casa procura desculpa-a.

— Oh! não faz mal, responde o padre—volto de Matto-Grosso, onde estive dez annos entre os selvagens.

Num hotel suspeito:

— A quem procura o senhor?

— A uma moça... Não me lembro do nome... Mas tem um ar brejeiro...

— Bem... já sei... pode subir...

— Em que aposento?

— Em qualquer.

Prud'homme aconselha o filho:

— Saiba, meu filho, q' a precisão é uma grande virtude. Imita em sua pontualidade o sol, que apparece exactamente ao nascer do dia, nunca antes e nunca depois.

N'um camarim de theatro:

Uma joven actriz conversa com um seu espirituoso collega:

— E' mais forte do que eu. Coinovo-me sempre quando estou em scena. Ver dous ou tres mil olhos em cima de mim.

— Comprehendo... A coisa é serem todos ao mesmo tempo.

O Amalio leva o relógio para concertar.

— Custa-lhe dez mil réis, responde o relojoeiro.

— Ora essa; eu que só tenho quatro mil réis!

Batendo na cabeça com alegria:

— Já sei! Que boa idéa!... Ponto-o no prego. Desta maneira terei dinheiro para o concerto.

## MORBIDA

Levemente reclinada sobre o estofo de setim azul do seu elegante *coupe*, scismava a condessinha.

A's ondulações pelas irregularidades do calçamento, a sua gentil e loura cabeça oscillava brandamente como uma pétala de rosa ao tepido e perfumoso sopro de acariciadora brisa.

Scismava a condessinha.

O seu olhar conservava ainda a morbidez que fóra buscar, na vespera, no faiscar agudo das luzes que haviam inundado o salão do Cassino.

As palpebas, meio cerradas, quebravam aquelle olhar, que tinha a fascinação penetrante das grandes tentações.

De fóra, vinha-lhe uma pulverisação dourada, levantada da rua, por onde a multidão passava, lançando para dentro do *coupe* o olhar cupidino dos desocupados.

A pouco e pouco, vencida pelo cansaço da vespera, cerraram-se-lhe as palpebras e a condessinha adormeceu completamente.

Feliz quem a visse naquella abandonado!

Quem vira aquelle corpo, onde as linhas dos quadris desenhavam-se, accentuando-se satanicamente sensuaes?

Sonhos de amor começaram a povoar-lhe o cerebro.

O seu ultimo par, bello manco de casaca e rosa na *boutonniere*, que tanto com ella valsara, occupava naquelle momento todo o seu sonhar de mulher formosa.

O corpo da condessinha estremeceia, de quando em vez; o collo, de uma alvura ideal, tinha sublevações de oceano.

Vibrava a que elle e organismo, como se correntes electricas actuassem sobre elle.

Os labios, nessa occasião, entreabertos por um sorriso, onde havia promessas, encontravam duas ordens de dentes, cuja alvura deslumbrava.

Fóra o sol vibrava, fazendo faiscar os paralepipedes.

E de envolta com a pulverisação que entrava pela portinhola do *coupe*, uma borboleta dourada, de azas diaphanas, penetrou naquelle ambiente que respirava a condessinha.

Espanejou as azas naqu'la atmosfera tepida e perfumada. Depois, entortecida pelas emanações sensuaes que despreñia aquelle corpo de mulher, a borboleta esvoaçou, esvoaçou, e causada foi pousar, de antenas erecteis, nos labios da condessinha, que, entreabertos, pareciam o gyneceu de uma rosa, que depois de aspirada por Deus tivesse cahido á terra, orvalhada pelas lagrimas dos anjos, que a não puderam amparar na sua queda.

E a condessinha, n'um suspiro que lhe levantou tempesades no seio, acordon, sorrindo, n'um estremecimento de gozo.

Ella sonhara beijos, e a borboleta fóra beijal-a.

O escravo não é livre mas é alimentado por um senhor: o proletario tem a liberdade de morrer de fome.

Max Nordau

## Dados interessantes

Continuação

Anno 1350. A. C.

— A expedição dos Argonautas prova os progressos da navegação entre os Gregos, como os portentos da lyra de Lino, Orpheu e Amphion provam a civilização.

Instituição dos Jogos Olympicos. Os Etruscos inventam as trompas, Lino fia a tripa de carneiro para fazer cordas sonoras.

Anno 1380 A. C.

— Minus, legislador de Crêta.

Anno 1310 A. C.

— Esculapio, além de exercer a medicina faz, o primeiro, operações cirurgicas. inventa a sonda e sondagem das feridas.

Anno 1270. A. C.

— Guerra de Troia — artes auxiliares da guerra. A Grecia dividida em vários Estados ligados em unidade nacional pela religião, jogos e lingua.

Anno 1215. A. C.

— Palamedes faz observações astronomicas, regula o anno pelo curso do sol e os mezes pelo da lua, inventa o jogo dos dados e do alvo, reúne algumas lettras ao alfabeto grego, inventa os pezos e medidas.

Anno 1200. A. C.

— Homero, segundo Eratostenes; 1040, segundo Appolodoro; 907, segundo os marmores de Paros. Pelo seus poemas sabemos qual a religião dos gregos, seu estado de cultura, em que apreço tinham não só a força physica mas a moral e como estava já desenvolvido o sentimento esthetico q' tanto elevou as bellas artes na Grecia.

Anno 1000. A. C.

— Templo de Salomão construido por artifices phenicios.

Anno 906. A. C.

— Pamphilia de Cós ensina a trabalhar a seda.

Anno 894. A. C.

— Primeiras moedas de ouro e prata de Argos.

Anno 880. A. C.

— Lycurgo, legislador de Sparta.

Anno 840. A. C.

— Cleophante de Corintho descobre a pintura monochromatica.

Anno 809. A. C.

— Debutades de Licio inventa a plastica.

Anno 786. A. C.

— Os corinthios fabricam galeiras com tres ordens de remos (triremes).

Anno 776 A. C.

— Corebo, vencedor nos Jogos Olympicos, obtém, o primeiro, uma estatua; Timeu começa a contar d'esta data a era das Olympiadas.

Anno 753. H. C.

— Fundação de Roma. Já as artes floresciam na Etruria.

Continúa

## SCIENCIAS e ARTES

### Concepção da vida Evolução d'essa concepção

II

A falsa interpretação de Bichat, relativamente aos phenomenos vitales, foi rectificada por de Blainville, que, tomando na valiosa consideração devida, um dos phenomenos que, pela sua essencia e ampla generalidade, mais caracterizam a vida — o phenomeno da nutrição — concebe aquella como um duplo movimento interno, ao mesmo tempo geral e continuo, de composição e de decomposição.

Um profundo philosopho da escola monistica, H. Spencer, observa que a concepção do biologista francez não é completa, porque não tem em consideração a distincção estabelecida por Aristoteles e Buffon, entre a vida vegetativa e a vida animal.

Mas si o grande philosopho ingles attendesse q' a vida animal nada mais é do que o aperfeiçoamento da vida vegetativa, aperfeiçoamento indispensavel para que os seres que gosam da vida animal, possam, por uma reacção sobre o mundo exterior, conseguir favoraveis condições de existencia; si attendesse aq'reile philosopho, gloria incontestavel dos que se filiam á escola materialista, que a vida vegetativa será sempre a base e o fim de toda a vida animal; que só ella é commum a todos os tecidos de que são compostos os organismos superiores; finalmente que só a vida vegetativa ou organica é que se exerce de uma maneira continua, sem a intermitencia que caracterisa a vida animal — bem comprehendria quão racional e profunda é a concepção de de Blainville e quão fóra de proposito é a exigencia da

distincção entre a vida organica e a vida animal — apesar de constituir a consideração da animalidade e mesmo da humanidade o objecto mais importante da biologia.

E H. Spencer, apesar da observação feita á concepção da vida, estabelecida por de Blainville, a concebe ultimamente pela mesma fórma, embora definindo-a por termos diferentes, que, reduzidos á sua verdadeira significação, traduzem a do biologista francez.

« A vida é a acomodação continua das relações internas ás relações externas » tal é a definição do philosopho inglez.

Carecendo a concepção de de Blainville de uma rectificação, em que fossem attendidas duas condições inseparaveis do estado vital, as de subordinação reciproca entre o organismo e o meio fel-a A. Comte, fundador do positivismo, pondo finalmente termo ás interminaveis discussões sobre a vida, que então definia-se pela fórma seguinte: « A vida é o duplo trabalho intestino, geral e continuo, de composição e de decomposição, entre um organismo qualquer e o meio conveniente. »

Alfredo Revilleau  
(Continua)

### Aplicações de Electricidade

Para que as substancias solúveis, que devem proporcionar-nos a saúde, penetrem no corpo humano, só existem dois processos, que são a via digestiva e as injeções subcutaneas. O effeito produzido por um ou outro corpo humano, depende de muitas circunstancias: da dosis e da resistencia do paciente.

O sangue que nunca detem-se no seu movimento encarrega-se de recolher os medicamentos introduzidos e transporta-os até o órgão especial sobre o qual deve de exercer ha acção mechanica, phisica ou chimica.

Ha tempo que se procura descobrir se não existe um meio para que um reactivo qualquer penetre em nossos tecidos, dispensando-nos de introduzil-o pelo tubo digestivo ou por entermeio da seringa de Pravaz.

Precindindo da injeção, poderia-se por um artificio qualquer introduzir directamente uma substancia chimica no estomago, nos pulmões, na vexiga, ou nos rins? Si se faz essa pergunta a cem medicos, noventa e nove contestarão negativamente. Até hoje quasi todos os fisiólogos affirmavam que não era possível, abstracção feita de alguns que, como sempre acontece quando se trata de problemas ao parecer insolúveis, estendem suas miradas á electricidade.

Sabe-se que quando uma corrente electrica crusa uma solução salina, o sal se descompõe e seus elementos constituintes se depositam uns no polo negativo e outros no polo positivo.

Diversos são os praticos, entre estes Brondel, Edison e outros que tem ensaiado a pista a que nos referimos; e, particu'armente, o ultimo nomeado que pretendia electricamente transportar ás articulações dos gotosos quantia bastante de litina para conseguir com mais ou menos rapidez a dissolução dos tophus e por tanto a curação da gota.

Infelizmente as iniciativas do Edison não conquistaram direito reconhecido na therapeutica moderna, attribuindo principalmente o resultado negativo ao emprego da electricidade dinamica em vez da estatica, forma domestica e benigno do seu emprego.

De facto; no Congresso Internacional de Medicina, ultimamente celebrado em Paris, o doutor americano Labadie affirmou que um seu collega francez, M. Crotte, conseguiu introduzir na viseras dos doentes, ou seja nos seus pulmões, dosis mais ou menos notaveis de substancias anti-

septicas ou medicinaes sem perfurar a pel e tão somente pela acção mechanica das chispas e dos effluvios d'uma machina electrica de Winhurst.

Os celebres chimicos de New-York, Srs. Wolfe Laurent attestam as affirmações do doutor Labadie e declaram ter descoberto a existencia de iodo e de mercurio nas visceras de varios animaes operados.

Os factos que acabamos de indicar hão de despertar idéas scepticas; concitam a graves reflexões, mormente quando se trata de electricidade estatica, tão cheia de misterios. Não se trata de curiosidades scientificas, porque é innegavel que se possuímos meios como assevera-se, para introduzir com o concurso da electricidade, no mais profundo da economia, toda substancia chimica, antiseptica ou topica sem passar pelo estomago nem lesar a pel, hão de surgir numerosas applicações praticas de subido valor, em tratando-se da tuberculose, do cancer, da gota, do rheumatismo articular e de todos os casos pathologicos difficeis de combater, pelo sitio e a causa da enfermidade fazendo uso dos recursos ordinarios,

Ramiro

### REGREIO

#### SGIENTIFICO

Um bastão quebrado sobre duas copas de cristal

Esse experimento apesar de muito antigo, é pouco conhecido.

Para excartal-o, convem nas primeiras vezes fazer surtido de copos, porque é muito facil que não se acerte da primeira nem da segunda vez, até tanto adquirir a precisa pratica.

Procura se um bastão de mais ou menos meio metro de comprimento,

que não seja muito grosso nem de madeira muito rija, tratando que não tenha nós e que seja o mais homoganeo possível.

Afinam-se as extremidades do bastão fazendo-as descancar sobre as bordas de dois calices ou copas cheias de liquido ou não, iguaes de dimensões e collocadas acima de duas cadeiras de igual altura, de modo que o bastão esteja n'uma perfeita posição horizontal.

As coisas assim dispostas pode fazer-se o experimento que consiste em dar com outro pão um forte golpe no centro do primeiro, partindo-o em dois pedaços sem que os copos nada sofram nem se derrame o liquido.

Esse effeito funda-se n'um principio phisico confirmado, de que a força accumulada instantaneamente sobre corpos sem electricidade e delgados produz a ruptura no ponto de percursão sem estender os estragos ao restante do corpo, como acontece com a bala de uma espingarda atirada contra um cristal, que pratica somente um buraco sem quebrar o resto do cristal.

O golpe tem de ser forte e bem no centro do bastão, pois do contrario corre perigo a vida dos copos. O melhor é provar fazendo descancar o bastão sobre dois baralhos enroscados e collocados perpendicularmente.

### Qui-pro-quo

(NO GABINETE DO MEDICO)

O Doutor — Queira sentar-se, minha senhora, e dizer o que deseja.

Ella — Ah! doutor, desculpe o meu acanhamento... tenho a dizer-lhe cousas tão delicadas...

Dr. — O medico é um confessor.

Ella — E' o que me dá coragem.

Dr. — Vamos ao caso. De que soffre?

Ella — Não se trata de mim; é de meu marido.

Dr. — Ah! é casada?

Ella — Ha se's mezes.

Dr. — E seu marido está doente?

Ella — Não sei bem se se pode chamar uma doença... De dia está muito bem... não tenho que dizer delle... mas... de noite...

Dr. — De noite?

Ella — Sim.

Dr. — Enfim, não está satisfeita com elle?

Ella — Oh! não!

Dr. — E disse-me que está casada ha seis mezes?

Ella — Completam-se depois de amanhã...

Dr. — E já?...

Ella — O senhor bem pode dizer. Ainda!

Dr. — Effectivamente o caso é grave. Já experimentou?...

Ella — Tudo, doutor!

Dr. — E nada?

Ella — Nada!

Dr. — Diabo! Diabo! Mas vamos ver.

Ella — Não é certo que, graças ás novas descobertas da medicina, se curam agora todas as... molestias dessa natureza?

Dr. — E exacto.

Ella — Conseguê-se esse resultado, disseram-me, inoculando no paciente o sangue de certos animaes.

Dr. — E' exatamente isso.

Ella — Ah! o doutor faz-me voltar a esperança!

Dr. — Alegra-me bastante... mas é preciso que me traga aqui seu marido.

Ella — Certamente tra-lo-hei, mas não lhe diga o motivo.

Dr. — Sim... não ha necessidade de vexal-o.

Ella — Decerto... e acredita?...

Dr. — Não acredito só... tenho plena certeza... apenas, depois do que me acaba de dizer, seré obrigado a empregar fortes doses.

Ella — Oh! bem fortes!

Dr. — Fique tranquilla! Vou inocular-lhe sangue de touro.

Ella — De touro?

Dr. — Certamente... para...

Ella — Ah! não, doutor!... O senhor não me comprehendeu... é exactamente o contrario... Sangue de boi, doutor!... e de boi bem manso!

B Fortes



## Diversões Charadas

*Re-brato* — No tribunal quer o animal a copia do original — 1 — 2.

*Fa-lua-mar* — Na musica, no firmamento e no mar — 1 — 2.

*Mio-gosia* — Repara o rodopio do coração n'este peixe — 2 — 3.

*Aprendiz*

*Rechama* — Com este verme e este animal se forma um tecido — 2 — 1.

*So-cario* — Unica cidade Africana que tem cabo de navio — 1 — 3.

*Cantapiti-roflo* — Este homem morava no planalto da cidade — 4 — 1.

*\*\*\**

*Ca-chola* — Aqui na cabeça ha guisado de fresura — 1 — 2.

*Papa-muco* — Como insectos este basbaque — 2.

*Vaga-rova* — No mar, no jardim e nos centros populares — 2 — 2.

*Vapo-bão* — Em orio da Granada este animal fez prodigios de valor. — 2 — 2.

*Principiando*

### Hervalenses

*Mico-eúno* — Animal e sumidade . . . . . 4

*Nuca-tuna* — Do corpo e da eriança . . . . . 4

*São-cipo-cujo-pão* — No monte e planta sarmentosa 4

*Principiando*

### Logogripho

*Aprendiz* — E' ave dos prados-7-5-6-3-2-1 e bieho dos lagos-6-8-4.

#### CONCEITO

Agora vou dar conceito, pois sou a isso obrigado: eximio logogriphista que está de nome trocado.

X.....

Se procurares a planta-1-2-3-5 lá na margem d'este rio,-1-2-4-6 encontrarás um arbusto quasi do mesmo feitio

Se esta moeda procurares-1-4-3-2 no rio de Portugal,-1-4-5-2 acharás outra moeda dessa quasi igual.

*Lulú*

## Enigmas

Um jornalista é uma potencia terrivel, não pelo que escreve, mas pela dificuldade que muitas vezes se encontra em destruir o que tem escripto.

Onde está o marinheiro?

*Aprendiz*

O que o berço dá, a tumba dá.

Onde está a interjeição?

*Principiando*

Agua molle em pedradura, tanto bate até que fura.

O que é que toca a cada um?

*Papalvo*

### PITORESCA

**K K P T I F A ?**  
*Carpito, Fica d'atado!*

### DECIFRADOES

Desta vez foram mortas todas as composições, cabendo o lugar de honra ao Aprendiz, ao eximio Aprendiz que mais numero de decifrações obteve durante a 1ª serie do nosso semanario e á disposição de quem fica nesta redacção o premio que destinamos.

Aprendiz . . . . . 16

Mario . . . . . 15

Lulú . . . . . 9

Zaira . . . . . 8

Zezinho . . . . . 8

Principiando . . . . . 10

### Decifrações

Facada. Pataco. Patifaria. Toco Coto. Jacú. Cajú. Soma—Mosa. Heliaco. Palatina. Atadura. Grisalho. Napoleão. Nauta. José-sinho. Escadea. Sempre-noiva. Batea. Castro Alves

### Correspondencia

Aprendiz.— A' disposição do mestre, está o premio que designaram áquelle que maior numero de decifrações obtivesse no fim da primeira serie do *Jaguarrão Ilustrado*.

X.— Para o numero seguinte reservamos parte das composições que nos mandou por falta de espaço Zezinho.— Cá o esperamos.

Zaira.— Já fizemos ver a impossibilidade de publicarmos certos enigmas pittorescos.

Simplicio.— Corrija, quite, acrescente, estude e depois volte.

## ANAGRAMMA

OFFERECIDO AO  
«JAGUARÃO ILLUSTRADO»

Bei o de frade  
Prim vara  
An elica  
Papo la  
Amar anto  
Boga rri  
Margerie o  
Vi leta

Bon na  
Crave ina  
He iotropio  
Vell dilho  
Rapa snho  
Hor ersia  
Li io  
Bals a mina  
Sau ade  
Magn o lia

*Virgilio Braga*

### Expediente

Com o numero de hoje, começa a segunda serie de nosso hebdomadario.

SÃO AGENTES D'ESTE SEMANARIO:

#### Rio Grande

Sr. Arthur Loureiro de Souza.

#### Pelotas

Sr. Pedro Puchulú.

#### Arrolo Gaude

Sr. Mario M. Costa.

#### Herval

Sr. Pedro Loubeira.

Para annuncios e outros assumptos concernentes a esta empresa os interessados deverão entender-se com estes distinctos cidadãos.

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
Seccos e molhados

Vinhos e Azeites  
Legitimosportuguezes

Herva matte "Leivas"  
Verdadeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores

Arame de Ferro  
Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei  
para construcção, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cercas, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
A preços sem competencia

Comprão e vendem  
Ouro amodado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DOS VAPORES DA  
Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte, a casa em condieções de offerecer as maiores vantagens possiveis.

Jaguarrão, 17 de Setembro de 1900

# Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

—DE—

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assuear refinado especial a 14\$000 a arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mesmo estabelecimento, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada, doce de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de primeira qualidade.



## Linha Regular de Navegação Fluvial Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Elctrica

Estes vapores, construídos em condições de navegar com segurança e transpor baixios especialmente durante a mais rigorosa sêcca, estão em combinações com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

### VAPOR JUNCAL

### Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez  
Sahidas de aguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

### VAPOR MIRIM

### Itinerario Fixo ate Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

| Annos | MEZES      | Dias de sahidas |    |    | Observações                                                                                                                    |
|-------|------------|-----------------|----|----|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       |            |                 |    |    |                                                                                                                                |
| 1900  | Janeiro... | 2               | 14 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estritamente necessario; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias. |
| "     | Fevereiro. | 10              | 21 |    |                                                                                                                                |
| "     | Março....  | 3               | 11 | 26 |                                                                                                                                |
| "     | Abril....  | 10              | 22 |    | — « — —                                                                                                                        |
| "     | Maio....   | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "     | Junho....  | 10              | 22 |    | Os valores, encomendas e cargas sô serão despachadas pelas respectivas agencias.                                               |
| "     | Julho....  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "     | Agosto...  | 10              | 22 |    | — « — —                                                                                                                        |
| "     | Setembro.  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "     | Outubro..  | 10              | 22 |    | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                               |
| "     | Novembro   | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                |
| "     | Dezembro.  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                |

### AGENTES

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.      Jaguarão..... Augusto Leivas & C.  
Pelotas..... Conceição & C.      Santa Victoria... Joaquim Calvete & C.  
Jaguarão, 1º de janeiro de 1900.

Os proprietarios

Augusto Leivas & C.

Augusto Familiar Soares

ADVOGADO

Rua General Osorio n. 50

Jaguarão

ATELIER PHOTOGRAPHICO

JOSE HIPOLYTO GARCIA

Executa com nitidez e perfeição pelos processos mais modernos todos os trabalhos concernentes a sua arte. Especialidade em retratos de crianças por mais irrequietas que sejam.

RETRATOS A' CRAYON

Todos os trabalhos são garantidos

Preços sem competencia

Rua 15 de Novembro N.º 32 — Jaguarão

David M. Goulart

Professor de piano

Rua Dr. Carlos Barbosa n. 15

Jaguarão

Pharmacia Popular

DE

Bandido Gillas-Roas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

JAGUARÃO

Bandido Gillas-Roas  
Jaguarão, 19 de Novembro de 1900.

JAGUARÃO

ILLUSTRADO

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num. 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 6

A METRALHADORA

DE  
Affonso Barbosa & Comp.

Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a que vende

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua 15 de Novembro n. 77

Jaguarão

DISPONIVEL

Terencio Ferreira de Freitas

Nesta acreditada officina appontam-se com estremo e a preços módicos qualquer trabalho concernente a arte  
Compre-se ouro e prata velha pagando os mais altos preços da praça  
Rua 15 de Novembro N. 29 - Jaguarão

CURIVESARIA

DE

Moreira & C.

Casa especial de fumo e deposito permanente de tudo quanto é concernente a fumos, objetos de escriptorio, brinquedos e variedades.  
Rua 15 de Novembro n. 32  
JAGUARÃO

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cosinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

## LA URUGUAYA

DE  
Adolpho Miralles

N'esta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito e se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha do melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
Jaguarão

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos do bazar e miudezas.

— VENDER A DINHEIRO —  
E' nosso lema: Ganhar pouco para vender muito.  
8 - Rua 15 de Novembro - 8  
Jaguarão

## Officina de Calçados SERIGOTES E CORREAMES

DE  
Augusto Wiener

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade o que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiaes empregados na confecção dos artefactos de sens diversos ramos.

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
JAGUARÃO

## CASA DE JOIAS

DE  
Arroque, Santos & C.

Relojaria e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo labor artistico executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptifica obras de ouro e prata por mais delicadas que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO  
Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I | Jaguarão, 19 de Novembro de 1900 | FASCICULO VI

## Dr. A. N. Bueno do Prado

Esperito cultivado, trato ameno, solida instrucção, finissima educação, taes são os principaes rasgos do esboço biographico do illustrado Dr. Antonio Nunes Bueno do Prado, cujo retrato orna hoje a pagina de honra do nosso hebdomadario.

Nasceu em Poconé Estado de Matto-Grosso, em 23 de Julho de 1865, sendo seus pais o tenente-coronel João Nunes Bueno do Prado e a Exma. Sra. D. Maria Franklina da Costa Ribeiro.

Iniciou seus estudos na Capital Federal, completando-os na Bahia, onde sustentou these a 20 de Julho de 1889 sendo approvedo com distincção.

Logo depois de formado, percorreu as Republicas do Uruguay, Argentina e Paraguay formando parte do corpo medico do Loyd Brasileiro.

Tendo sido nomeado medico-adjunto do exercito para servir no seu Estado natal, n'essa mesma occasião nomeado medico da

commissão da linha telegraphica de Cuyabá a Uruguaya, cuja commissão era chefiada pelo coronel Carneiro e onde servio até Março de 1891.

Dezembro de 1891, foi nomeado para servir na guarnição d'esta cidade, onde chegou em Fevereiro de 1892.

Durante o periodo revolucionario servio sob as ordens do General Menna Barreto e tenente coronel Tupy Caldas, tendo sido elogiado em ordem do dia emanada do commando da 5ª brigada, na qual servia, pelos serviços prestados.

Serviu successivamente nas guarnições do Pelotas, Bagé, São Borges & chefiando por diversas vezes a enfermaria militar d'esta cidade, sendo na ultima vez elogiado em ordem do dia pelo commando da guarnição.

Casou n'esta cidade em 6 de Abril de 1892 com D.ª Maria Clementina Bretanha e tendo tido, em 6 de Janeiro de 1898, a infelicidade de enviuvar, contrahio novas nupcias em 1899 com a Exma. Sra. D.ª Margarida B. Frazão.

«Jaguarão Illustrado» desvanecese cumprimentando ao illustre e distincto medico.

Mario



Voltou para o Rio de Janeiro onde prestou concurso para medico de 4ª classe do exercito, vindo para este Estado em Agosto do mesmo anno prestar seus serviços na guarnição de Porto Alegre. Promovido a capitão a 11 de

## Pensamentos

A faliidade é um sexto sentido que a natureza deu as mulheres.—Os ataques de nervos são um exercito que as mulheres mantem permanente e equipado, mesmo em tempore paz.—As lagrimas e os desmaios são uma guarda mobilizada que ellas fazem marchar quando a patria está em perigo.

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE  
George Ohnet

I  
Madame Daniel habitava a mesma casa que o marceneiro.

Occupava, no segundo andar, quatro compartimentos que deitavam para a praça, e a escada, que conduzia a sua casa, passava pela frente do atelier do pae Guépin.

O cheiro do pinho trabalhado subia até casa d'ella, e era uma das suas inquietações pensar que um phosphoro, atirado por um aprendiz negligente, faria da casa um brazeiro antes que se tivesse tempo de dispôr as coisas para fugir.

Forçadamente, Paulo, ao descer, viu o que se passava no atelier.

Escutava com agrado o ranger das plainas e o ruido da serra mechanica.

Um dia, parou para olhar: acabava de notar a menina Florencia, que tinha saído n'esse mesmo dia do collegio e se installara na casa paterna.

O bom Guépin gritou-lhe: «Entre, sr. professor, temos uma nova habitante a fazer-lhe conhecer. É minha filha, uma pessoa sábia e que estará em estado de lhe poder responder.»

Paulo transpôz a porta da loja, caminhou sobre um fôfo tapete de escuridão de madeira, deslumbrado, para aquella adoravel rapariga que lhe sorria, illuminada pelo dia cru que passava atravez das vidraças, nimbada pela poeira loira que volteava no ar dourado, tão rosada e tão fina, que elle ficara extatico...

## O SONHO DOS SONHOS

Ao presado amigo Dr. Annibal Falcão

*Quanto mais lanço as vistas ao passado,  
Mais sinto ter passado distraído  
Por tanto bem—tão mal comprehendido,  
Por tanto mal—tão bem recompensado!*

*Em vão relanço o meu olhar cansado  
Pelo sombrio espaço percorrido:  
Andei tanto—em tão pouco... e já perdido  
Vejo tudo o que vi, sem ter olhado!*

*E as impresões sempre para diante,  
Vendo, o que mais procuro, mais distante,  
Sem ter nada—de tudo o que já tive...*

*Quanto mais lanço as vistas ao passado,  
Mais julgo a vida—o sonho mal sonhado  
De quem nem sonha que a sonhar se vive!*

Mucio Teixeira

O que foi esta primeira entrevista a ninguem o teria podido dizer, nem mesmo Paulo Daniel, que não voltou a si senão quando se viu na rua.

Florencia Guépin não tinha visto na apparição do moço professor senão um incidente banal, um visinho que circulou n'um corredor e que chamavam para lh'o apresentar.

A maliciosa creatura tinha aprendido no collegio que os rapazes não foram creados senão para commedidade e distracção das mulheres bonitas e como ella sabia que era muito linda, pensava em que o visinho de seu pae poderia ser-lhe util ou agradável.

Tinha-o achado bastante acanhado nos seus movimentos, bastante mal ageitado no seu fato preto.

O seu rosto, para dizer a verdade, tinha-lhe parecido supportavel, ainda que um pouco atravessado por um ar de timidez que o tornava glacial.

Aquelle sujeito ria algumas vezes, conversaria ao menos, seria

capaz de dançar? Emfim, que recurso podia elle ser para uma rapariga que saia do collegio, depois de dez annos de compressão pedagogica, com um immoderado dose de divirtir? Paulo Daniel não parecia realmente offerecer serias garantias, o deve confessar-se que a primeira impressão que produziu foi desfavoravel.

Mas elle não tinha ainda falado, e todos os que o conhecem sabem bem que poder de graça e de seducção reside na sua voz e no seu olhar, quando elle se anima e quer convencer.

No dia seguinte, depois de ter admirado os

seus discipulos pela distracção irusitada que mostrou ao dar a lição, pelas quatro horas, como a menina Guépin passeava no jardimzinho que se extendia nas trazeiras da casa, com a extenção precisa para conter dois talhões de legumes, um poço e um canteiro de goivos, Paulo atreveu-se a penetrar n'aquelle eden.

A donzella parecia aborrecer-se ali prodigiosamente.

Depois do almoço, ella ia para ali devanear, procurando talvez a serpente.

Não achou, porém, senão um professor de philosophia.

Mas, n'esse dia, Daniel não estava já paralyzado por um terror pouco; ou son travar conversação, e como tinha espirito, e principalmente como desejava agradar, soube distrahir a encantadoura Florencia que teve de confessar que a vida seria verdadeiramente accetavel, em Beaumont, com tanto que ali se encontrasse uma meia duziade rapazes, professores

ou outros quocquer, que pensassem em pôr em commum o seu engenho e a sua verve a fim de a distrahirem.

Esperando, contentou-se com o seu visinho, prodigalizou-lhe sorrisos e garridices, o transtornou-o de tal modo que elle se abriu ingenuamente a sua mãe, como uma verdadeira criança que tinha ficado para ella, declarando-lhe que a não seria a posse d'aquella amavel rapariga, não conhecia felicidade possivel para elle n'esta vida.

A mãe de Daniel ficou muito espantada d'esta subita erupção que nada tinha feito prever e ficou mesmo inquieta.

Mal tinha notado a presença da joven Florencia na casa, e já via os effeitos fulminantes.

Esse filho estava dominado por uma febre d'amor que não lhe deixava já a livre disposição das suas faculdades.

E se da parte da donzella elle esbarrasse n'uma resistencia, muito possivel senão provavel, que sorria d'elle e que poderia ella fazer?

Tentou fazel-o raciocinar, mostrar-lhe que era ainda muito novo, que a sua situação, por mais segura que fosse, não era brilhante, que a filha do sr. Guépin mostrava uns gostos de elegancia e de toilette que destoavam da modesta profissão do pae.

Insiunou que a joven Florencia lhe parecia leviana e coquette, e que a gravidade do caracter de Paulo se não harmonisaria com aquella leviandade.

As mulheres dos srs. professores eram todas pessoas serias e mesmo um pouco severas; não acrescentou que ellas eram todas feias, o que era verdade, e que era pre-

## CREDO

*Chamão-me hereje e dizem que não creio!...  
No entanto adoro e curvo-me a insolente  
Carne que ruga e pede n'um aneio  
P'ra ser beijada requintadamente...*

*Labios em flor, vermelhos como um cravo,  
De onde o desejo ophidico irradia,  
Sois para mim o milagroso favo  
Cheio de mel e cheio de ambrosia...*

*Etu, carne de amor, carne que irrita  
A minha carne já votada á incuria  
Por tanto amor banal, pela luxuria,*

*Ha de sentir que em meu olhar turvado  
A elegia de um mystico tranzita,  
Pensando em ti, oh! carne de peccado!...*

Eries dos Santos

ciso que a mulher de Paulo o fosse tambem.

Acrescentou ao seu discurso muitas exclamações e um numero consideravel de suspiros, mas não teve preponderancia nenhuma no espirito do filho que lhe declarou, depois como antes, que queria tornar-se o marido da menina Florencia, sob pena de não ter uenhum prazer na vida.

A mãe Daniel era uma boa mulher, não tinha pensado uma unica vez em si, no seu futuro, usando para com o filho d'aquella linguagem de raciocinio que acabava de o deixar tão insensivel. Disse por fim:

— Queras casar com essa joven creatura?

Está bem, vou amanhã falar n'isso ao pae.

Guépin estava extremamente applicado a cavilhar uma persiana, quando madame Daniel se apresentou para falar ao seu visinho.

Este, sem vestir a bluzza, introduziu a mãe do moço professor na sua sala de jantar, que era conti-

gua ao atelier e, enquanto os seus operarios serravam, aplauavam, pregavam com um ruido diabolico, fez sentar a visitante e perguntou-lhe, gritando, para se fazer ouvir, o que lhe valia o prazer de a ver. Dizia de si para si:

Eis uma boa senhora que precisa de uma caixa solida para metter a sua roupa ao abrigo dos mosquitos e borboletas durante o verão e que vem encommodar-m'a.

Madame Daniel immediatamente, sem precaução oratoria, declarou, gritando tambem, que seu filho estava loucamente enamorado da menina Florencia e que já nem comia.

O marceneiro disse: «Safa!» e comprehendendo que não era possivel continuar uma conversação tão importante no meio de um tal barulho, levantou-se, abriu a porta do atelier, viu a horas no cuço que batia accrescentando o seu tic-tac a todos os ruidos do trabalho, e disse:

— Rapazes, são quatro horas, toca a ir merendar e estejam cá d'aquí por meia hora.

Fechou a porta, aproximou-se de madame Daniel e encarando-a com uma surpresa enternecida.

— Com que então, seu filho acha a minha Florencia a seu gosto? Não me admira, porque é uma pessoa muito instruida e que sabe occupar o seu logar n'uma sala.

É certo que ella não foi feita para casar com um operario como eu.

Mas bem sabe, visinha, que eu não a contrariarei, e primeiro que tudo é preciso que o sr. professor lhe agrade.

A respeito de instrucção, acho lisongeiro ter um genro sabio, eu que não passo de um burro.

Continua

## SAUDADES

«Quanto dóe uma trahira!»

A' LEONIDAS GARCEZ

Estou bem certo que os amáveis leitores ficarão intrigados com a epigraphe do meu artiguete, porem tenho o convencimento que quando chegarem ao conhecimento das impressões que motivaram sua publicação, estarão comigo e confirmarão o velho adagio: *O viver não custa, tudo está em saber viver.*

Ha neste mundo ingrato quem aspire glorias, quem se afane por conquistar certos lugares preferentes na sociedade. salientar-se no meio dos seus concidadãos, mandar como chefe, dirigir a opinião e tantas outras couzas que são verdadeiros *rompe-cabeças*; porem eu sinto um prazer infinito, e isto o confesso com toda a minha ingenuidade nativa, em quanto approver ao Omnipotente, hei de viver cá na terra ignorado, scismando sózinho á noute, fazendo versos á lua, elevando o meu espirito ao altas regiões da phantasia; hei de dedicar-me a contemplação da natureza, procurar a vida livre do campo, essa vida tão cheia de encantos, já aspirando o aroma das flôres da verde campina ao cuidado do grande jardineiro—A Natureza, já ouvindo o harmonioso trino dos mimosos passarinhos, cantando seus brandos queixumes!

Oh! eu quero ouvir o doce murmuro das aguas rumorejar-me aos ouvidos e lá, no remanso ao cahir da tarde, ver correr a minha linha de boia com a cobiçada trahira fígada, para servir de pasto aos meus instinctos vorazes!

Oh! como é bello viver-se na solidão, apartado da sociedade, longe do bulicio e das agiações sociaes, contemplando a Natureza e o estrellado céu da nossa terra!

Leitores, deixae, como disse o poeta: «que eu beba essa selvagem e livre poesta,» que me sature da fragancia das variadas flôres silvestres da campina e que vos diga, que não invejo ao mais feliz mortal quando nas horas de ocio, abandono os labores quotidianos, para gozar das delicias do campo, rolar sobre a verde grama com a liberdade do selvagem, na sua vida verdadeiramente nomada, fugindo da civilisação e evitando o seu contacto que considera pernicioso!

Agora, meu Leonidas, já que a ti dediquei as minhas pobres impressões, fructo das emoções sentidas com a tua cruel ausencia, é bom que saibas que perdestes enormemente com a tua inconstancia de mariposa fugitiva!

Ah! que *peixada* sublime, toda acobolada, toda apimentada e condimentada pela habil mão do decano dos pescadores que tantos triumphos tem alcançado na sua vida piscativa, continuando á gozar do renome de sem rival e *non plus ultra*!

Posso assegurar-te que as man-sastrahiras, «naquelle engano lèdo e cêgo» de sua existencia, vinham tremulas beijar-lhe ás plantas!

Ah! se tivesses saboreado como nós, um succulento *costillar*, fornecido por uma alma caritativa, ainda nos vergeis da adolescencia, coração todo aberto ás expansões da amizade, estou certo que exclamarías como o Campos Salles, na Argentina: «Esplendido, jamais contemplarei mais sublime espectáculo!»

E digo-te isto porque vi tambem um filho da nobre Hespanha, todo afofante, perseguido por devoradora sede, exclamar enebriado: «O! Señor hace dos años que no habia comido tan á gusto!»

E ainda mais ouvir á harmoniosa voz de um arrojado e reconhecido marinheiro, de verdadeiro gosto sybarita, cantarolando, como nos Sinos do Cornéville: «Vae marinheiro, vda ligeiró, trinca o assado, chupa a cerveja», deixando os circunstantes perplexos por lhe desconhecem as qualidades de excellent cantor!

E á tudo isto, o *amphitrião*, revestido de sua habitual calma, que forma parte da sua idiosyncracia, soltando gostozas gargalhadas, fazendo o *raconto* de um sonho da vespera, baze sobre a qual repousava o motivo da reunião, que tantos momentos de prazer proporcionava aos folgazões convivas!

Do seio do grupo, destacava-se a figura veneranda do summo pontifice dos pescadores, de uma mão empunhando um vaso com abundante nectar alaranjado, da outra um succulento bólo relampago, feito pela habil mão da carinchoza espoza e cuja repartição estava confiada á seu cargo.

Ahi tens meu Leonidas, em pallidos traços as impressões, das quaes guardarei indelevel recordação e ao terminar, consente que volte meu olhar para a mansa riveira e lá, do alto das barrancas, dirija á virgem dos meus sonhos a seguinte invocação:

Trahira, rainha dos nossos rios, divindade a quem curvo-me reverente, tu, que presides soberana nas nossas festas, junto á beira dos riachos, continua sendo sempre o anjo tutelar das nossas *caçarólas*, quando souberes que o teu admirador procura-te com carinho nos seus momentos de tristeza e amarga saudade.

Foi-gras

Jaguarão, 19 de Novembro de 1900



## HUMORISMO

Na camara

Deixe-me apresental-o collega, um dos homens que tem escripto mais tolices em sua vida.

— O Sr. é jornalista?

— Não senhor; sou... tachygrapho.

No jardim do Recreio.

— Estás ainda com o commendador, Adelia? Que idade tem elle?

— E' um homem maduro.

— Está então bom para se comer, hein?

Fallava-se das joias da Margarida e todos gabavam um esplendido collar de perolas.

— Quantas ostras teriam sido precisas para fornecer um tal collar! diz um mancebo inexperiente.

— Não tantas como suppõe: uma só foi bastante, replicou a Julia, que conhece o officio.

Desde a rua do Ouvidor um velho, segue impertinente a uma senhora.

No largo do Rocio decide-se elle emfim a fallar-lhe:

— Minha senhora, oh gentil senhora, escute-me por favor, murmura commovido.

A dama volta-se com ar furioso, lança um olhar de censura ao audacioso, e chamando um carro que passava diz:

— Cocheiro, para minha casa... 260, rua do Riachuelo, 2º andar, na 1ª porta, á esquerda...

A actriz Augusta tem um fiozinho de voz, o que não a impede de considerar-se uma cantora de primeira ordem.

A sua collega Olympia chama esta mania a *aphonia* das grandezas.

A joven Alice vac consultar a cartomante.

— Ha de casar-se com um coronel, disse a pythonisa.

— Ora! porque pensa assim?

— A senhora tem na mão um regimento de linhas.

Z... adora a mulher, que por sua vez morre por elle.

Ha dez annos que estão casados e beijam-se como no primeiro dia. Apenas têm um desgosto: não têm filhos.

— Tristes molciros! dizia delles, um amigo: ouve-se sempre o moinho a trabalhar, mas não se vê nunca a farinha.

No club dos reporters:

— Não sei como aquella folha pôde ter tal numero de redactores effectivos!...

E' porque não pensaste que alli não ha honorarios.

O Chico, depois de uma aposta, quasi que morre suffocado, escapando de eagulir uma moeda de 200 réis.

— E' com certeza uma moeda falsa, exclamou elle voltando a si; é difficil de fazel-a passar!

## POETAS

1º POETA.— Caro collega, leu a poesia que lhe dediquei?

2º POETA.— (com frieza)—Li.

1º POETA.—?

2º POETA.—...

1º POETA (depois de uma pausa constrangida).— Aquella sua poesia, *O chãos*, é lindissima! Tem uma idéa grandiosa, imagens soberbas...

2º POETA.— Parece-me bem original.

1º POETA.— Sem duvida! originalissima! E que arte! O senhor é o rei dos parnasianos.

2º POETA.— Lisonjeia-me excessivamente.

1º POETA.— Não, eu não sou de lisonjas; se ha cousa que me irrite, è esse elogio banal que se

usa tanto por ahi, só para *engrossar*... Homens de espirito como nós dous não usam disso.

2º POETA.— Certamente. Eu não cultivo o elogio banal.

1º POETA (á parte).— Que malcriado! Nem sequer teve ainda uma palavra amavel para mim! (Alto) Sinceramente, quando affirmo que o senhor é um poeta extraordinario, estou longe de exprimir todo o bem que penso a seu respeito.

2º POETA.— Obrigado.

1º POETA.— Leu então a minha poesia?

2º POETA (com frieza).— Li.

1º POETA.—?

2º POETA.—...

1º POETA (depois de uma pausa constrangida).— E' lindissima aquella sua poesia, *O chãos*! Que arte! que arte!

2º POETA.— Confesso que me esmerei um bocado. Em certos casos a fórma é tudo...

1º POETA.— Não... o engenho, principalmente!.. Ali ha uma idéa grandiosa e soberbas imagens... que imagens!...

2º POETA.— A poesia é bem original, asseguro-lhe. Inspirei-me n'um...

1º POETA (com entusiasmo).— Originalissima! o senhor talvez não tenha uma producção tão original. E' um grande poeta!

2º POETA.— Obrigado.

1º POETA.— Leu então a minha poesia?

2º POETA (impaciente).— Qual poesia?

1º POETA.— A que eu lhe dediquei.

2º POETA.— Como se chama?

1º POETA.— *O bicho de seda*.

2º POETA.— Não, não a li.

1º POETA.— Publiquei a em todos os jornaes!

2º POETA.— Uma circular!

1º POETA (perdendo as estribeiras). Ora sebo! eu aqui a *engrossar* escandalosamente o seu abominavel *Chãos*, e o senhor nem ao menos leu o meu *Bicho de seda*!

Figueiredo Coimbra

## SADI CARNOT

Hoje, que a França — reconhecida pelos grandes serviços prestados a patria pelo integro cidadão cujo nome epigrapha estas linhas — inaugura, na praça da Republica em Lyon, um monumento para perpetuar a memoria d'aquelle que pagou com a vida seu amor e dedicação a Republica, julgamos de oportunidade estampar o retrato d'esse eminente estadista, transcrevendo em continuação os telegrammas que nos transmitem os detalhes da solemnidade da inauguração do mencionado monumento.



Lyon (França.) 4.— Uma multidão enorme assistio ao acto da inauguração do monumento levantado na praça da Republica à memoria do presidente Sadi Carnot.

O monumento foi declarado inaugurado pelo actual presidente da Republica Franceza, Mr. Loubet, que, ao desembarcar na gare, foi acclamado freneticamente por publico immenso.

Durante a inauguração não cessaram os victores, ao presidente e aos ministros presentes.

O maior pronunciou um discurso e o presidente do conselho outro, recordando a vida de Carnot e dizendo que a sua presidencia representa uma das mais formosas paginas da historia da Republica.

Mr. Loubet disse que tudo quanto tende a melhorar as condições dos humildes tem direito ao estímulo e á solicitude da presidencia da Republica.

Declarou que é esse o seu primeiro dever, pois as obras sociais têm por objecto alcançar a união e a concordia entre todos os filhos da patria.



*A mulher murmuradora e maligna é como um triste rosal condemnado por Deus a não dar mais que duras espinhas.*

## SCIENCIAS e ARTES

### Concepção da vida Evolução d'essa concepção

III

Continuação

Tendo já feito ligeiro estudo da concepção da vida, cabe-nos agora a apreciação da segunda parte do assumpto de que nos occupamos—

A vida não podia ser concebida, em todos os tempos, do modo porque o é hoje, pela sciencia moderna.

Phenomeno excessivamente complexo, a sua concepção não podia escapar á lei sabiamente traçada por A. Comte.

Examinando-se a concepção da vida, pelo largo correr dos seculos, vê-se-a passar successivamente pelos estados theologicos e metaphysicos, adquirindo a positividade no seculo actual.

Subordinando individualmente o estudo do mundo ao do homem, impossivel era realmente aos que se dedicaram, em passado mais ou menos remoto, ao estudo dos phenomenos vitales, uma concepção racional a este respeito.

E só depois de se haver dado o problema inverso, isto é, só depois de se haver judiciosamente subordinado o estudo do homem ao estudo do mundo, concebendo-se todos os phenomenos vitales como dependentes das leis geraes do meio cosmologico—é que a biolo-

gia, tomando um caracter mais scientifico, permittiu que a concepção da vida fosse adquirindo um caracter mais positivo.

A vida ora é considerada como o resultado ou a manifestação de vontades sobre-naturaes; ora é tida como immediatamente subordinada ás influencias metaphysicas; ora é dominada pelas conclusões exaggeradas dos materialistas.

Eis porque, desde remotos tempos, vemos caminhar duas escolas que se repellem procurando definir-nos a vida, sem conseguil-o convenientemente: uma, a espiritualista, enceta sua jornada com Aristóteles, Platão, Hippocrates e outros—é recebida na idade-média, com todas as pompas, pelos sabios mysticos e pelos escolasticos e consegue glorioso apogeu, a sua maior culminancia, com Stahl; a outra escola, a materialista, surge com Demócrito e Epicuro, recebe nos seculos 17º e 18º a importantissima adhesão de Descartes e Leibnitz e chega até os nossos dias, passando por Boehrve sustentada pelos materialistas, que nenhuma distincção fazem entre o mundo inorganico e o mundo organico, a não ser a resultante da maior complicação dos phenomenos correspondentes.

Na escola de Boehrve as manifestações vitales chegam a ser consideradas como um appendice no systema geral da physica inorganica.

Foi inquestionavelmente a reacção determinada pelas consequências absurdas a que conduzem erros desta natureza que deu origem á escola do Atahl.

(Continua)

Alfredo Révilleau



*A mulher modesta é como o diamante de pura agua que brilha na sombra.*

## A DESCOBERTA

A GOULART DE ANDRADE

12 de Outubro!... Reza

A castelhana historia

Que o genovez d'ativo e soberano,

O maior, maior heróe dos genovezes,

Imaginara a empreza

Que o conduzira ao Pantheon da Gloria,

Porque o sabio Aristoteles dizia

Que, no mar Oceano,

Alem das terras da Africa, existia

Uma encantada terra,

Já conhecida dos carthaginezes....

E assim, todas as vezes,

Que Colombo lembrava-se dos sabios

Dizeres do philosopho supremo,

Deixava, orando, lhe cahir dos labios:

«Quanta verdade encerra

Esta oração! Não temo

O horripilante tumulto das vagas:

Quero ver outras terras, outras plagas...»

E, um dia,

Como um sereno luctador, partiu,

Partiu, surcando os infinitos mares...

Deixava a Patria, cheio de pezares,

O «louco visionario,»

Que, dentre as brumas do Futuro, via

Longinquis terras, que já não se viu.

Piloto temerario,

Não receiava mergulhar a vida

No fundo do oceano, eternamente...

Uma só cousa lhe chegava á mente:

Ver aquella região desconhecida,

Esse mundo ideal, novo, descripto

No «Timeu,» de Platão,

Essa immensa, soberba região,

No infinito plantada,

E, antigamente, em sonhos, decantada

Pelos poetas immortaes do Egypto.

E, como a branca espuma fugidia

Rola, no dorso do bravo mar,

Iá a ligeira não «Santa Maria,»

A rolar, a rolar...

E, como a parda e cèlebre gaiota,

Molhando as pernas, pelos mares vãs,

Essa não para uma terra ignota

Iá boiando, á tóa...

E, como um lenço branco, a não errante,  
Por entre os vagalhões, apparecia.  
Era Colombo o bravo commandante  
Da não «Santa Maria»...

Passaram dias e passaram mezes,  
Era sómente mar e ceu sómente...  
O' que viagem cheia de revezes!  
Como soffria aquella nobre gente!

A' galera da Dôr se assemelhava,  
Nos «mares nunca dantes navegados,»  
Essa não que Colombo commandava,  
Cheio de amor e cheio de cuidados...

E terra e terra não apparecia...  
Sempre mar, sempre mar, sómente mar...  
E a maruja de odio já rugia:  
«Quer Colombo morrer ou quer voltar?»

E, um dia, mas que dia venturoso!  
Dia feliz para os navegadores!  
Raiava um sol formoso...

Um bando fugidio  
De passaros das mais bonitas côres  
(Eram ceruleos, santos mensageiros  
Para alegria desses marinheiros)  
Viera pousar no mastro do navio.

E, como um côro de saudosas flautas,  
Nos ares, se perdia  
A cantiga singela desses nautas,  
Ante o sol da Esperança, que surgia.

Doze de Outubro, heroico, irradiara...  
E terra se avistara.

E os verdes montes avultram, rindo...  
Descobrira Colombo o Mundo Novo!  
E as crespas ondas iam repetindo:  
«Salve, Colombo! gloria de teu povo!»

E contam que esse heróe,  
A' Patria regressando,  
Terrivelmente castigado foi  
Por um rei, que... chamava-se Fernando.

Salve, Colombo! timoneiro antigo  
Dos rugidores mares do Levante!  
O teu nome grandioso triumphante  
Encontrará nos seculos abrigo.

Foste maior que o seculo que viste,  
Que o Continente que tu descobriste!

PELOTAS — 1900

João Cavalcanti



Diversões  
**Charadas**

Entre nós á hora do officio di-  
vino passa o rio a embarcação-1-2  
Esta planta da china augmenta  
de valor como na america meri-  
dional o macaco-1-2.

Neste lugar é trigueiraa fructa  
desta planta-1-2.

Augmenta de valor ao passar  
para sua constellação esta estrela-  
2-1.

*Aprendiz*

Esta rede é a unica que conhe-  
ço tão grande-3-1.

Num rio da França este homem  
encontrou um animal-2-3.

A formiga na rama da palmei-  
ra-2-1.

*Alumno*

**Hervalenses**

Arvore para roda de vehicu-  
lo-4.

Cabello e fructa-4.

Saio e buraco-4.

Este individuo é uma flôr-7

*Principiando*

**Enigmas**

*Ao General Soares*

O que o berço dá, a tumba o  
leva.

Onde está o peixe?

II

*Ao Dr. Quintiliano*

Ninguem nasce sabendo, no en-  
tanto para aprender é preciso gas-  
tar dinheiro.

Onde está a moeda?

III

*Ao Broqui*

O amigo Theophilo sophismava  
tudo, porque suas questões eram  
sempre falsas.

Onde está o rei?

*Rodovelo*

**DECIFRADORES**

|                           |    |
|---------------------------|----|
| Raul Nunes Teixeira . . . | 17 |
| Aprendiz . . . . .        | 15 |
| Rodovelo . . . . .        | 15 |
| Principiando . . . . .    | 10 |
| Zaira . . . . .           | 7  |
| Mariano . . . . .         | 7  |
| Lulú . . . . .            | 6  |

**Decifrações**

Retrato. Falúa. Miragaia. Bi-  
chará. Socairo. Constantinopla.  
Cachola. Papa-moscas. Vaga-rosa.  
Napoleão. Mico-cimo. Nuca-cuna  
Pico-cipó. Cajá-jacá. Aprendiz.  
Kalmia. Larim. Creve. Olé. Rata.  
Caspite! Fica deitado?

**Correspondencia**

Aprendiz.—Têm agora um com-  
petidor forte, mas estamos con-  
vencidos de que o velho e eximio  
decifrador não se deixará ven-  
cer.

Alumno.— Como não ha de ter  
ingresso. De par em par abrimos-  
lhe as portas.

Pode entrar... (Ja láiamos des-  
manchar o incognito)... Sr. des-  
conhecido.

*Nota sobre  
Bolo*

Gloria, menina galante,  
Quiz ir á festa da Gloria.

Um tratante

Quando o fogo de artificio  
Ardia, por maleficio,  
A' bella disse uma historia,  
Que a póz vermelha bastante!

Quando, no fim, a ládeira  
Desciam, lhe perguntou:  
— Então minha flôr, gostou?  
E ella, toda prazenteira,  
Assim lhe respondeu logo:  
— Que fogo!

*Braz*

**Na Central**

Onze horas da manhã.  
Uma pessoa distincta dirige-se  
a um empregado e pergunta-lhe:  
— O Sr. director está?  
O empregado, com mão modo  
e voz grossa:

— Não está.  
O visitante com voz doce:  
— E quem o substitue está?  
— Também não está!...  
— Então com quem se pódo  
fallar?

O empregado, medindo-o de al-  
to a baixo, e como classificando-o  
de inoportuno:

— FALLE com o agente.  
— Faz obsequio de chamal-o?  
— E' lá...

O agente, sem levantar os  
olhos:

— O que deseja?  
— Desejava fallar com o dire-  
ctor ou com o vice-director.

— Não estão.

O visitante, cada vez mais suave:  
— Então quando voltarem, te-  
nha a bondade de dizer-lhes que  
aqui esteve o vice-presidente da  
Republica, que vinha visitar a  
estrada.

**Expediente**

Com a entrega deste fascículo,  
que corresponde ao segundo nu-  
mero da 2ª. Seria, principiaremos  
a cobrança da segunda mensali-  
dade.

Rogamos a nossos favorecedo-  
res o obsequio de saldar suas men-  
sualidades se não quizerem soffrer  
interrupção na entrega do hebdo-  
madario.

SÃO AGENTES D'ESTE SEMANARIO:

- Rio Grande**  
Sr. Arthur Loureiro de Souza.  
**Pelotas**  
Sr. Pedro Puchulá.  
**Arroio Grande**  
Sr. Mario M. Costa.  
**Herval**  
Sr. Pedro Loubeira.

**AUGUSTO LEIVAS & COMP.**

Completo sortimento  
DE  
**Seccos e molhados**

Vinhos e Azeites  
**Legitimosportuguezes**

Herva matte "Leivas"  
Verdadeira especialidade; outras  
mareas tambem superiores

Arame de Ferro.  
Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei  
para construccão, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cercas, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

**Negocios em fructos do paiz**  
A preços sem competencia

Comprão e vendem  
Ouro amoldado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DÓS VAPORES DA  
**Linha Regular de Navegação Fluvial**

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte,  
agora em condições de offercer as maiores vantagens possíveis.

Jaguaraõ, 17 de Setembro de 1900

**Quinta do Bomfim**

**Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias**

DE

**AUGUSTO C. DE LEIVAS**

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 a arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
mo estabelecimento, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada,  
doce de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de pri-  
meira qualidade.

# Linha Regular de Navegação Fluvial Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Electrica

Estes vapores, construidos em condições de navegar com segurança e transpor baixios especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinações com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

## VAPOR JUNCAL Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para Jaguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez  
Sahidas de aguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

## VAPOR MIRIM

### Itinerario Fixo ate Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

| Anos | MEZES      | Dias de sahidas |    |    | Observações                                                                                                                     |
|------|------------|-----------------|----|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      |            |                 |    |    |                                                                                                                                 |
| 1900 | Janeiro... | 2               | 14 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo ostrictamente necessario; e no de Santa Victoria á estadia será de 3 dias. |
| "    | Fevereiro. | 10              | 21 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Março....  | 3               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Abril..... | 10              | 22 |    | Os valores, encomendas e cargas só serão despachadas pelas respectivas agencias.                                                |
| "    | Maió.....  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Junho....  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Julho....  | 2               | 14 | 26 | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                                |
| "    | Agosto...  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Setembro.  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Outubro..  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Novembro   | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Dezembro.  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |

### AGENTES

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.      Jaguarão..... Augusto Leivas & C.  
Pelotas..... Conceição & C.      Santa Victoria.. Joaquim Calvete C.

Jaguarão, 1º de janeiro de 1900.

Os proprietarios

Augusto Leivas & C.

Pharmacia Popular

DE

Bandido Pillas-Roas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

JAGUARÃO

Jaguarão, 1 de Dezembro de 1900.

JAGUARÃO

ILLUSTRADO

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 7

A METRALHADORA

Affonso Barbosa & Comp.

Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a que vende  
PREÇOS SEM COMPETENCIA  
Rua 15 de Novembro n. 77

DISPONIVEL

Terencio Ferreira de Freitas

CURVESARIA

DE

Nesta acreditada officina appontamos com esmero e a preços modicos qualquer trabalho com o nome de  
Compre-se outro e prada velha, pagando os mais altos preços de preço  
Rua 15 de Novembro N. 29 Jaguarão

Moreira & C.

Casa especial de fuma  
Deposito permanente de tudo quanto  
concerne a fumaças, objectos de  
arte, brinquedos e variedades  
Rua 15 de Novembro n.  
JAGUARÃO

Rua General Osorio n. 50  
Jaguarão

Rua 15 de Novembro N. 32 - Jaguarão  
Preços sem competencia

Rua Dr. Carlos Barbosa n. 14  
Jaguarão

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cozinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

## LA URUGUAYA

DE  
Adolpho Miralles  
N'esta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito o se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha do melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
Jaguarão

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos do basar e miudezas.

— VENDER A DINHEIRO

E' nosso lema: Ganhar pouco para vender muito

8 - Rua 15 de Novembro - 8  
Jaguarão

Officina de Calçados  
SERIGOTES E CORREAMES  
DE

Augusto Wiener

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade o que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiais empregados na confecção dos artefactos de seus diversos ramos.

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
JAGUARÃO

## CASA DE JOIAS

DE  
Arroque, Santos & C.

Relojaria e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo habéis artistas executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptas obras de ouro e prata por mais delicadas que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO  
Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 3 de Dezembro de 1900

FASCICULO VII

## Dr. Arthur H. de Carvalho

No anno de 1862, na cidade de Bonfim, antigavilla nova

da Rainha, do estado da Bahia, nasceu o Dr. Arthur Homem de Carvalho, filho legitimo do Dr. Luiz Victor Homem de Carvalho, cirurgião mór de Brígada, e de D. Eduwiges Leite de Carvalho.

Com a idade de 13 annos sahio de sua terra natal com destino a Maceió, onde enctou o curso preparatorio concluindo-o no Recife, d'onde regressou mais tarde para a Bahia, matriculando-se na academia de medecina, onde depois de um curso brilhantissimo defendeu these em 1885, sendo approvado com distincção. Apois a formatura seguiu novamente para o Recife, onde pouco se demorou; chegando a Maceió, justamente na epocha em que se agitavão as luctas abolicionistas, nellas tomou parte activissima como orador de diversos Clubs.

Dalli foi para o Rio de Janeiro d'onde veio para este Estado, fixando residencia na cidade do Arroio Grande, onde casou-se em 1893 com D. Maria Clemencia da Silva, natural do Estado Oriental do Uruguay.

Em 1891 foi nomeado deputado a Constituinte do Estado, sendo-lhe renovado o mandato para a segunda legislatura que termina no presente anno. Tendo em 1895 resolvido fixar



sua residencia n'esta cidade, foi nomeado medico-adjunto do Exercicio, de cujo cargo foi exonerado, a seu pedido, no corrente anno.

Se como notabilidade medica o Dr. Arthur Homem de Carvalho occupa um lugar saliente entre seus collegas, não menos digno do apreço e da consideração geral são as qualidades pessoais que o adornam.

Gentleman distincto, intelligen-

cia privilegiada, pensador profundo, orador eloquente que pela riqueza e brilhantes das imagens que aco'linando em borbotões ao chamado de sua palavra inspirada, prendem e encantam: o auditorio sempre avido de ouvir-o, tal é em largos traços esboçado um dos bellos ornamentos de nossa sociedade.

Adepto fervoroso da escola positivista, não é de duvidar que S. S. pelo seu exemplo e pela sua palavra convincente e convida, logrará agrupar grande numero de pro-elytos em torno dessa religião do futuro.

Estampando hoje o retrato de S. S. na sua pagina de honra o «Jaguarão Illustrado» presta justa homenagem ao illustrado e humanitario medico.

Mario

## De Dumas Filho

O grande escriptor almoçava com o Dr. Gistal, e à sobremesa escreveu-lhe estes versos:

Depois que do Dr. Gistal  
Têm as familias trato serio,  
Já demoliram o hospital...

— Lisongeiro! exclamou satisfeito o doutor.

Dumas Filho concluiu:

... E fez-se mais um cemiterio!

R.

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE  
George Ohnet

I  
Aminha Florenciaterá um lindo pé de meia, quando eu tiver acatado de trabalhar a madeira, e para já, dou-lhe dez mil francos de dote.

Madame Daniel teve de confessar timidamente que seu filho teria apenas os seus ordenados, mas que podia contar com o futuro.

Um homem do seu valor não era feito para se enterrar toda a vida n'um lyceen de provincia.

Pronunciou a palavra *Paris* e viu o rosto do marceneiro illuminar-se.

Era evidente que o bom homem, tão simples e quasi humilde quando se tratava de si, tinha sonhado para a filha brilhantes destinos.

Mas tornou-se reservado, quasi silencioso, a partir d'esse momento, e acolheu as amplificações de de madame Daniel com um ar de gravidade.

Declarou á visinha que fallaria á filha da proposta que lhe era feita, e que se ella a não repellisse, consultaria certas pessoas em quem tinha grande confiança, a fim de saber ao certo o que a carreira de um professor de philosophia podia offerecer de satisfação á justa ambição de uma mulher.

Madame Daniel, comprehendendo que não tinha mais nenhuma palavra util a trocar com Guépin, despediu-se d'elle pedindo-lhe que não deixasse penar seu filho que não viveria enquanto não recebesse a resposta.

## SONETO TRISTE!...

A. J. ...

Chora triste min' alma e triste chora meu pobre coração. Sinto os gemidos de dois martyres tristes, commovidos, ante a dôr que me fere e mata agora...

Ditoso, mui ditoso eu fui, embora hoje alma e coração asim feridos eu tenka; embora assim, ambos punçados, sintam a fera dôr que me devora!

Sim! Eu tive na vida mil caricias e o peito repleto de delicias, por isso não lamento o meu soffrer...

Si a morte me tiver já destinado, sorrirei, porque tendo um unjo amado não posso desjar scão morrer!

M. M. Costa

Arroio Grande—1900.

O marceneiro disse que bem sabia o que era amar e que não queria fazer mal a ninguém.

Mostrou-se cheio de bonhomia, como no principio da conversação, e como os seus oratorios começassem a fazer barulho no atelier, reconduziu madame Daniel até a escada, e fez-lhe as tuas despedidas.

Os tres dias, durante os quaes Guépin, muito afadigado, fez esparar a sua decisão, pareceram a Paulo uma eternidade.

Era muito discreto para se mostrar a Florencia, e passava como um'a sombra na escada commum para ir ao lyceen.

O coração batia-lhe de angustia, o cerebro trabalhava-lhe com a incerteza do successo.

Calculava o que podiam produzir todos os seus esforços de trabalho.

Além dos seus tres mil e oitocentos francos de ordenado, tinha a lição que dava ao filho do prefeito, e o curso de litteratura do collegio de mademoiselle Magimel, ao todo quatro mil francos.

Seria bastante para que a meniua Guépin o quizesse?

Desejaria pôr a filha do marceneiro sobre um pedestal.

Tinha-a transfigurado.

Já não era uma gentil creaturinha pertencente á classe operaria de Beaumont, alguma coisa como uma coetã-reirita.

Era uma joven princeza, perdida n'um meio que não era o seu, e acima do qual, pela graça dos seus encantos, radiava com um brilho maravilhoso.

O bom Paulo nadava em pleno mundo maravilhoso

Começava a duvidar que fosse digno da sua

hem amada, e procurava com angustia que homem, no departamento, estaria á altura de casar com Florencia, sem que esta parecesse ser uma victima do destino.

— Meu caro filho, interrompeu Monsenhor Espérandieu, vae-te tornando singularmente prolixo; a sua narração começada com fobriedade vae-se desenvolvendo de mais.

— Ah! Monsenhor, se não me permite pintar os meus personagens, como posso esperar interessal-o nas suas aventuras?

— Vamos ter então aventuras? — Vossa Grandeza julga que uma preparação assim não servirá de nada?

Pensava que os meus artigos da *Scmana religio* a tinham dado a Monsenhor uma opinião mais favoravel das minhas faculdades imaginativas.

— Prosiga então, visto que é preciso que eu soffra as suas explicações...

— «Soffra» é duro...

Pois bem, Monsenhor, passo sobre a combinação de casamento entre Paulo Daniel e Florencia Guépin, que me teria fornecido materia para um pequeno quadro da vida provinciana bastante picante.

Contava tirar partido do jardim assonhado, como moldura, e da borda do poço, como cadeira, para sentar os meus enamorados.

Está vendo d'aqui a bella rapariga loira n'um raio de luz, e os pampanos da vinha verdejante trepando por cima d'ella.

O noivo quasi aos seus pes...

Teria sido muito bonito, mas accusar-me-

hia de me perder em detalhes... Caminho pois direito ao acontecimento grave, ao acto decisivo, á peripecia dramatica d'esta historia d'amor.

— Não posso exprimir-lhe quanto acho extraordinaria essa intriga de um homem destinado a ser padre, disse Monsenhor Espérandieu.

Essas paixões mundanas lançam no meu pensamento um enorme descredito sobre o abba de Daniel.

Parece-me que é impossivel que um coração que experimentou sentimentos tão violentos se tenha pacificado.

— Ah! Monsenhor, e os Santos: S. Paulo, Santo Agostinho, e Maria Magdalena...

— Sim, meu filho, sem duvida, mas todos esses personagens são julgados por nós, n'um passado remoto, não são nossos contemporaneos, temos presente ao espirito, ao mesmotempo que o conhecimento das suas primeiras faltas, o exemplo das virtudes que mostraram depois.

## DE BANDOLIM

Vem, meu amor ouvir a cavatina  
Doce, inspirada, em teu olhar magoado...  
Vem! o luar ha muito que a cortina  
Azul do céu varou de ludo a ludo.

Deixa o teu ninho, e vem!...—espigo afóra  
Vão-se as estrellas tremulas, fugindo...—  
E o azul se doura... e calma, reluzindo,  
Vem despontando a rubicunda aurora...

Deixa o teu ninho, e vem ouvir querida  
O concertante que da immensa altura  
Chega á face da terra adormecida...

Beijos febris, soluços, raiva, pranto,  
Ancias de amor, gemidos de ventura,  
— Tudo se escuta, pallido de espanto...

Erics dos Santos

Enquanto que esse padre, que soffreu todas as paixões dos homens, por mais que me digam que é modelo de caridade, de sabedoria e de piedade, tenho sempre medo que um bello dia as paixões reconhecem a feiver n'elle...

Parece-me que faz mal em dar-me a conhecer a sua vida passada: elle só tem a perder com isso.

— Não, Monsenhor, porque chegamos aos acontecimentos que decidiram a sua entrada nas ordens, e verá que um renunciamto tão completo ás esperanças e ás alegrias humanas não pode deixar de ser definitivo.

— Tem a pretensão de me fazer acreditar que a dôr de ter sido supplantado pelo sr Lefrançois tenha levado Daniel a um tal excesso de desespero que se tenha lançado no seio da Igreja, como n'um precipicio, para ahi abysmar a sua vida, o seu pensamento, as suas dôres, tudo d'elle, enfim?

— Mas, Monsenhor, é isso mesmo; escuso de lh'o fazer acreditar:

Acredital-o-ha sem ser preciso isso e só pela sequencia natural da narração.

Está muito bem informado das coisas da religião para saber quanto estas conversões são correntes.

Conta-se que uma noite, á mesa do rei dos Belgas, não o de hoje, oprecedente, aquelle que todas as vezes que seu povo se agitava, mandava preparar as malas, de modo que as revoltas serenavam como por encanto, tal era o medo que a Belgica tinha de ficar sem rei,— á meza d'esse singular monarcha havia generaes e um bispo, Monsenhor d e Marey-Argenteau.

Começou-se a conversa do exercito, dos soldados, das manobras.

O prelado falava com tanta competencia que o interrogaram curiosamente e ficou estabelecido que, de todos os convivas, dos queres a maior parte comina, davam di visões só o padre tinha entrado em campanha e visto fogo.

Verdade é que tinha sido como coronel de hussards e rob as ordens de Napoleão, que o tinha condecorado com as suas proprias mãos.

Esse brilhante soldado tinha tido a infelicidade de perder a noiva que adorava, e a saudade resolvera-o a entrar nas ordens.

Teria ainda com exemplos para lhe citar, Monsenhor, e que seriam tão conclusivos como este.

E não irei até invocar a Trappa como argumento, apesar de ser um de enorme valor.

— Ah! Ricardo, o nosso abba de Favières tem em si um advogado muito eloquente, disse Monsenhor Espérandieu.

Mas não sei se lhe presta serviço defendendo-o como faz.

(continua)

## HUMORISMO

No jardim do Apollo.  
Um sujeito senta-se a uma mesa junto de outra, onde está uma rapariga, com a qual elle deseja travar conversa.

— A senhora está sôzinha?  
— Provisoriamente, cavalheiro, se não mandar o contrario.  
No Paschoal.  
— E-tás triste?  
— Anaita abandonou-me...  
— Consola-te. Ella voltará.  
— Sim... mas muito mais cara.  
— E dura.  
— E' melhor dizer logo: caradura...

*Flirtage contemporaneo.*  
Um individuo vê nas corridas uma senhora e vae sentar-se perto della.

Enceta o dialogo com uma declaração poetica.

A senhora interrompe-o.  
— Vamos ao caso, meu senhor. Quer ou não mobiliar-me uma casa e proteger-me?

— Apresentou-se a criada pedida por annuncio.

Discutem-se as condições:  
— Tens 50\$000 por mez.  
— A patrão dá licença a uma pergunta?

— Falla.  
Seu marieo é velho?  
— Porque perguntas?  
— Porque então eu pediria mais caro.

Na junta correcional:  
— Accusado, levante-se.  
— Que ha de novo?  
— Responda: já foi condemnado alguma vez, antes des'a?  
— Algum dia lhe perguntei os segredos de familia?

— E torna a sentar-se tranquilamente.

— Encontram-se duas amigas de collegio.

— Que fim levaste ha tanto tempo?

— Casei-me... E tu?  
— Tu? Fiz-me *cocotte*.  
— Estás brincando?  
— Não. Fiquei orphã, sem apoio... Achei um protector que...  
— Pobre Anna! Ao menos, puzestes alguma cousa de parte?...  
— Sim... o pudor.

O Polydoro foi o marido mais condescendente que conheci.  
— Enquanto a mulher fingia-lhe, tudo ia bem.

Mas o Polydoro morreu e a viuva, julgando-se obrigada a fingir que estava pesarosa, contava a uma amiga:

— Pobre amigo! Fui eu que lhe fechei os olhos.

— Ora essa, diz-lhe a amiga: Não valia a pena.

— Fallavam de um casal enjoradido foi de uma complacencia a toda a prova.

— Parece que vivem em muito boa harmonia, affirmava uma amiga.

— E' exacto, acrescentou outra, é o adulterio mais mudo que tenho conhecido.

## Dados interessantes

### Continuação

**Anno 740. A. C.**  
— Buiareo, o primeiro entre os Gregos, pinta a varias cores.

**Anno 713. A. C.**  
— Theodoro de Samos descobre o esquadro e o nivelador; até então adoptava-se o compasso e a regua.

**Anno 609. A. C.**  
— Thales de Mileto dá melhores noções de geometria e astronomia; fixa a obliquidade da elliptica, a redondeza da terra, explica e calcula os eclipses solares e prediz um de sol para o anno 601. Jeremias dicta a Baruch os seus Threnos.

**Anno 590. A. C.**  
— Solon, viajado pelo Egypto e Lidia dá leis aos Athenienses.

**Anno 550. A. C.**  
— Pythagoras de Samos, viajado na India e o Egypto faz-se mestre de sciencias dos habitantes da grande Grecia e da Italia Meridional, dá preceitos de moral, politica, astronomia e geometria. Marselha fundada pelos Tóseos, dá impulso civilizador á raça Gauleza.

**Anno 540. A. C.**  
— Anaximandro e seu discipulo Anaximenes ensinam aos Gregos o uso do quadrante solar a divisão do Zodiaco em 12 casas ou signos, conhecimentos já antigos entre os Egypcios, e compõem as primeiras cartas geographicas.

**Anno 530. A. C.**  
— Cyro introduz o serviço postal na Persia.

**Anno 526. A. C.**  
— Primeira bibliotheca em Athenas, fundada por Pisistrato.

**Anno 506. A. C.**  
— Primeira estatua em Roma em honra de Horacio Cocles.

**Anno 500. A. C.**  
— Gloria da Grecia nas armas, arte e philosophia.

**Anno 469. A. C.**  
— Eschylo e Sophocles disputam o premio da tragedia.

**Anno 456. A. C.**  
— Morte do poeta Piadaro.

**Anno 450. A. C.**  
— Agatereo applica a perspectiva ás decorações theatraes.

**Anno 444. A. C.**  
— Erodoto nas festas Panathenicas lê a sua historia. Florescem os philosophos Melisso, Pythagoras, Empedocles.

**Anno 439. A. C.**  
— Parmenides divide a terra em cinco zonas.

**Anno 437. A. C.**  
— Construção dos Propileus de Athenas. Hippocrates, medico.

Continua

## O rei dos Facinoras

(TRECHHO DE UM GRANDE ROMANCE INEDITO)

Quando a pobre moça voltou a si, estava morta.

— Apalhou-se toda, a ver se lhe faltava alguma cousa. Ai! faltava-lhe, sim, ai! faltava-lhe a cousa mais preciosa que ella possuia: a sua carteirinha de couro da Russia com quinze mil e setecentos em papel e nichkel.

— Não se desmereve o desespero que della se apoderou, verificando esse roubo tremendo.

Lembrou-se do punhal que trazia á liga, mimo do seu velho pae, que Deus tinha em gloria, com o qual o velho cavouqueiro tantas vezes picara fumo e ella outras tantas batera bifés.

— Era uma reliquia de familia.

— O punhal lá estava, enferrujado e digno. A liga, porém, havia desaparecido.

— Também! gemeu a pobre moça numa afflicção que lhe fazia palpitar o seio carnudo. Ah! comprehendendo: tinha um fecho de ouro! Os malditos roubaram-n'o mas foram roubados, porque esse fecho de ouro era de plaqué!

— E grossas lagrimas cahiam-lhe quatro a quatro pelas bellas feições amorenadas.

— Nisto passava um carreiro da visinhança.

— O bom do homem fallou-lhe nestes termos:

— Salve-a Deus, D. Maria da Conceição!

— Que faz por aqui a estas horas, tão alegre?

— Maria disfarçou respondendo:

— Passeio as aguas ferreas.

— A estas horas? Não tem medo do lobishomem?

— Não, mas não se me daria ir na sua companhia á casa da tia Quiteria tomar um cordeal. Sinto-me tão fraca!

— Olhe. Venha commigo para minha casa. Lá estará melhor.

— Pois bem. Sósinha e triste, como me vejo neste mundo, precisó de alguém que me ajude a viver, alentando-me e protegendo-me. Se me dá de comer, se me dá de beber, se me paga casa, vou morar com você!

— Sim, mas em termos, porque não pôde ser de outro modo.

— Porque?

— Porque...?

— O carreiro parou muito embaraçado e constrangido, como um homem bem educado a quem dóem muito os callos num salão de cerimonia; mas não tardou a tomar um ar grave para dizer:

— Maria, vou contar-te um horrivel segredo, que me escalda os labios e a morte. Não posso mais conter essa revelação sobrenatural!

— Diga, diga.

— Eusou teu pai!

— O senhor? você? tu? Não é possível: meu pai morreu, ha quinze annos, de febre typhoide!

— Enganas-te: quem morreu, ha quinze annos, de febre typhoide, foi o marido de tua mãe!

— Ah! exclamou Maria. E cahiu rodadamente, como uma peça bem escripta, nos theatros do Rio de Janeiro.

— Jesus! matei-a! disse, desvairado, o carreiro, que já agora sabemos ser o pae da pequena.

— E' ajoelhou-se, angustiado, junto á filha immovel, inteirificada, como uma lingua secca do Rio Grande.

— Ao longe viam-se os clarões de um incendio.

— O infeliz pae teve ainda tempo pe os ver.

— A minha casa! Lá se vae a minha casa! E não está no seguro! Meu Deus, é muito caiporismo sobre um homem num dia só!

— E pôz-se a assobiar convictamente.

— Enlouquecera!

Ponson Junior

## O N.º 13

A viscondessa é a creatura mais supersticiosa que conheço.

— Adoceo quando entorna-se a vinagreira e passa mal o dia quando encontra um padre.

— E' principalmente o numero 13 que ella mais receia; a tal ponto que não supporta o papa, porque assigna-se Leão XII'.

— E' porisso que ninguem é capaz de vel-a sentada em uma mesa de 13 talheres, por mais succulento que seja o jantar.

— Por haver esquecido este detalhe certo amphitrião escapou de vel-a desertar do almoço de 13 pratos que ha dias lhe fora offerecido.

— Por felicidade enera seu visinho á mesa.

— Logo que um rapido olhar revelou á viscondessa a composição fatidica, em numero de 13 convivas do cenáculo, ella arrastou-me para um gabinete visinho.

— E ali....  
— Momentos depois entramos na sala de jantar e temamos os nossos lugares.

— E como alguém admirou-se de vel-a affrontar as consequências do numero fatidico:

— Oh! nada mais temo, respondeu ella envolvendo-me n'um olhar cheio de confiança e de gratidão, agora estou certa de que somos *pe lo menos*, quatoize!

Josepau



Chamou alguém borboletas os tens olhos... que toleima! Pois ha um fogo que queima esse olhar? Engano atroz! A borboleta não sabe fingir á luz que a inflamma! O teu olhar é a chamma... borboletas somos nós.

C. Ayres

## SCIENCIAS e ARTES

### Concepção da vida Evolução d'essa concepção

IV

Conclução \*

A escola de Stahl rejeitando nas manifestações vitais todas as explicações oriundas dos phenomenos mecanicos, physicos e quimicos, sustenta que taes forças não só não regem os phenomenos da vida; mas são-lhe ainda antagonicos, tendem a destruir os corpos vivos.

Assim é que Stahl julga necessario uma força vital, que, reagindo contra o meio mantenha efficazmente a vida, que é cutão o triumpho indiscutível dessa força sobre as outras peculiares ao mundo cosmologico.

Por essa concatenação de principios é conduzido a fundar o vitalismo.

Considerando porem mais tarde que a força vital, que protegia o organismo, lutando fervorosamente contra as indomaveis forças physicas, tinha de ser fatalmente uma força dotada de summa energia e de mascula intelligencia—confunde-a com a alma e surge então por essa associação de ideias o animismo.

Stahl porem, ao contrario de Basilio Valentim e de Paracelsus admite a alma como principio immaterial e intelligente, immortal, encarregado do governo do corpo.

Essa alma dicta não somente nossos actos voluntarios como preside á todas as funções do organismo.

Os exaggeros desta escola levaram a divisão entre os successores de Stahl: uns só acceitaram a 1ª. parte da doutrina do mestre, isto é conformaram-se com o

vitalismo, repellindo porem o animismo; outros modificaram sua theoria e bom numero d'elles regeitarão-na por completo.

Segundo A. Comte, deve se considerar a escola de Stahl como a formula mais scientifica do estado metaphysico, por isso que, examinando-se a luta entre essa escola e a de Boehraue, se é obrigado a reconhecer que o character organico sempre pertenceu áquella, que jamais desconheceu que a physiologia constituia a sciencia distincta e não, como quer a outra, uma mera dependencia ou um simples appendice no systema geral da physica organica.

Barthez, um dos successores de Stahl, esforçou-se quanto pôde para desembaraçar a biologia da metaphysica: mas pouco iniciado com o methodo positivo, não o conseguiu, creando tambem um principio vital, ao qual deu tambem os fóres da existencia real.

Finalmente surge com Bichat, a doutrina das propriedades vitais, que vem assignalar uma época importantissima na historia da physiologia, pois que tende a nullificar para sempre todas as concepções ontologicas.

Apesar de ser magistral concepção que o faz considerar com abundancia de justiça, o fundador da physiologia moderna, Bichat, que comprehendia que a razão dos phenomenos vitais não devia ser procurada em um principio de ordem superior immediata; mas unicamente nas propriedades da materia, em cujo seio tinham existencia esses phenomenos—não pôde entretanto apanhar a indispensavel e indiscutível harmonia existente entre os phenomenos vitais e os phenomenos physicos. Eis porque concebe a vida por um modo metaphysico, deifirindo-a, conforme já vimos, o conjuncto das funções que resistem á morte.

De Blainville sendo mais bem

sucedido e convenientemente modificada a sua concepção por A. Comte, alcança-se o termo final, offercendo-se ao mesmo tempo mais uma demonstração, no estudo da vida, da grandiosa lei dos tres estados pelos quaes passam todas as concepções humanas.—

Tem-se assim a definição, ja anteriormente apresentada, que satisfaz á todas as prescripções inherentes á vida, enunciando um phenomeno commum a todos os seres vivos, considerados em todas as suas partes constituintes e em todos os seus modos de vida, com exclusão de todos os corpos inertes.

Jaguarião, 25—11—1900.

Alfredo Revilla

\*O que temos escripto com esta epigraphe, representa ligeiro resumo de algumas paginas que a proposito escrevemos em 1895, para uma turma de 4ª. annistas da escola militar, consultando para isso, ja se deixa ver, os mestres no assumpto.

## Notas Industriaes

### FABRICAÇÃO DO PAPEL

Ha tempos, tratando principalmente do papel de impressão, fizemos aqui umas ligeiras notas sobre a fabricação do papel.

Dissemos, entre outras cousas, que o numero de jornaes do Estado tem augmentado consideravelmente nestes ultimos tempos, assim como egualmente se têm multiplicado as empresas typographicas. Apresentamos o pinheiro como materia prima excellente para a sua fabricação, e concluímos, dizendo, que, uma fabrica bem situada, isto é, perto dos pinhaes, podia conseguir toda essa madeira por preço mais que conveniente, não prejudicando o seu afastamento da capital em vista.

## A Mulher e o Espelho

A MULHER (olhando para o espelho).— Sempre sou muito bonita!

O ESPELHO.— E' muito bonita, sim; sou eu quem t'o affirmo, e olha que não fallo sem reflectir.

A MULHER.— Que homem poderá resistir a este rosto feiticeiro, desde que eu o queira seduzir?

O ESPELHO.— Nenhum... isso é, ha um, mas um sómente....

A MULHER (inquieta, um pouco despeitada).— Qual?

O ESPELHO.— Teu marido.

A MULHER (tranquillizando-se).— Ah! esse não se conta! é tão natural...

O ESPELHO.— Sim, o marido não é um homem.

A MULHER.— Ao fim de tres annos de casada, sem desgostos, é verdade, mas tambem sem as grandes alegrias da paixão... ao fim de tres annos de uma existencia prosaicamente tranquilla e fria, não seria por causa do homem a quem a devo que te consultasse com tanto interesse.

O ESPELHO.— Isso percebe-se logo! E' por causa do bello Dr. Ernesto, o de bigode sedoso e perfumado, o formoso, o amavel, o intelligente, o sobre todos gentil Dr. Ernesto...

A MULHER.— Sim, é por causa do Ernestinho... do Ernestinho e dos outros! porque eu adoro esse encantador, quero que elle só goste de mim, mas tambem quero parecer bem, melhor que todas as outras, a quantos me virem.

O ESPELHO.— Essa preocupação é muito da mulher. Estás irresistivel, e nem precisavas de tantos arrebicões para arrebatá-lo dos pobres em transportes de admiração e de amor!

A MULHER.— Não me embo necaria tanto, si não receiasse fi-

car sempre um pouco menos formosa e seductora do que o posso ser... e é principalmente o medo de que outra tenha aos olhos do Ernestinho alguma belleza que eu não possuo... (oh! que medo e que raiva sinto ao pensar em tal!) que me leva a exagerar o trabalho do toucador.

O ESPELHO.— Descansa. Elle só pensa em ti e não vê ninguém mais. Ah! minha filha, quando o teu Ernestinho se lembrar de pôr os olhos em outra, poderás ser a mais bella, ainda que passes todo o dia a arrebicar-te diante de mim, não valerás para elle mais do que o commum das mulhéres. E—acredita-me— todo esse trabalho de toucador é magnifico, completa com admiravel sciencia os teus esplendidos dotes naturaes; mas, si bem estudares a razão porque teu rosto impressiona tão agradavelmente, por que te fazes desejar tanto, porque podes inspirar affeições profundas e paixões violentissimas, irás encontrar talvez, entre mil probabilidades, que não cessas de apurar para que cheguem ao extremo requinte, um senão, um defeitinho, de que não cogitas, porque te passa desapercibido, e que os outros notam perfeitamente e é esse defeitinho, erro proposital da natureza, que decide da tua supremacia esthetica, que te faz mais bella, muito pequenino, muito pequenino, mas não a ponto de desaparecer no conjuncto de bellezas que o seu destaque faz realçar primorosamente.

A MULHER.— Pensando bem, dou-te razão. Já me pareceu notar que tenho o nariz mais comprido.

O ESPELHO.— Pois é talvez o teu nariz que mais concorre para a tua peregrina formosura. Pergunta-o ao Ernestinho.

A MULHER.— Ah! o querido da minh'alma! Mas o que é isto?

(Ouvem-se passos.) Quem é? (Vendo entrar o marido.) Antonio! (Sorrindo-se enleada.) Estava a enfeitar-me.... (Fallando-lhe ao ouvido, n'um subito fogô artificial de rubor.) Era por tua causa, meu bem!...

Figueiredo Coimbra.

## Extravagancias.. chinezas

Ao que parece os chins acham que os costumes europeus são em extremo curiosos e grotescos. Isto que á primeira vista causa estranheza, não deve surpreender-nos, se considerarmos que seus usos e costumes estão de certo modo em opposição completa com os usos e costumes europeus.

Assim, por exemp'o, na China é motivo de regos'jo a mortedosa pais.

Uma desposada chora quando va e occupar a casa de seu marido.

Os chins, ao encontrarem-se em qualquer parte, não perguntam nunca pela saúde um do outro sem informarem-se primeiramente do estado de suas respectivas rendas.

Mostram se seriamente offendidos quando se lhes pede noticias de sua mulher e de seus filhos.

Cobrem a cabeça para saudarem-se, e quando estão de luto vestem-se de branco.

As honras e os titulos são herdadas pelo pai e não pelos filhos.

O titulo de um livro se encontra no fim; lê-se de baixo para cima e da direita para a esquerda.

Os rapazes na escola recitam suas lições dando palmadas no ventre.

As mães nunca beijam seus filhos.

As refeições começam pela fructa e acabam pela sôpa.

Os chins montam a cavallo pelo lado direito do animal; em suas construcções começam pelo tecto, nunca cortam as unhas, dando-se o caso de alguns mandarins ostentarem unhas de 10 centimetros de comprimento.

## Diversões Charadas

*Ao Insigne João Nabuco*

Pode bem ser um enigma  
E transformar-se em charada,  
Compete a ti caçador  
Desenlear a meada.  
De sete letras formado  
E' o seu todo, se afirma,  
Pois que é ave do Brasil,  
O mestre assim confirma.  
Nas quatro, terás lugar  
Não muito longe de ti,  
E nas tres que são restantes  
Só tem son; nada mais vi.  
Junta as quatro com o resto  
Formarás substantivo  
Verás que dá uma ave,  
Pode que sem atractivo.  
Mas, Ulysses tão arteiro,  
De ovos tão caçador  
Conhecia ave igual  
Differente do condor.  
O mesmo, Tell ou Nemrod,  
De pontaria certa  
Não conheciam por certo  
Esta ave Brasileira;  
Mas, tú que sois caçador,  
Na arte de decifrar,  
Da terra do vatapá,  
Parece que vas matar.  
Para mais esclarecer  
Tua fertil intelligencia  
Darei abaixo a charada  
Feita sem proficiencia.  
Desde a prima até a quarta  
Está perto do teu nariz;  
Põe prima antes da quinta,  
Item, item sempre diz.  
O nome todo em lieha  
Talqual o mestre nos diz  
Pode, como tú matar,  
Mas, jamais um aprendiz.

E' pequena, còr cinsenta,  
E muito madrugadeira,  
E tambem posso afirmar  
Que é uma ave Brasileira.  
Jaguarão.— D. X.

Serve para dormir neste rio de  
Portugal quando soffre se desta  
doença-2-2  
Deste verme entre nós faz-se  
vinho-2-1

*Aprendiz*

Nesta oppressão tenho pena do  
oprimido-2-2  
Neste logar estudava a plan-  
ta-2-2  
Este deus agarrou um passaro  
na embarcação-1-3  
Este signo aqui dá luz á mulher-  
2-1-2

*I. F. C.*

No ar, na terra, na terra e no  
ar-1-2

AO RODOVELO

I  
De estados sou o primeiro-2  
Na escala primeira sou-1  
E por me achar neste estado  
Até com febre já estou.

AO APRENDIZ

II

Chega-te a mim, tens abrigo-1  
Foge de mim que te furo-2  
E se estás assim soffrendo  
E' furando que te curo.

*Noviço*

*Hervalenses*

Marca e pelle—4  
Summidade e vasilha—4  
Homem branco e idiota—4  
Homem e canhão—7

*Principiando*

AO APRENDIZ

Panno e flecha—4  
Homem e rio—4  
Musico celebre e montes—4

*Raul Nunes*

## Logogripho

AO APRENDIZ

Se contendo vinte braças-3-7-3  
E sou de fios formada-3-4-5-2  
Sou porisso bem temida  
Quando em mattas encontra-  
da-1-4-6-2.

E' aqui bem conhecido  
E bastante apreciado  
Vê seu nome muitas vèzes  
No —Jaguarão Illustrado—.

*Noviço*

AO RODOVELO

Com a trombeta que empunha  
5-4-7-4  
Tudo neste mundo tem-5-6-7  
Com a flecha do seu arco-1-  
4-3-4

Não é bonita tambem-5-2-6-4.  
Mas quem será afinal?  
Pois não sabes Rodovelo?!  
De prata moeda na India  
Procura e has de sabel-o.

*Raul Nunes*

## Enigmas

A's direitas e ás avessas  
de lindas côres. Patranhas.  
*Principiando*

## Decifrações

Canôa. Coalta. Cabeça. Altair.  
Copioso. Dromedario. Içara. Nipa.  
Ripa. Sicrano. Atum. Sophis.

## DECIFRADORES

Raul Nunes . . . . . 11  
Aprendiz . . . . . 40  
Principiando . . . . . 8  
Lulú . . . . . 8  
Mario . . . . . 8

## Correspondencia

Mario M. Costa. — Recebemos  
em tempo a importancia da assigna-  
tura da 1ª. serie; gratos pela  
remessa.

Ovidio. — Sejais bem vindo «Ja-  
guarão Illustrado» e os leitores  
terão muito a lucrar em vossa pre-  
ciosa colaboração.

Noviço. — Esse noviço não será  
um sacerdote ja sagrado?

## Expediente

SÃO AGENTES D'ESTE SEMANARIO:

**Rio Grande**

Sr. Arthur Loureiro de Souza.

**Pelotas**

Sr. Pedro Puchulú.

**Arroio Grande**

Sr. Mario M. Costa.

**Herval**

Sr. Pedro Loubeira.

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
Cocos e molhados

Vinhos e Azeites  
Ultimosportuguezes

Herva matte "Leivas"  
Laticeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores

Arame de Ferro  
Unizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
marcas.

Madeiras de lei  
para construcção, taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cercas, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
A preços sem competencia

Comprão e vendem  
Ouro amoeado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DOS VAPORES DA  
Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte,  
em condições de offerecer as maiores vantagens possíveis.

Jaguarão, 17 de Setembro de 1900

# Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 o arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mes-  
tabelecimento, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada,  
de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de pri-  
qualidade.

## Linha Regular de Navegação Fluvial Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Eléctrica

Estes vapores, construídos em condições de navegar com segurança e transpor baixos especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinações com as diligências que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

### VAPOR JUNCAL Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para aguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez  
Sahidas de aguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

### VAPOR MIRIM Itinerario Fixo até Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

| Anos | MEZES      | Dias de sahidas |    |    | Ohservações                                                                                                                     |
|------|------------|-----------------|----|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|      |            |                 |    |    |                                                                                                                                 |
| 1900 | Janeiro... | 2               | 14 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo e-trictamente necessario; e no de Santa Victoria á estadia será de 3 dias. |
| "    | Fevereiro. | 10              | 21 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Março....  | 3               | 11 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Abril..... | 10              | 22 |    | Os valores, encommendas e cargas sô serão despachadas pelas respectivas agencias.                                               |
| "    | Maió.....  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Junho....  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Julho....  | 2               | 14 | 26 | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                                |
| "    | Agosto...  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Setembro.  | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Outubro..  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "    | Novembro   | 2               | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "    | Dezembro.  | 10              | 22 |    |                                                                                                                                 |

### AGENTES

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.     Jaguarão..... Augusto Leivas & C.  
Pelotas..... Conceição & C.     Santa Victoria.. Joaquim Calvete C.

Jaguarão, 1º de janeiro de 1900.

Os proprietarios

*Augusto Leivas & C.*

AUGUSTO FAMILIAR SOB

ADVOCADO

Rua General Osorio n. 5

Jaguarão

AUGUSTO FAMILIAR SOB

DE JOSE HIPOLITO CARCIA

Excenta com nitidez e perfeição pelos processos mais modernos todos os trabalhos concernentes a sua arte. Especialidade em retratos de crianças por mais irrequietas que sejam.

RETRATOS A' GRAYON

Todos os trabalhos são garantidos

Preços sem competencia  
Rua 15 de Novembro, N. 32 — Jaguarão

Pharmacia Popular

—DE—

Candido Villas-Bôas

Rua 15 de Novembro - esquina da Andrade Neves

JAGUARÃO

Jaguarão, 12 de Dezembro de 1900.

—JAGUARÃO—

ILLUSTRADO

Orgão Literario, Scientifico e Artístico

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Redacção: Rua 15 de Novembro 73 A

Preço do num. avulso, 500 rs.

Por serie de 4 num<sup>os</sup> 1:500

Anno 1

Fasciculo N. 8

A METRALHADORA

DE  
Affonso Barbosa & Comp.

Esta acreditada loja de fazendas é a mais bem surtida desta cidade e a que vende

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Rua 15 de Novembro n. 77

Jaguarão

DISPONIVEL

Terencio Ferreira de Freitas

CURIVESARIA

Nesta acreditada officina appontta-se com esmero e a preços módicos qualquer trabalho concernente á arte  
Compre-se ouro e prata velha, pagando os mais altos preços da praça  
Rua 15 de Novembro N. 29 — Jaguarão

Moreira & C.

Deposito legimamente de tudo quanto é concernente á fumaças, objetos de escriptorio, pertencentes á variedade.  
Rua 15 de Novembro n. 32  
—JAGUARÃO—

# HOTEL DO COMMERCIO

DE  
Olympio Suzini & Comp.



Este estabelecimento, tendo soffrido importantes reformas, acha-se em condições de bem servir as pessoas que o quizerem honrar com sua confiança.

A cosinha está sob a direcção de habil profissional e presidirá a todo o serviço da casa a maior ordem e asseio.

28 Rua Quinze de Novembro 30  
Jaguarão

## LA URUGUAYA

DE  
Adolpho Miralles

Nesta casa de calçados, caprichosamente montada, encontra-se feito e se faz sobre medida calçados para senhoras, homens e crianças, desde o mais inferior ao que ha de melhor.

Preços sem competencia  
42 - Rua 15 de Novembro - 42  
Jaguarão

## "Ao Seculo XX"

Loja de fazendas, roupa feita, artigos de basar e miudezas.

— VENDER A DINHEIRO —

É nosso lema: Ganhar pouco para vender muito  
8 - Rua 15 de Novembro - 8  
Jaguarão

Officina de Calçados  
SERIGOTES E CORREAMES  
DE

Augusto Wiener

O estabelecimento mais bem montado d'esta cidade o que trabalha com machinas dos systemas mais aperfeiçoados, desafiando a competencia tanto nos preços como na qualidade dos materiaes empregados na confecção dos artefactos de seus diversos

43 - RUA 27 DE JANEIRO - 43  
JAGUARÃO

CASA DE JOIAS  
DE

Arroque, Santos & C.

Relojaría e Ourivesaria

Esta acreditada casa possuindo habéis artistas executa todo o qualquer concerto de relógios, bem como promptílica obras de ouro e prata por mais delicados que sejam os trabalhos.

Preços moderados  
44 - Rua 15 de Novembro - 44  
Jaguarão

# JAGUARÃO ILLUSTRADO

SEMANARIO

LITERARIO, SCIENTIFICO E ARTISTICO

Lacombe & Filho  
EDITORES

ADMINISTRAÇÃO

Rua 15 de Novembro N. 73 a.

Castro Junior  
DIRECTOR

ANNO I

Jaguarão, 21 de Dezembro de 1900

FASCICULO VIII

## DR. FAUSTINO CORRÊA

Em 12 de Outubro de 1872 nasceu n'esta cidade de Jaguarão o Dr. Faustino Corrêa, filho legitimo do saudoso major José Vicente Corrêa e da Exma. Sra. D<sup>a</sup>. Maria Carolina Rodrigues de Corrêa.

Iniciou aqui seus estudos completando os preparatorios na cidade de Porto Alegre, seguindo depois para a Capital da Republica, onde matriculou-se na Academia de Medicina em Abril de 1893. Defendeu brillantemente a these que apresentou, sendo aprovado com distincção e recebendo o gráo de doutor em Abril de 1899.

A principios do corrente anno, ingressou no exercicio como medico-ajunto, sendo nomeado para servir na guarnição de São Borges, onde de-

morou-se pouco tempo, regressando para esta cidade no gozo de licença.

Moço estudioso e intelligente, caracter affavel e educação esmerada, taes são ligeiramente es-

pa hoje a pagina de honra de nosso hebdomadario.

Da illustração e da dedicacão ao estudo do talentoso medico, Jaguarão tem muito a esperar, pois seus distinctos collegas fazem

justiça a seu ineontestavel merito, e do reconhecimento de suas habilitações recebeu prova cabal, quando o illustre Dr. Carlos Barboza Gonçalves, durante uma ausencia assaz prolongada, deixou-o incumbido de sua clinica e encarregou-lhe substituil o nas suas funcções de medico da Santa Casa de Caridade.

O Dr. Faustino Corrêa honra o terrão que foi seu berço, e o «Jaguarão Illustrado» n'estas tozas linhas presta merecida homenagem ao merito, foudando ufano o illustrado apóstolo da sciencia medica.



boça dos os traços biographicos do distincto medico cujo retrato occu-

Mario

## Pensamentos

Ha pessoas sensibilissimas que choram presenciando ou experimentando uma alegria muito intensa. São os antipodos d'aquelles marmores com vida que assistam a velorios para encher o estomago e rir-se dos que choram.

Até hoje — ainda que ofenda a fama que resplandece sobre a ultima perfeição do invento — tem-se considerado a maquina de voar como um systema de locomoção unicamente pela parecencia que essa palavra tem com uma moção de loco.

O novelista psicologo que quer

fazer o estudo de personagens reaes, tem que acreditar o resultado de suas observações com as cans da experiencia. Os jovens autores quasi nunca acertam: julgam-os por si, e como elles, são os heroes de suas novelas.

Se predicar o bem é moral, tambem o é ensinar a fugir do mal.

Alfredo Varsi

## O ABBADE DE FAVIÈRES

DE  
George Ohnet

I

A prudencia mandaria levar as coisas com mansidão, em vez de entrincheirar esse *maître* nas ultimas extremidades por uma resistencia que o vae desesperar.

Censurava-lhe já, esta manhã, o ter sido autoritario de mais, e eis, meu caro filho, que o vejo ainda mais do que eu.

— Oh! Monseñhor, eu não sou nada, disse o moço abba de com uma risinha humilde, nada senão o seu servo-fiel... E, se ordena que me cale, não pronunciarei mais palavra.

N'este momento, uma sineta resou no pateo, agitada por uma mão discreta.

O prelado ergueu-se e olhando para o seu secretario:

— Tocam para o almoço.

Dê-me o seu braço, Ricardo; a meza continuará a sua narração; porque agora que a começou, desejo conhecer o resto.

E encostado ao seu favorito, mais por affectuosa familiaridade que por fraqueza doentia, o Bispo dirigiu-se para a sala de jantar.

II

Tudo o que o moço abba de Préfont tinha contado ao seu bispo era rigorosamente exacto, e não havia um só dos habitantes da cidade que não tivesse ao menos ouvido falar dos incidentes que tinham acompanhado o casamento do rico Lefrançois com a encantadora Florencia Guépin.

Tinha havido bastante inveja levantada pela fortuna imprevista d'aquella bonita rapariga desposando o burguez mais rico d'aquel-

## A TASCA

(F. Coppée.)

*Dentro, na esconsa meza, onde fervia  
Um enrame de moças, sussurrantes,  
N'um raio morno e tremulo do dia,  
Españejando as azas faiscautes,*

*Vi-o; bebado estava e embriagantes  
E capito os vinhos mais belia,  
E em tedio, como os fartos ruminantes,  
A larga bocca, estúpida mecia...*

*E eu pensava: «Se a tantos não perdesse  
O coração!... E assim pensando d'esse  
Ebrio, sem elle o presentir sequer,*

*Cheguei-me e vi: seu dedo, com tristeza,  
No vinho esparsa que ensopava a meza  
Ia traçando um nome de mulher.*

RAYMUNDO CORREIA

la região, para que as linguas não se tivessem acerado á custa d'aquelles que lhes davam assim occupação.

E se alguma censura se podesse fazer ao secretario de Monseñhor Espèrandieu, teria sido o mostrar-se elle demasiado indulgente nas suas apreciações.

Voltando a Daniel, aggregado de philosophia.

As pessoas a quem o pae Guépin se resolvera a pedir conselho, tinham-se certamente mostrado favoraveis ás pretensões do joven professor, porque ao cabo da semana foi admittido a fazer a sua côrte.

Depois de alternativas de desespero e de confiança, a alegria de Paulo Daniel foi quasi sobre-humana.

Não podia acreditar, apczar do que lhe dizia Guépin, das lagrimas de sua mãe e dos sorrisos da sua noiva.

A primavera começava.

Ficou combinado que se esperaríam as ferias para realizar o casamento.

Era uma idéa razoavel.

Os noivos iriam para Besthencourt, a pequena propriedade de madama Daniel, procurar a tranquillidade propicia á felicidade.

Evitar-se-ia um casamento official, porque todos os professores e empregados do lyceu estariam emferias em casa de suas familias.

Não havia, pois, senão vantagens na resolução tomada, e no entanto foi esta prudencia a causa de todas as desgraças.

Havia tres mezes que a menina Guépin e Paulo Daniel estavam promettidos e gozavam do mais perfeito contentamento.

A boa harmonia reinava entre os paes.

Reuniam-se, tres vezes por semana, para jantar em familia.

Tudo ia pelo melhor, o caminho estava sem obstaculos, e o céu sem uma nuvem, quando, pelo maior dos acasos, uma manhã, ás 10 horas, o sr. Lefrançois, a quem Guépin restaurava os sobrados do seu palacio, teve a phantasia de ir em pessoa destrampar o marceneiro por uma má execução da obra que tinha notado na vespera.

Entrou no *atelier*, com um ar sombrio, sem mesmo levar a mão ao chapéu, e começava a dizer impertinencias ao marceneiro, quando se abriu uma porta e a menina Florencia entrou.

Lefrançois ficou calado, velaram-se-lhe os olhos, descobriu-se instantaneamente, e interrompendo as suas reprehensões, perguntou ao seu mestre d'obras quem era aquella encantadora.

«E' minha filha», disse Guépin, contente com aquella diversão

que lhe poupava a segunda metade da mercurial.

O banqueiro, pela primeira vez na sua vida, mostrou-se gracioso e amavel.

Fez á menina Guépin os mais lisongeires cumprimentos, e, como não podesse separar-se d'ella, sentou-se pachorrenitamente sobre um banco de trabalho e ficou a conversar com o seu marceneiro, elle que era todo orgulhoso, quando respondia a um subalterno senão sim ou não.

Voltou no dia seguinte, mas não teve a boa fortuna de encontrar a donzella, e perdeu as passadas.

Mas, como lhe era preciso um pretexto para obter as suas entradas livres na casa, encomendou a Guépin, para o seu castello d'Orcimont, um armario muito complicado, cuja fabricação desejou vigiar.

Desde então, appareceu todos os dias no *atelier*, e teve o prazer de tornar a ver Florencia.

O pae Guépin, que não era nenhum tolo, tinha-se admirado a principio com a assiduidade de Lefrançois.

Conhecia as manias habituaes do seu rico cliente.

Sabia que o banqueiro nunca tinha concedido nada por nada.

E a sua propria familiaridade devia mesmo, n'um dado momento, pagar-se como outra coisa qualquer.

Não podia pensar que Lefrançois, aos 45 annos, e com a sua figura de contratador de gado, tivesse a pretensão de seduzir Florencia.

Entretanto, era claro que o seu cliente tinha um projecto não pro-

## NO AZUL

*Por toda a noite, no arco céo, abrindo  
Tremulamente a palpebra medrosa,  
A's estrellas, a lua vaporosa,  
Uma por uma andou isto inquerindo:*

*Quem tange assim na terra a dulçurosa  
Harpa do beijo? Que rumor infundo  
E' esse que enche o azul e vem subindo  
Como uma prece mystica e saudosa?!*

*Quem ama assim e quem assim amando  
Volte ao passado, á Grecia epicurista,  
Os amores dos Deuzes relebrando?!*

*Ella decerto, cuja voz delcila;  
Ella,— a virgem mais pura e mais artista,—  
Responde «Sirius» toda em luz desfilta...*

Erice dos Santos

mettia seguramente nada de vantajoso para outrem.

O marceneiro julgou conveniente elucidar Lefrançois sobre os projectos que tinha formado para a filha.

Uma tarde que este estava installado no *atelier*, estudando pela decima vez o plano do famoso novel, que lhe fornecia regularmente a occasião d'uma critica destinada a demorar o trabalho de preparação e a permitir fazer intervir a menina Guépin no debate para o animar, o marceneiro disse, com um ar velhaco:

— Se eu fosse tão minucioso para a mobilia de minha filha como o senhor é para o seu armario, a pobre pequena não podia casar antes de dois annos.

Lefrançois, a estas palavras, mudou de côr.

Fez a sua careta dos maus dias, e olhando para o operario como se se preparasse para o estriangular:

— Que é que eu ouço, disse elle no tom de parente a quem ninguem consultou, a menina Florencia vae casar?

— Sim, Sr. Lefrançois, e tenho a honra de lh'o annunciar. A noticia é ainda muito fresca.

— E com quem se casa? perguntou o banqueiro cuja voz se tornou zombeteira.

— Com o Sr. Paulo Daniel, professor de philosophia no lyceu da cidade.

E' um homem muito sabio, aggregado, doutor, tudo o que é preciso para chegar aos mais altos cargos.

Lefrançois interrompeu Guépin com um assobio tão chocarreiro, que este ficou meio comprometido.

— Um professor? Um triste professor de philosophia, para marido d'esta encantadora rapariga? disse elle sublinhando as suas palavras com um gesto que punha o noivo mais raso que a terra.

Um pedagogo coçado, pobre e sem futuro?

Está doído, Guépin!

Era tão claro, tão affirmativo, tão indiscutivel quasi, que o marceneiro ficou aquilado, e teve a suspeita brusca de que tinha feito uma tollice.

Ficou silencioso, com os pés mettidos na serradura, os olhos no chão, dizendo consigo:

«Mas o Sr. Lefrançois tem tal-vez razão.»

Que idéa de ter tanta pressa em casar Florencia! Seria pois um grande embaraço encontrar forma para o seu pé? Não teria eu andado levemente?

Como se lêsse no pensamento do interlocutor, o banqueiro continuou:

— E' verdade que enquanto não ha pregões, nada está feito; não passa tudo de combinações.

Continua

## SCIENCIAS e ARTES

### ENSAIOS SOBRE CRUZAMENTOS DE GADO

A CRUZA DO DEVON COM O SHORTHORN

O resultado de uma cruzada directa entre duas raças oppostas de grande valor, oppostas por ter-se conservado o seu sangue perfeitamente bem separado e distincto durante um longo período de tempo, não são geralmente conhecidos nem se comprehendem bem.

O objecto de nossos ensaios actuaes não é formar uma raça nova, mas sim obter novilhos do typo e da qualidade da primeira raça e que conservem ao mesmo tempo certas excellentes qualidades da segunda.

Para criar qualquer qualidade de gado é indispensavel estudar em primeiro lugar, como hão de se sustentar ou qual será o seu ambiente de vida desde o seu nascimento até o seu completo desenvolvimento; pois que uma raça pôde adaptar-se completamente a certos campos e dar prejuizos ou resultados pouco satisfactorios em outros.

O que se procura nos ensaios actuaes nesta «cabaña», cruzando vacas que tenham pelo menos 50 por cento de sangue Shorthorn (Durham) com touros Devon, é obter certas excellentes qualidades das mães:

I.— Uma natureza rustica e maior actividade, o que facilita a prole encontrar os alimentos e as aguadas, e obter o engorde durante todo o anno.

II.— Diminuir o tamanho, reduzindo a ossatura e aumentando a proporção da carne magra com relação à gorda e melhorar a qualidade da primeira.

III.— Dar uniformidade em pello, obtendo-se assim gado mais visível na visinhança.

Tendo, portanto, exposta o objecto que tivemos em vista, vejamos agora os resultados obtidos em outros paizes onde a criação do gado se faz nas mesmas condições que no Uruguay, e nossa primeira autoridade é o Sr. Gordon, inspector em chefe da criação em Queensland, Australia, e que escreve o seguinte:

« O Devon sómente em 1870 ganhou o favor publico na Australia; notou-se então que a cruzada do Shorthorn com o Devon produz um excellent animal de corte. Verificou-se que nos campos de coehilhas e nas regiões montanhosas, sendo o Devon mais robusto e mais activo do que o Shorthorn e o Hereford, supporta melhor as grandes viagens do que qualquer outra raça; tem sido introduzido em grande escala nos rodeios de Queensland, que hoje estão em alto grão mestiçados com o typo Devon. Como productores de carne não tem rival nas pastagens australianas.

A Australia está sujeita a grandes sêccas que causam a morte de grandes quantidades de gado e se tem verificado que a raça Devon é a que melhor as supporta; é notavel pela sua longevidade e a julgar pela preferencia que hoje se lhe concede, o povoamento das estancias australianas por gado mestiço Devon é apenas uma questão de tempo. Um dos estancieros mais importantes, o Sr Mac Aush, tem um grande rodeio de animaes Devon puros, com o fim de fornecer os touros para seus vastos campos de criação.

O gado destas paragens era Durham; mas na estação das grandes sêccas, verificou-se que não era bastante robusto para supportal-as. O gado obtido dos touros Devon, denota um grande adiantamento, pois quando chega a estação das chuvas, o Devon já está meio gordo quando o Durham recem principiou a arribar.»

Chegou ao nosso conhecimento o seguinte testemunho importante das grandes estancias dos Estados-Unidos:

« Os Srs. J. Walton Junior & C. de San Antonio, Texas, attribuem os máos resultados obtidos com gado fino em suas estancias ao facto de terem os criadores neste Estado utilizado as raças de maior tamanho. Acrescentam, « os estancieros que têm experimentado o Devon mostram-se unanimemente satisfeitos.

Nunca ouviram formular queixa alguma pelas pessoas que os tem utilizado. Pelo contrario, todos aquelles que os tem tido, segundo estamos informados, têm-se entusiasmado e não desejam possuir outra raça. Todos estão de accordo para dizer que são tão agois e rusticos como os crioulos, caminhando tanto como estes para se alimentar e buscar as aguadas, pelo que se mantêm em boa gordura, enquanto as raças de maior tamanho perecem.

O cruzamento do Devon com vacas crioulas do Texas ou mestiços Shorthorn é de esplendidos resultados. Dá forma, cor e gordura á primeira, agilidade e rusticidade á segunda.

Os preços mais altos obtidos no Texas foram pelos mestiços Devon-Shorthorn.»

Como se verá pelo que precede, o ensaio foi feito sobre bases solidas.

Apartamos touros com 96 por cento de sangue puro Devon, alternando descendentes de sangue Curry-pool e Norah; o do typo escolhido foi o do touro mais pequeno, espesso, robusto e amplo e tão curto de patas quanto foi possível.

O resultado foi uma parição da qual 80 por cento tinha o pello colorado com as formas do Devon, de um desenvolvimento precoce, mas conservando os quartos amplos do Shorthorn.

Esperamos poder exhibir, como resultado deste ensaio, na Exposição de Paysandú, novilhos de 2 annos de idade, afim de que os criadores e os invernoadores possam apreciar as grandes vantagens da cruzada do sangue Devon com o de Shorthorn.

Dr. G. J. French  
Cabaña Loraine. (Traduzido da Revista da Associação rural do Uruguay n. 14 Julho de 1900).

### COMO SE OBTÊM ARVORES ANÃS

Muitos viajantes tem visto nos jardins chinezes certas arvores anãs delicadissimas e de fórmulas muito elegantes.

Eis aqui como os filhos do Celeste Imperio as obtêm:

Perfuram na casca de uma laranja um orificio com dois centímetros de diametro; por este buraco tiram toda a pulpa do fructo e substituem-na por uma mistura de fibras de coco, pedacinhos de lá e pó de carvão.

No centro de tudo isso collocam a semente da planta que querem obter. Lubrificam a laranja de tempos em tempos, e pouco depois o arbusto começa a germinar. As raizes desenvolvendo-se atravessam o invólucro, mas cortam-nas sempre rente da casca, durante dois ou tres annos, segundo a classe da planta que escolheram. Conseguem então uma arvore em miniatura, com dez ou doze centímetros de altura e com todos os detalhes de uma arvore adulta.

E assim continúa a vegetar e dar fructos durante um grande numero de annos.

Um experimentado philanthropo annunciou pela imprensa que tinha sempre na sua bolsa 500\$000 á disposição dos amigos.

Ler o annuncio e apresentar-se logo o primeiro da interminavel

enfada dos *taes*, foi obra de alguns minutos apenas.

— Aqui estou, meu nobre e estimado amigo. Venho cumprir o grato dever de saudal-o e abusar da sua bondade, pedindo-lhe por emprestimo 500\$000.

— Agradeço ao amigo os obsequios com que me distingue; sinto, porém, dizer-lhe que é-me impossivel satisfazer ao seu pedido.

— Como?! Pois o amigo não annunciou...

— Exactamente. Annunciei que tinha sempre na minha bolsa... 500\$000 á disposição dos amigos.

— N'esse caso...

— N'esse caso não lh'os poso emprestar, porque seria faltar a minha palavra. Emprestando-lh'os fico sem elles, e ficando sem elles não posso continuar a tel-os á disposição dos amigos.

### Approximação

Desposar o Juvencio pretendia A bella Emilia, q' era um fazendão!

Ella casou com outro, e foi Maria, Irmã da mesma, quem lhe deu a mão

Do casamento, pois, na loteria, Teve Juvencio uma approximação!

Fra-Diavolo

### TABOÁ

Encasacado — um gentleman perfeito, Flor na lapella e luvas ostentadas, Encostando o chapéo no largo peito, Elle, com reverencias estudadas.

Dirige-se ao barão — um bom sujeito E pao feliz do duas alvoradas, Gemeas de seu casal... iguaes no geito, Iguaes na formosura... e apatacadas!

— Pedia a mão...

— De qual?...  
Fica indeciso, Tal era a semelhança! E um franco riso Desliza pelos labios do barão!

— Não escolho, senhor!... Da que primeiro Dissor-me o sim!

E a modo galhofeiro Ambas a um tempo responderam: — Não!  
Elvira Gama

### Uma Expedição

Um sujeito acorda alta noite sobresaltado com um ruído estranho e vê-se cercado por um grupo de ladrões.

— Soccorro! soccorro!  
O chefe delles, sotaque inglez muito pronunciado:

— E' inutil gritar... Você tem que capitular, foi vencido.

— Vencido? Diga roubado!

— Não, roubada, não. Vencida. Acabamos de ganhar uma victoria e deve pagar o seu resgate.

— Não ha remedio senão rir... Pôde esvasiar as mulas.

— Não; são outras estrangeiras que esvasiam as malas. Os inglezes conquistam e nós conquistamos o seu aposenta.

— Se querem assim... não façam ceremonias!

— Ha muito tempo que queria fazer esta expedição em seu domicilio.

— Você é o chefe destes bandidos?

— Chefe, não; sou seu general. Estes senhores são meus soldados e a prova (*levantando a voz*): Braço armas! Apresentar... armas! meia volta á direita! Abrir as gavetas e os moveis! Es'á vendo que não são ladrões.

— Desculpe-me, tinha pensado.

— Desculpe-lhe porque enfim as apparencias são contra nós (*aos companheiros*) Vamos. Acabaram?

— Sim, general.

— Bem. Partamos. Soldados! fecilito-vos pela vossa coragem! (*solidamente ao roubado*) São azares da guerra; por outra vez será mais feliz. (*Rindo-se*) Meia volta á esquerda! ordinario!... marche. (*Sahem*)

Thomè Junior

## NOTAS INDUSTRIAES

### FABRICAÇÃO DO PAPEL

Ha tempos, tratando principalmente do papel de impressão, fizemos aqui umas ligeiras notas sobre a fabricação do papel.

Dissemos, entre outras cousas, que o numero de jornaes do Estado tem augmentado consideravelmente nestes ultimos tempos, assim como egualmente se tem multiplicado as empresas typographicas. Apresentamos o pinheiro como materia prima excellente para a sua fabricação, e concluímos, dizendo, que, uma fabrica bem situada, isto é, perto dos pinhaes, podia conseguir toda essa madeira por preço mais que conveniente, não prejudicando o seu afastamento da capital em vista da facilidade que se tem hoje nos meios de transporte e do cuidado particular que temido a administração do Estado com tudo que diz respeito ás estradas e á navegabilidade dos rios.

Aproveitamos agora a occasião para dar aos leitores uma noticia importante sobre o papel, a qual encontramos n' *O Paiz*, o grande organ da capital federal.

Eis a noticia :

« Sabe-se que em consequencia do extraordinario crescimento do consumo de papel em todo o mundo, se começa a receiar seriamente o que se chama a *crise do papel*. E' devido o receio á falta de materia prima.

O Sr. Souza Mourreira, distincto jornalista do Porto, acaba de expôr 34 amostras de pastas diversas para este fabrico. Uma é extrahida dos residuos da uva e da rama da parreira, e essa deu optimos resultados.

E nós, com a abundancia que temos de materia prima, a importarmos papel, por preços que crescem todos os dias, quando poderiamos ir adiante da crise, prepara-

ndo-nos para exportadores em condições de vantagem.»

O Rio Grande do Sul, repetimos, com as condições de que dispõe, principalmente quanto á materia prima, está no caso de nada receiar da *crise do papel*, podendo mesmo entrar em concorrência na sua fabricação, concorrência essa, certamente, que só vantagens poderá trazer.

(Do «Jornal do Estado»)

## Um pouco de tudo

### QUANTO OURO!

Presentemente o Banco da França tem em caixa a colossal quantia de 2.225 milhões em ouro, (dois bilhões, duzentos e vinte e cinco milhões de francos.) Este prodigioso monte de ouro é a maior reserva deste metal que ha no mundo inteiro.

Para alcançar egual quantia seria preciso sommar a reserva em ouro da Inglaterra com a da Alemanha, acrescentar a da Hespanha, da Hollanda e da Italia e ainda ficariam 3 ou 4 milhões disponiveis. Um unico paiz pôde, a este respeito, rivalisar approximadamente com a França: é a Russia cuja reserva eleva-se a... 2.073 milhões de francos e resulta dahi que essas duas nações alliadas possuem por si só 4.328 milhões em ouro sobre os 8.380 milhões que representa a reserva de todos os bancos reunidos da Europa.

Diziamos acima que a reserva em ouro do Banco da França representava comparativamente um monte prodigioso. Com alguns simples calculos de comparação poderemos comprehender mais nitidamente pois que todos fallam dum bilhão sem saber exactamente o que representa.

Pois bem! Supponhamos que os nossos 2.225 milhões em lugar de existirem em barras de ouro ou moedas quaesquer estejam unicamente constituídos por moedas de 20 francos. Teriamos assim 112.750.000 moedas. Só para as contar, na proporção de 2 moedas por segundo, o caixa trabalhando 10 horas por dia sem descançar levaria 4 annos 3 mezes e 16 dias! Longa e fastidiosa tarefa, principalmente se por amor proprio o nosso meticuloso caixa quizesse evitar qualquer erro.

Vamos agora suppor, (pondo de parte a questão do equilibrio impossivel) que queiramos sobrepor numa unica pilha essas moedas todas: uma moeda de 20 francos tem uma espessura quasi insignificante, apenas 0,0013, isto é, menos um pouco do que 1 millimetro e 1/3, e entretanto a columna formada por esta pilha alcançaria 16 vezes a altura do Gaurisankar, a mais alta montanha do Himalaya pois que o seu cume está a 8.840 metros de altitude.

Si tivéssemos que transportar esta respeitavel quantia para outro lugar o trem que a levaria seria carregado de 727.500 kilog. representando mais ou menos o peso de duas duzias de locomotivas de 30.000 kilog. cada uma.

Enfim se quizessemos offerêr a avaliação dessas 112.750.000 moedas á meditação dos cyclistas suppondo que as ditas moedas estivessem deitadas sobre o solo, uma ao lado da outra, a linha assim obtida se estenderia durante 2.370 kilometros, de fórma que um cyclista capaz de percorrer 60 km. por hora, velocidade desconhecida até hoje levaria 39 horas e meia para passal-as em revista!

Como bem se pôde supôr esta immensa fortuna não é propriedade do Banco; com os 1.134 milhões de prata,—seja o total 3.389

milhões—ella constitue a garantia ou «couverture» das notas do thesouro em circulação.

Ora, esta circulação alcançava em 16 de agosto 1900, data do ultimo balanço a importancia de 3.946 milhões. A circulação achase pois superior de 557 milhões a importancia da garantia. Mas, o Banco empresta diuheiro sobre titulos e actualmente emprestou 224 milhões aos seus freguezes de Paris e 268 milhões aos do resto da França, isto é 492 milhões que reduzem o deficit a 65 milhões. Emfim o Estado deve 180 milhões ao Banco, de fórma que se por acaso se produzisse um panico ou uma corrida (conforme a expressão em moda) posto que não seja possivel num paiz em que as notas do thesouro tem «curso obrigatorio ou forçado» o Banco poderia não só pagar integralmente todas as suas notas em circulação mas ainda dispôr dum saldo de mais de 100 milhões.

Se por acaso precisasse dum socio.....!

Argus

## ROMANCETE

Todas as tardes, mal sabia o Leonardo, tambem sabia Leonor, para casa de sua amiga Claudina, esposa de um comprovinciano do marido, porque este voltava do trabalho muito tarde.

Aquella, porém, não passara lá o serão; sentira-se indisposta, voltando sem se ter demorado.

E que coincidência! Logo aquella noite tinha dado licença á creada para passear até ás 10 horas!

Estava só, inteiramente só, e assim se deixou ficar, ás escuras, com as janellas todas fechadas, como se na casa ninguem estivesse.

A's 8 horas, no entanto, subia a ladeira o Quincas, rapáz bem apessoado, que orçava pelos 24 annos.

Era um milagre aquillo: tambem o Quincas aquella noite não estava em casa de D. Claudina...

Subindo a ladeira, notou que ninguem da visinhança de Leonor o vira. Então, embarafustou pelo portão do chalet, o qual estava meio aberto, galgou a escada ao lado e, mal a tinha galgado, viu abrir-se immediatamente a porta diante de si.

— Entra, segredou-lhe de dentro uma voz tremula.

Entrou.

— Que lozquinho! Para que ir com aquelle chapéo alto!

— Se não tinha ficado em casa de Claudina, porque ia para o theatro...

— Ella estava alli, já havia meia hora, em pé junto á janella, espiando, pela fresta.

— E's uma santa! disse-lhe o rapaz.

E, levando as mãos espalmadas aos frontaes de Leonor, chamou brandamente a si o seu rosto e osculou-o.

— Olha, apontou ella, aquella estrella bonita está vendô tudo pela fresta!

— Ella está como estavas... Sósinha, na solidão do céu... quem sabe si não espera alguém?

— Não quero que ella nos veja. Sabes? E' um peccado estarmos aqui. Eu devia ter todas as janellas abertas; accesas as arandelas, accesa a casa toda, como si houvesse recepção; e tu devias estar naquella cadeira...

— E tratar-te por *Excellentissima*, e conversar sobre o ultimo *Concerto popular*, não é?

— Sem duvida. Aquella está vendendo as tuas travessuras e vae contar tudo a Deus.

— Mas temos remedio... Aquella porta alli aonde vae tor?

— No meu quarto.

— Pois então fuja; vamos para o teu quarto.

— Lá está a lua...

— Ora, a lua!... Deus já não faz caso das historias que ella conta. São tantas, que todo o céu já está convencido de que é mania.

— Olha, Leonardo, ha oito annos, não entra no meu quarto...

— Teu marido!.. ha oito annos!.. Isso quer dizer que tambem eu não entrarei lá, não é?

— E'...

— Então, eu...

— E a lua?..

— E a estrella?..

— Pois bem, mas com uma condição: ficas sendo uma creança e eu outra. Vou mostrar-te os meus chromos, a minha boneca de quando eu tinha 13 annos, os meus trabalhos de seda frouxa... Mas és um menino; vamos brincar como duas creanças, sim?

— Aceito mas desde já te previno: sempre fui menino muito arteiro

— Muito, muito?

— Luliçoso. Vamos?

— Não posso levantar-me...

Elle ergueu-se. Enlaçou-a com um dos braços pela cintura. Ella inclinou languidamente a cabeça no hombro delle e mais se deixou levar do que foi.

A porta do quarto foi levemente aberta. A franca luz do luar envolveu-os ambos, apparecendo no crystal do espelho o vulto de Leonor, com as faces rubras, o cabelo quasi desalinhado,

— Eu, quando era menino, não usava sobrecasaca, nem collete, murmurou elle, roçando-lhe do leve o fino pello do bigode a concha nacarada da orelha.

E entraram.

A. M.

## Notas da Redacção

Com a entrega d'este numero, ultimo da segunda serie, o «Jaguarão Illustrado» suspende sua publicação.

O que nos sobra de entusiasmo e de boa vontade para continuar dando o nosso modesto periodico á luz da publicidade, falta-nos em recursos pecuniarios para atendermos as despesas inherentes a sua vida material.

O sympathico acolhimento que teve no seu inicio nos tinha feito conceber a esperanza d'uma ininterrupta e prospera marcha; porém, o retrahimento de grande numero de assignantes, a morosidade de muitos na realisação do pagamento das mensalidades, são os poderosos motivos que actuam em nossa determinação e que não nos permitem continuar sua publicação que demandaria sacrificios acima de nossas forças.

Tencionavamos—sempre que os ingressos chegassem a satisfazer os egessos—irmos paulatinamente melhorando e augmentando o numero das gravuras, até que o «Jaguarão Illustrado» pudesse rivalisar com seus congeneres. Não foi possível, paciencia. Foi mais uma esperanza desvanecida.

Agradecemos penhorados a todos aquelles que nos prestaram o valioso concurso de sua intelligente collaboração e bem assim aos que nos favoreceram com suas assignaturas; a todos pedimos desculpa.

Devemos uma explicação aos distinctos doutores Amphilochio Ribeiro e Carlos Dupuis dos que, como parte integrante do corpo medico Jaguarense, deixamos de estampar os retratos na paginade honra de nosso semanario. Do primeiro só obtivemos o retrato faz poucos dias, quando ja achava-se resolvida a supressão do pe-

riodico; e do segundo não nos foi possível conseguilo. Fica assim justificado nosso procedimento. Jaguarão, de Dezembro de 1900  
A Redacção



## Diversões Charadas

O primo de Mafoma com esta ave trepou a arvore-2-2.  
Methodo claro de Umbrellada do Libano-2-2.

Aprendiz

### Hervalenses

- 4—Subterraneo singelo.
- 4—Signal de cabeça e modos soberbões.
- 4—Serpente e punição.
- 4—Jogo, sem siso.
- 5—Muita gente, estúpida.

Principiando

### PERGUNTAS ENIGMATICAS

Ao Raul Nunes

Pergunto se foi por ter na cabeça, nos m'olos, uma especie de torquez de madeira, que ella se tornou presumpçosa.

Ao Principiando

Qual foi o padre que tambem era uma concha pertencente a um planeta e a uma deusa?

Noviço

## Logogripho

Ao —D. X.— author da charada —Aqui qui—

Sendo certo que a amizade—  
Sempre n'alma deixa um traço  
Que nos prende os corações  
Em um permanente abraço-4 3-6-2-1.

Traço que nunca se extingue,  
Pois o seu brilhar é tanto,  
Nem com as aguas de um rio  
Nem com as gottas de um pranto  
7-5-1-8.

Eu venho, correspondendo  
A tua grande fineza  
Provar-te que na minh'alma  
Ha um traço com certeza;

E me sinto bem á gosto  
Confabulando contigo,  
Para saudar a quem sei,  
Sero teu melhor amigo.—  
Cubano

### Decifrações

Aqui qui, Macacôa, Uraca, Forçado, Cantolia, Tangaio, Leocadia, Poeira, Larvado Lanceta, Nota-Tona, Tope-Pote, Cepo-Peco, Izidoro-Rodizio, Raxa-Xara, Lino-Nilo, Lobo-Bolo, Lacombe, Serafim, Arara.

### Correspondencia

Ao Noviço: —As suas apprehensões, infelizmente acertadas, ficam respondidas pelas notas da redacção.

As suas queixas são justas e tambem achará a rectificação na competente secção.

### DECIFRADORES

|                   |    |
|-------------------|----|
| Principiando..... | 13 |
| Aprendiz.....     | 18 |
| Mario.....        | 11 |
| Lulã.....         | 12 |
| Raul Nunes.....   | 14 |

### ERRATAS

O numero de syllabas da primeira charada assignada por I. E. C. está errado. São 2-1 e não 2-2. Na terceira hervalense deve ler-se homem branco em vez de branco.

### Advertencias

Tendo sabido incompleta a noticia que demos em nosso numero anterior sob a epigraphe «Notas Industriales» a reproduzimos hoje na sua integra.

Para cumprir com o compromisso contrahido com nossos assignantes de dar um premio ao descifrador de maior numero de charadas, enigmas & contidas na segunda serie, o periodico «O Commercio» publicará em tempo o nome do vencedor.

# AUGUSTO LEIVAS & COMP.

Completo sortimento  
DE  
Seccos e molhados  
Vinhos e Azeites  
Legitimosportuguezes

Herva matte "Leivas"  
Verdadeira especialidade; outras  
marcas tambem superiores  
Arame de Ferro  
Galvanizados e farpado. Telhas de  
ferro galvanizado de todas as  
medidas.

Madeiras de lei  
para construcção; taboado de todas  
as classes, moirões, lages,  
cerceacs, telhas de barro, etc., etc.,  
Cimento da melhor classe

Negocios em fructos do paiz  
A preços sem competencia

Comprão e vendem  
Ouro amoadado. Saccam sobre di-  
versas praças

Proprietarios e agentes  
DOS VAPORES DA  
Linha Regular de Navegação Fluvial

Todos os artigos de nosso ramo são importados directamente, estando por conseguinte, a casa em condições de offerecer as maiores vantagens possíveis.

Jaguarão, 17 de Setembro de 1900

# Quinta do Bomfim

Fabrica de Doces e Conservas Alimenticias

—DE—

## AUGUSTO C. DE LEIVAS

Vende-se assucar refinado especial a 14\$000 o arroba

Os produtos da fabrica são vendidos no armazem anexo ao mesmo estabelecimento, onde existe sempre compotas de frutas, marmelada, doce de côco, etc.

Para o commercio local preços sem competencia e genero de primeira qualidade.

# Linha Regular de Navegação Fluvial Vapores Juncal e Mirim

Iluminados a Luz Elctrica

Estes vapores, construidos em condições de navegar com segurança e transpor baixios especialmente durante a mais rigorosa secca, estão em combinações com as diligencias que fazem a carreira entre Artigas e Nico Perez e d'ahi pela Estrada de Ferro até Montevideo

## VAPOR JUNCAL

### Itinerario Fixo

Sahidas do Rio Grande para aguarão, com escalas por Pelotas e Santa Izabel, nos dias 8—18 e 28 de cada mez

Sahidas de Jaguarão, para o Rio Grande com as mesmas escalas acima, nos dias 3—13 e 23 de cada mez

## VAPOR MIRIM

### Itinerario Fixo até Dezembro de 1900

Sahidas do Rio Grande para Santa Victoria com escalas por Pelotas Santa Izabel e Jaguarão

| Annos | MEZES      | Dias de sahdas |    |    | Observações                                                                                                                     |
|-------|------------|----------------|----|----|---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
|       |            |                |    |    |                                                                                                                                 |
| 1900  | Janeiro... | 2              | 14 | 26 | No porto de Jaguarão a escala será feita com o tempo estrictamente necessário; e no de Santa Victoria a estadia será de 3 dias. |
| "     | Fevereiro. | 10             | 21 |    |                                                                                                                                 |
| "     | Março....  | 3              | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "     | Abril..... | 10             | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "     | Maio.....  | 2              | 14 | 26 | Os valores, encommendas e cargas só serão despachadas pelas respectivas agencias.                                               |
| "     | Junho....  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "     | Julho....  | 2              | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "     | Agosto...  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "     | Setembro.  | 2              | 14 | 26 | As passagens cobradas a bordo depois da partida do vapor, terão 25% de augmento.                                                |
| "     | Outubro..  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                 |
| "     | Nóvembro   | 2              | 14 | 26 |                                                                                                                                 |
| "     | Dezembro.  | 10             | 22 |    |                                                                                                                                 |

### AGENTES

Rio Grande..... Leivas, Reis & C.     Jaguarão..... Augusto Leivas & C.  
Pelotas..... Conceição & C.     Santa Victoria.. Joaquim Calvete C.

Jaguarão, 1° de janeiro de 1900.

Os proprietarios

*Augusto Leivas & C.*

